



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

MÔNICA DIAS MARQUES

**QUANDO A CASA É UM ABRIGO: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE
IMIGRANTES VENEZUELANOS QUE HABITARAM O POSTO DE RECEPÇÃO E
APOIO EM MANAUS**



**MANAUS -AM
2023**



MÔNICA DIAS MARQUES

**QUANDO A CASA É UM ABRIGO: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE
IMIGRANTES VENEZUELANOS QUE HABITARAM O POSTO DE RECEPÇÃO E
APOIO EM MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira

**MANAUS - AM
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M357q Marques, Mônica Dias
Quando a casa é um abrigo: experiências e vivências de imigrantes venezuelanos que habitaram o Posto de Recepção e Apoio em Manaus / Mônica Dias Marques . 2023
134 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Percepção. 2. Imigração venezuelana . 3. Lugar . 4. Lar. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEDICO

*A Ele que é poderoso para fazer infinitamente mais
do que tudo quanto pedimos ou pensamos*

*A Maria Tita (in memoriam), avó e mãe que com
amor dedicou sua vida ao ensino.*

*A Danilo, Déborah, Michele que sempre transmitiram
apoio e incentivo.*

*A todos os colaboradores que com sorrisos e
lágrimas transmitiram suas histórias de vida.*

AGRADECIMENTOS

A Ele que me proporcionou paz e direcionamento durante toda a trajetória no mestrado, desde o ingresso no programa de pós-graduação até sua conclusão. Nessa jornada pude vivenciar as palavras do Apóstolo Paulo: “que a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guarde os vossos corações e os vossos pensamentos”. Considero a paz algo fundamental, e por esse motivo atribuo a fé a alegria de não desistir e manter o equilíbrio até aqui. Também é fundamental agradecer aqueles que adornaram esse estado de paz e equilíbrio.

Gratidão especialmente a Danilo Medeiros, pelo apoio e carinho, pelo amparo emocional, por sua dedicação em proporcionar um lar como ninho de pensamento e reflexão. A Prof^a Dr^a Amélia Regina Batista Nogueira que entende os desafios de ser estudante, profissional e mulher. Agradeço o apoio, às orientações e ao seu cuidado em não criar um ambiente opressor e estressante, estimo que continue transmitindo graça e luz.

Sou grata ao Programa de Pós-Graduação em geografia (PPGEOG-UFAM) pelo zelo e empatia para com todos os alunos do programa. Agradeço a todos os professores que dispuseram de seu tempo ao programa. Com carinho sou grata a professora Prof^a Dr^a Paola Verri Santana, que sempre me atendeu com sorriso e atenção, e por contribuir na qualificação quando indicou a leitura de Samuel Benchimol.

Agradeço a oportunidade de ter realizado duas disciplinas externas, mesmo que de modo remoto, com o professor Pr. Eduardo Marandola Jr. Essas disciplinas foram muito estimulantes para meu campo de estudo.

Fui feliz em participar do XI Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia e do XX Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) que ocorreu de modo remoto.

De modo muito especial agradecer a todas as pessoas que contribuíram com essa pesquisa, aos imigrantes colaboradores que narram suas histórias, que foram

solícitos e amigáveis, que me receberam em suas casas e no Posto de Recepção e Apoio.

De modo especial agradeço a dona Maria que foi fundamental, ela que me apresentou seus amigos venezuelanos, abriu a porta de sua casa, e facilitou meu caminho até os demais colaboradores e participantes da pesquisa. Meu desejo é que essa mulher guerreira se estabeleça e consiga encontrar o sonhado lar acolhedor para sua família.

Gratidão aos funcionários da SEJUSC e do PRA por me receberem e me apresentarem a dinâmica do espaço, por relatarem as estratégias desenvolvidas no albergamento. Entendo a vontade que os funcionários possuem em acolher os imigrantes e as limitações enfrentadas no local. Entendo o cuidado necessário para dispor de informações solicitadas frente a delicadeza do fenômeno.

RESUMO

O espaço é liberdade, o lugar é vivência, o lar são laços, a casa uma concretude que transcende o concreto. Como disse Tuan “O lar fica no centro de nossas vidas...conota origem e começo” (2013, p.158) e mesmo recomeço. Mas o lar se transfigura com o tempo, com as vivências, com a mobilidade. Mudamos de lugares, recriamos lugares, guardamos lugares, idealizamos lugares, buscamos e construímos um lar. Um ser que (e)imigra experimenta todo esse dinamismo de forma mais intensa, e foi sobre essas experiências que a pesquisa se debruçou, em entender o que é o lugar/lar para o ser migrante. Esse fenômeno desperta questionamentos não tão recentes, questionamentos já feitos por outros estudiosos em outros momentos, reflexões humanistas, fenomenológicas, geográficas. O que é o lugar e o lar? Eles são antitéticos ao movimento?

Assim, nos debruçamos sobre um fenômeno específico: a imigração venezuelana, e sobre dois espaços específicos: O Terminal rodoviário de Manaus e o Posto de Recepção e Apoio em Manaus. Dessa forma, por meio das vivências e narrativas de homens e mulheres venezuelanos que habitam e habitaram esses espaços, buscamos entender o conceito de lugar e de lar, nos questionando se esses dois espaços em algum momento se configuraram como “lugar” e/ou “lar” para os imigrantes que participaram e contribuíram com a pesquisa. Portanto, as histórias narradas e transcritas nesse trabalho nos possibilitaram entender um pouco mais sobre o “lugar” e “lar” frente ao fenômeno da mobilidade humana, pois “Uma história narrada pode significar um mundo com tanta profundidade quanto um tratado de filosofia.” (Merleau-Ponty, 2018, p.21).

Palavras-chave: Percepção - Imigração Venezuelana - Lugar - Lar.

RESUMEN

El espacio es libertad, el lugar es experiencia, el hogar son vínculos, el hogar es una concreción que trasciende lo concreto. Como dijo Tuan “El hogar está en el centro de nuestras vidas... connota origen y comienzo” (2013, p.158) e incluso un nuevo comienzo. Pero el hogar se transforma con el tiempo, con las experiencias, con la movilidad. Cambiamos de lugar, recreamos lugares, salvamos lugares, idealizamos lugares, buscamos y construimos un hogar. Un ser que (e)inmigra experimenta todo este dinamismo de manera más intensa, y fue en estas experiencias que se centró la investigación, en comprender cuál es el lugar/hogar para el ser migrante. Este fenómeno plantea interrogantes no tan recientes, interrogantes ya planteados por otros estudiosos en otras épocas, reflexiones humanistas, fenomenológicas, geográficas. ¿Qué es lugar y hogar? ¿Son la antítesis del movimiento?

Así, nos centramos en un fenómeno específico: la inmigración venezolana, y en dos espacios específicos: la Terminal de Ómnibus de Manaus y el Puesto de Recepción y Apoyo en Manaus. De esta manera, a través de las experiencias y narrativas de hombres y mujeres venezolanos que habitan y han habitado estos espacios, buscamos comprender el concepto de lugar y hogar, preguntándonos si estos dos espacios se configuraron en algún momento como “lugar” y/ o “hogar” para los inmigrantes que contribuyeron a la investigación. Por lo tanto, las historias narradas y transcritas en este trabajo permitieron comprender un poco más sobre “lugar” y “hogar” ante el fenómeno de la movilidad humana, pues “una historia narrada puede significar un mundo con tanta profundidad como un tratado filosófico”. (Merleau-Ponty, 2018, p.21).

Palabras clave: Percepción - Inmigración venezolana - Lugar - Hogar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ocupação Warao nos arredores da rodoviária	90
Figura 2 - Mapa de localização	91
Figura 3 - Espaço habitado	93
Figura 4 - Habitação na Rodoviária	107
Figura 5 - Avenida Joaquim Nabuco	108
Figura 6 - Medidas de distanciamento social no PRA	113
Figura 7 - Tendas do Posto de Recepção e Apoio na Rodoviária	116
Figura 8 - Posto de Recepção e Apoio na Avenida Torquato Tapajós	120
Figura 9 - Novo Posto de Recepção e Apoio	121
Figura 10 - Estrutura do novo Posto de Recepção e Apoio	122
Figura 11 - Rodoviária antes e depois das tendas do PRA	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Imigrantes colaboradores da pesquisa.....	94
---	----

LISTA DE SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

AD - Acción Democrático

ATM - Alojamento de Trânsito de Manaus

CAPS – Centros de Atenção Psicossocial

CNDH - Conselho Nacional de Direitos Humanos

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

COVID-19 - Corona Virus Disease-19

COPEI - Demócrata Cristão Comité de Organización Política Electoral Independiente

DPU - Defensoria Pública da União

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

EUA - Estados Unidos da América

DPE - Defensoria Pública do Estado

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMDH- Instituto de Migrações e Direitos Humanos

MBR - Movimento Bolivariano Revolucionário-200

OBMIGRA - Observatório das Migrações Internacionais

OIM - Organização Internacional para Migrações

ONU - Organização das Nações Unidas

OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PDVSA - Petróleo da Venezuela S.A.

PITRIG - Posto de Interiorização e Triagem

PRA - Posto de Recepção e Apoio

PRI- Posto de Recepção e Identificação

R4V- Plataforma de Coordenação Regional Interagência

SEJUSC - Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania

SISCONARE - Sistema do Comitê Nacional para os Refugiados

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

URD - Unión Republicana Democrática

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
I. PERCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA: O IMIGRANTE E O SENTIDO DO HABITAR.....	21
1.1 - O encontro da geografia com a perspectiva da percepção.....	21
1.2 - O lugar segundo a perspectiva da percepção.....	30
1.3 - Se o ser é situado, como conceber o não-lugar?.....	36
1.4 - O lar como habitar profundo.....	44
II. OS CONCEITOS E A HISTÓRIA ENTRELAÇADAS AO FENÓMENO DA IMIGRAÇÃO VENEZUELANA ATÉ MANAUS.....	53
2.1 - Pensando conceitos e o fenômeno do ser deslocado.....	53
2.2 - História da imigrações para o Amazonas.....	65
2.3 - História da (e)imigração venezuelana.....	77
III. A BUSCA VENEZUELANA PELO LAR EM MANAUS.....	89
3.1 - Vivências: A busca por um lar, um lugar familiar.....	95
3.2 - O Terminal Rodoviário e o Posto de Recepção e Apoio como lugar de ligação.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	129

A ESTRADA

Cidade Negra

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei, ei, ei, ei
Ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei
[...]

A vida ensina e o tempo traz o tom
Pra nascer uma canção
Com a fé do dia a dia encontro a solução
Encontro a solução
Quando bate a saudade eu vou pro mar
Fecho os meus olhos e sinto você chegar
Você chegar
Psicon! Psicon! Psicon! Psicon!
[...]

Quero acordar de manhã do teu lado
E aturar qualquer babado
Vou ficar apaixonado
No teu seio aconchegado
Ver você dormindo e sorrindo
É tudo que eu quero pra mim
Tudo que eu quero pra mim
Quero!
[...]

Meu caminho só meu pai pode mudar
Meu caminho só meu pai
Meu caminho só meu pai
[...]

INTRODUÇÃO

Andando pela cidade de Manaus, no ir e vir, ao realizar atividades cotidianas, nos deparamos em muitas situações vivenciando momentos com imigrantes venezuelanos, a presença venezuelana é sentida no Brasil, e com mais intensidade no norte do país. Não poderia ser diferente tendo em vista o quantitativo de imigrantes venezuelanos que chegaram no Brasil desde 2015 até os dias atuais.

Com o grande número de imigrantes entrando indocumentados no Brasil, as solicitações de Registro Nacional Migratório (RNM) e Refúgio cresceram. De acordo com o Relatório Refúgio em Número do Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE, em 2019 houve um marco de 53.713 solicitações de reconhecimento de refugiados. Segundo o Banco Interativo do Observatório das Migrações de São Paulo, em 2019 o Brasil disponibilizou 89.828 Registros Nacionais Migratórios - RNM para venezuelanos.

Diante do aprofundamento da crise enfrentada pela Venezuela, e devido à proximidade e a política de acolhimento brasileira, que não tem como prática a deportação, o Brasil veio a ser uma das opções para aqueles que deixam a Venezuela, assim como Colômbia, Peru, Chile, Argentina, México, Estados Unidos e outros.

Muitos desses homens e mulheres que chegaram à capital do Amazonas em busca de oportunidades, trouxeram consigo poucos recursos financeiros e muita esperança na bagagem. Infelizmente a vulnerabilidade econômica dos imigrantes resultou em uma série de problemas sociais, tanto em Roraima como no estado do Amazonas, problemas com os quais o Governo vem buscando contornar. Entre os problemas estão, a falta de moradia, que resultou no crescente número de moradores de ruas e da mendicância.

No centro da cidade de Manaus é comum encontrar durante à noite, imigrantes venezuelanos na escadaria da igreja dos remédios aguardando por doações de alimentos. No centro da cidade multiplicaram as hospedagens disponíveis por diárias, espaços pequenos, com pouca segurança e insalubres,

porém que dispõem de baixo custo de aluguel, assim funcionando como uma alternativa para as famílias que precisam de um lugar para habitar.

Nas idas e vindas ao centro de Manaus, percebemos a presença de mulheres imigrantes vendendo café da manhã, trabalhando em lojas, assim como homens venezuelanos que se aventuram como carregadores na feira da banana, atividade tão típica no beiradão.

Sabemos que existem aqueles imigrantes que enveredaram para a contravenção e que apresentam risco à sua própria comunidade. Entretanto existem muitas famílias, homens e mulheres honestos lutando por estabilidade, emprego, moradia, condições básicas de saúde e educação.

Não podemos deixar de destacar o preconceito e a xenofobia que enfrentam esses imigrantes. Muitas vezes, o falar rápido, o tom de voz mais acentuado, as expressões e modos de se comunicar são mal interpretados, isso acarreta em preconceito por parte dos brasileiros que acabam estigmatizando os venezuelanos sem antes conhecê-los.

A busca por assistir aos imigrantes levou o Estado a instituir, em 2018, a Operação Acolhida. Operação que consiste em uma ação humanitária executada e coordenada pelo Governo Federal com o apoio de entes federativos, como ONU, organismos internacionais e entidades privadas. A Operação tem o objetivo de oferecer assistência emergencial aos refugiados e migrantes venezuelanos que entraram no Brasil.

A Operação Acolhida instituiu em Manaus um sistema de albergamento conhecido como Posto de Recepção e Apoio - PRA, localizado ao lado do terminal rodoviário, além de uma série de espaços para atender aos recém-chegados. Próximo ao Posto de Recepção e Apoio - PRA foi criado o Posto de Documentação e Interiorização - PITRIG, na Avenida Mário Ypiranga. O PITRIG tem como objetivo facilitar o processo de documentação, solicitação de refúgio, solicitação de registro nacional de imigrante, abrigamento, auxílios e interiorização.

A observação de todas essas dinâmicas resultou em uma série de questionamentos, como:

1. O Posto de recepção e apoio e a rodoviária podem ser considerados um lar?

2. O Posto de recepção e apoio e a rodoviária podem ser considerados um lugar?
3. O Posto de recepção e apoio e a rodoviária podem ser considerados um “não-lugar”?
4. O Posto de recepção e apoio e a rodoviária são lugares de passagem ou de ligação?
5. O lugar é antitético ao movimento?

Em busca de compreender esse fenômeno, e responder às questões apresentadas, essa pesquisa foi proposta ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas.

Dessa forma o trabalho teve como base os seguintes objetivos:

1. Entender como ocorreu a constituição do sentido de lugar no PRA e na rodoviária.
2. Conhecer através de trabalho de campo a vivência e as percepções dos imigrantes venezuelanos que residiam no PRA.
3. Interpretar as experiências dos imigrantes que habitaram o PRA através de narrativas e fotografias.
4. Interpretar as mudanças ocorridas na paisagem da Rodoviária devido ao fenômeno da imigração venezuelana.
5. Identificar se o PRA veio a ser considerado como um Lar, um Lugar, um não-lugar, ou um lugar de ligação.

Buscamos alcançar os objetivos através dos seguintes procedimentos metodológicos:

- I. Trabalho de campo;
- II. Coleta de dados primários - Narrativas e fotografias de imigrantes que habitaram ou habitam o PRA;
- III. Transcrição e interpretação das narrativas;
- IV. Aquisição de dados secundários em plataformas como RV4 e sismigra e relatórios da Operação Acolhida.

Nos pautamos na fenomenologia como abordagem metodológica, pois nela encontramos a possibilidade de valorizar as vivências dos imigrantes venezuelanos que habitaram e experienciaram o PRA bem como o espaço do Terminal rodoviário de Manaus.

É importante destacar, que a percepção de alguns manauaras também será válida nessa investigação, ainda que de forma secundária, pois as percepções dos naturais da terra, do pesquisador e do leitor, também contribuem para as interpretações desse fenômeno. Desse modo também ouvimos os funcionários do PRA.

De acordo com Merleau-Ponty, todo pensamento é intencional e relacional, está interligado às vivências e experiências passadas, e às relações interpessoais. Os pensamentos são carregados de experiência intersubjetiva, desse modo é inviável desenvolver uma pesquisa que trate das experiências de pessoas desprezando as vivências de outras pessoas interligadas ao fenômeno. Assim é inviável pensar esse fenômeno sem ponderar o contexto geral e a percepção dos funcionários do PRA.

Podemos identificar vários fatos que têm impacto na percepção dos venezuelanos sobre a cidade de Manaus e sobre o Posto de Recepção e Apoio. O Posto é um espaço de intensas experiências, a chegada, a partida, a permanência, a incerteza, a esperança, o medo, a aflição, o controle do estado, a assistência, entre outros.

Em nossas leituras nos aproximamos de geógrafos que também buscaram entender o mundo a partir das experiências vividas. Assim destacamos o geógrafo francês Eric Dardel, escritor da célebre obra “O homem e a terra”. Eric Dardel afirma que todos nós somos cúmplices de nossa subjetividade.

Também nos debruçamos em Merleau-ponty, aquele que nos auxiliou a entender acerca da filosofia fenomenológica, da percepção, da intencionalidade, para assim buscarmos interpretar essa relação do ser-no-mundo. Nos aproximamos de Gaston Bachelard, por meio da obra “A poética do espaço”, que nos proporcionou entendermos a “casa” ou o lar através de diferentes metáforas.

Os conceitos “Lugar e Lar” foram a base de toda a pesquisa. Entendemos o lugar como o mundo-vivido, o espaço das relações intersubjetivas, do cotidiano,

assim, buscamos interpretar como o ser imigrante constrói o lugar em um outro espaço habitado, também buscamos entender como se dá a constituição do sentido do lar.

Dessa forma, retomamos a discussão sobre o que é o “lugar” na ciência geográfica, em uma perspectiva que transcende ao entendimento do Lugar como um simples logradouro, um endereço, uma dada porção do espaço. Buscamos em Yi-Fu Tuan e Edward Relph o auxílio para essa proposta.

Indicamos a narrativa como o instrumento metodológico que traz suporte aos nossos objetivos, pois “Uma história narrada pode significar um mundo com tanta profundidade quanto um tratado de filosofia.” (Merleau-Ponty, 2018, p.21). Ressaltamos o cuidado em manter o anonimato dos colaboradores, portanto as identidades foram protegidas, de forma que os colaboradores foram identificados por pseudônimos.

Optamos por não utilizar um questionário fechado durante o contato com os colaboradores, dessa forma usufruirmos de conversas espontâneas pautadas em tópicos norteadores, com base nessa estratégia, os assuntos de nosso interesse foram inseridos durante as conversas, de modo paulatino, a fim de direcionar o rumo dos assuntos abordados até atingirmos as informações almejadas. Os tópicos norteadores foram:

- Como foi o trajeto até Manaus?
- A quanto tempo esteve ou está habitando o PRA?
- Quais motivos levaram a permanecer no PRA?
- O que significa o espaço do PRA para você?
- Esse espaço é um lar para você?
- O que você considera um lar?
- Quais são seus planos futuros?

As narrativas foram transcritas e traduzidas com o cuidado de manter a fidelidade de cada palavra, respeitando a fala de cada colaborador. Mantivemos o contato com alguns colaboradores por meio do WhatsApp, de modo também

ocorreram conversas por meio desse instrumento, o que possibilitaram a aquisição de mais informações.

Narrativas e descrições a muito são utilizadas como estratégias metodológicas em pesquisas científicas, porém receberam mais destaque em pesquisas de perspectiva humanista. Segundo Walter Benjamin (1987) as narrativas são consideradas como uma modalidade de pesquisa, portanto pudemos incluí-las como estratégia para obtenção de dados, como muitos estudiosos já o fizeram. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais.” (Benjamin, 1987, p. 198)

As narrativas também podem ser entendidas como depoimentos, e por meio delas podemos obter descrições de momentos vividos, de pessoas, de sentimentos, de espaços e paisagens. Narrar significa relatar acontecimentos, expor um fato, uma situação por meio de palavras.

“Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.” (Benjamin, 1987, p. 198). Ao ouvir é preciso atenção, a fala pode transmitir fatos, perspectivas, experiências concretas e experiências imaginadas. As experiências imaginadas são difíceis de se identificar, contudo não devem ser desprezadas, pois também são experiências.

O critério para a escolha dos sujeitos participantes é outro elemento a ser ponderado, pois os colaboradores exercem a representatividade de um grupo, de acordo com Augé "trata-se na verdade, de saber o que aqueles a quem falamos e vemos nos dizem daqueles a quem não falamos e não vemos" (Augé, 2012, p.18).

Como critério de inclusão, essa pesquisa recorreu a: imigrantes homens e mulheres, de maior idade, que habitaram ou habitam o Posto de Recepção e Apoio - PRA em Manaus. Também recorreremos à narrativas de alguns funcionários do Posto de Recepção e Apoio. O critério de exclusão recaiu para menores de idade e imigrantes que não vivenciaram momentos marcantes no espaço do terminal rodoviário e no PRA.

Os imigrantes participantes foram esclarecidos sobre os objetivos desta pesquisa, e concordaram em contribuir com suas narrativas. A pesquisa seguiu as

orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, e manteve o anonimato de todos os colaboradores.

Algumas fotografias do local foram registradas pelos colaboradores, outras foram doadas do próprio acervo da administração do Posto de recepção e Apoio, e outras foram registradas durante os trabalhos de campo.

Um ponto importante em uma pesquisa de caráter qualitativo, é o fato de que o objetivo da investigação não se destina a uma única explicação da realidade, a uma resposta específica e mensurável, o que ocorre é um processo de interpretação das experiências e vivências. Dessa forma, o fenômeno da investigação é visto como uma realidade “dinâmica e complexa, impossível de ser apreendida, de uma vez por todas pelo pesquisador, tal como se fosse uma coisa, mas é interpretada e compreendida em um processo” (Araújo, et al. p. 3, 2017).

É difícil haver desconexão entre sujeito pesquisador e os sujeitos da pesquisa, pois quando os objetivos da pesquisa demandam diálogo, resultam em uma co-construção de conhecimento e gera uma pesquisa que é construída em conjunto, de modo que a percepção dos colaboradores é ponto central, pois o “ponto de vista do sujeito (colaborador) é colocado em primeiro plano e, assim, ele tem propriedade para narrar a própria história.” (Araújo, et al. p. 4, 2017).

Na perspectiva de Araújo (2017), um dos desafios para as pesquisas qualitativas é a utilização de uma metodologia não-instrumentalista que ultrapasse a visão do acúmulo de dados. Assim vemos que as narrativas corroboram para a preservação da dimensão existencial que consiste na essência constitutiva do fenômeno, visto que a existência tem como prerrogativa a consciência e a materialidade.

As narrativas assumem um mecanismo para externalizar as percepções obtidas pela experiência. Descrevemos o que percebemos, e percebemos também através de nossos sentidos e emoções. Merleau-Ponty diz que somos através do espaço e no tempo, por meio da materialidade do corpo (1994). Nosso corpo é nosso meio de ser no mundo, porém é a consciência que permite a percepção da existência e da materialidade. O mundo é aquilo que percebemos através da experiência. Segundo Edmund Husserl, “toda consciência é consciência de algo”, e

a consciência é sempre intencional, Husserl propõe a apreensão da realidade através de uma “volta às coisas mesmas”, um retorno às essências dos fenômenos.

Retomando a questão das narrativas, Benjamin (1987) tinha como conceito central de sua filosofia a experiência, de modo que “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação” (Benjamin, 1987, p. 205), assim a narrativa é tida como a expressão da experiência. Através da narrativa podemos perceber a experiência vivida a partir do princípio da redução fenomenológica, que visa eliminar os preconceitos e se ater à essência das histórias narradas.

Sabemos que a redução nunca é uma redução completa, como nos alerta Merleau-Ponty. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros.” (Merleau-Ponty, 2018, p. 201).

Ao final dessa pesquisa, estruturamos a dissertação em três capítulos, que são: 1º capítulo: Percepção fenomenológica: O imigrante e o sentido do habitar; 2º capítulo: Os conceitos e a história entrelaçadas ao fenômeno da imigração venezuelana até Manaus; 3º capítulo: A busca venezuelana pelo lar em Manaus.

O primeiro capítulo buscou nas bases fenomenológicas a aproximação com a geografia por meio do interesse pelo mundo vivido, assim recorremos a autores que foram pioneiros nessa aproximação, como Dardel, Tuan, Relph. Entendendo o imigrante como um ser deslocado, em trânsito, e que está à procura de estabelecer laços com os novos espaços habitados, portanto, este capítulo também traz reflexão sobre a relação “mobilidade e lugar”. A luz de Paul Claval aborda o conceito de “habitar”, a fim de pensar de que modo o habitar transcende a materialidade do espaço. Assim, o primeiro capítulo esboça os temas fundamentais da pesquisa, que são: Mundo vivido, mobilidade, lugar, não lugar, lar e habitar.

O segundo capítulo trouxe os conceitos imigração, emigração, migração e outros. Também discorreu sobre algumas tipologias migratórias e algumas teorias da migração. Em seguida buscou destacar os principais fluxos migratórios para o Amazonas com o auxílio de Samuel Benchimol, para pôr fim refletir sobre os acontecimentos que ocorreram na Venezuela e que resultaram no êxodo e na entrada expressivas de venezuelanos no Brasil e em Manaus.

O terceiro e último capítulo, apresentou as interpretações das falas e narrativas dos participantes colaboradores, objetivando refletir sobre como os

imigrantes percebem e entendem o espaço dos arredores da Rodoviária de Manaus e sobre o Posto de Recepção e Apoio, de modo a conhecer o que as experiências e vivências nos dizem sobre esses espaços, se eles vieram a ser concebidos como um lar ou não, e que tipo de “lugares” eles são.

I. PERCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA: O IMIGRANTE E O SENTIDO DO HABITAR

“Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato.” Dardel (2015, p. 1).

1.1 - O encontro da geografia com a perspectiva da percepção

Qualquer pesquisa para ser validada como científica, precisa seguir os critérios da cientificidade, a geografia não está isenta dessa realidade, esse fato é expresso na história do desenvolvimento científico da geografia.

Dardel (2015) nos diz que a geografia científica em certo ponto é oposta à realidade geográfica, o autor faz essa declaração quando rejeita a postura da “geografia de laboratório” e da “geografia de gabinete”, períodos totalmente opostos a “geografia das velas desfraldadas”, expressão cunhada por Lucien Febvre.

A “geografia das velas desfraldadas”, geografia realizada no período das navegações, período da descoberta de novos territórios, tinha como impulso o desejo por desbravar, a necessidade de conhecer o novo, esse período trouxe um outro olhar do homem sobre a natureza, renovando sua sensibilidade pelas paisagens e seus habitantes.

Mas em oposição ao desejo de explorar, surgiu uma postura de descrição geométrica, essa postura foi nomeada por Dardel como e “geografia do inventário”:

Houve uma ciência da descoberta, uma exploração metódica, para recolher imagens, observações, para verificar as hipóteses. A partir do século XVIII aparece uma geografia do inventário, uma geografia trabalhando no laboratório, registrando seus conhecimentos nas estatísticas, nos gráficos, ou nas cartas cientificamente precisas. (Dardel, 2015, p.84).

Dardel critica o período da “geografia de gabinete”, dos estudos onde o pesquisador se distancia dos objetos de pesquisa e os analisavam a partir de dados quantitativos, medições e descrições que buscavam o máximo de objetividade, Dardel rejeita a falta de disposição daqueles pesquisadores em se dirigirem ao local de maravilhar-se com a realidade.

Ainda o autor relata como a geografia ao se tornar científica, passou por um período de sedentarismo, pois ela se isentou das viagens de descoberta, “A

geografia tende a se tornar sedentária, reunindo-se ao geólogo, ao botânico, ao zoólogo, em uma atividade cada vez mais intelectual e técnica.” (Dardel, 2015, p.86).

A geografia científica do século XVIII acolheu a postura de gabinete ao tentar se afirmar como ciência buscando utilizar o “método experimental” das ciências naturais, método que buscava a neutralidade e a objetividade. Outro fator que contribuiu para o distanciamento da investigação em campo, foi a utilização dos conhecimentos geográficos pelas organizações políticas-administrativas, pois os geógrafos passaram a ater-se em dados quantitativos.

O estudo da epistemologia da geografia possibilita conhecer e aportar em que direção seguir dentro das diversas áreas de investigação geográfica, permite identificar quais teóricos e procedimentos melhor auxiliam na compreensão dos fenômenos investigados, Camargo e Elesbão (2004) ressaltam que desde a consolidação do conhecimento como ciência, o homem vem tentando responder questões como “O que é conhecimento?” e “Há necessidade de um método para se adquirir o conhecimento?”.

É certo que não existe um método exclusivo para cada ciência, como para a geografia, mas a corrente teórico-metodológica é o caminho que direciona a pesquisa e mostra a perspectiva do pesquisador. A reflexão teórico-metodológica é benéfica para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, visto que a reflexão leva a “práxis” que é a prática pensada, e não meramente uma prática de fazer, muitas vezes, sem saber.

A fenomenologia surgiu no final do século XIX com o filósofo Edmund Husserl, a filosofia de Husserl esboça a forma como as coisas se manifestam na consciência, o que permite alcançar a essência dos fenômenos atrelados às experiências subjetivas. Para a fenomenologia a realidade existe porque existe uma “consciência” daquela realidade, assim a “consciência” é o próprio fundamento da realidade.

Todos os comportamentos humanos se dão no espaço geográfico, o ser humano habita e constrói os lugares, essa é uma ação recíproca, pois, o homem só existe porque está no espaço, porque o constrói e o significa. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham (Claval, 1999, p.11).

O ser humano cria cidades, bairros, casas, planta campos, constitui família, todas as suas ações existenciais ocorrem no espaço telúrico, assim neste processo de apropriação e territorialização o ser humano desenvolve afeição pelos espaços e transforma os espaços em lugares.

A fenomenologia é apontada como uma corrente filosófica antes de uma abordagem metodológica, porém essa filosofia propiciou um leque de possibilidades metodológicas para as pesquisas que se interessam pela dimensão da experiência.

A fenomenologia surgiu no final do século XIX com F. Brentano mais seus principais conceitos foram desenvolvidos pelo filósofo-matemático Edmund Husserl, outros filósofos também deram importante contribuição para esta filosofia, como Heidegger, Sartre, Bachelard, Merleau-Ponty. Essa filosofia “caracteriza-se como um relato do espaço, do tempo e do mundo vivido, configurando-se como campo da experiência e da facticidade” (Nóbrega, 2016, p.28).

Essa filosofia desafia o homem a examinar suas experiências e buscar a essência dessas experiências. Ela prioriza a descrição dos fenômenos, que pode ocorrer por meio de narrativas ou depoimentos.

Foi a fenomenologia que nos fez rever a importância da descrição, estratégia de entendimento tão utilizada e ao mesmo tempo rejeitada pela Geografia. A descrição aqui ressaltada não é apenas do sujeito que pesquisa, mas aquela de quem vive o fenômeno[...] (Nogueira, 2014, p.35).

Na procura pela essência de um fenômeno, devemos colocar-nos na posição daqueles que vivenciam a realidade do fenômeno, precisamos acolher suas descrições e narrativas, buscando excluir nossas crenças e preconceitos, eliminando o que não é essencial, através da prática da redução fenomenológica, para chegarmos à essência do fenômeno, mesmo entendendo que o esforço da exclusão do que não é essencial nunca se efetive inteiramente. Para Merleau-Ponty a redução é uma admiração diante do mundo.

Graças à intencionalidade, o resultado da redução fenomenológica difere totalmente do resultado da dúvida cartesiana: o que resta ao termo da redução, seu “resíduo”, não é só o *eu penso*, mas a conexão ou correlação entre o *eu penso* e seu *objeto de pensamento*, não o *ego cogito*, mas o *ego cogito cogitatum*. Assim, após a redução fenomenológica, o mundo não se tornou, como para Descartes, duvidoso; ele

permanece tal como era, conservando seus valores e suas significações antigas. (Dartigues, 2008, p.25)

O filósofo Merleau-Ponty expõe que a fenomenologia é o estudo das essências (essência da percepção e essência da consciência) e repõe as essências na existência, para o autor a fenomenologia “é também um relato do espaço, do tempo, do mundo vivido. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é.” (Merleau-Ponty, 2018, p. 01).

Husserl afirmou que a fenomenologia versa sobre a descrição dos fenômenos antes mesmo da explicação e da análise, e que a essência do ser não deve ser desassociada da essência dos fenômenos, essas características foram desaprovadas pela ciência cartesiana positivista que buscava a descrição pura dos fenômenos, e a formulação de leis causais que explicassem a realidade do mundo. Merleau-Ponty ressalta que: "Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo[...]. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido” (Merleau-Ponty, 2018, p. 03).

Sobre a descrição, percebemos estar no cerne da natureza da ciência geográfica, essa atitude reside no fundamento dos primeiros estudos relacionados à geografia. A descrição surgiu através da necessidade humana de conhecer o espaço, de desbrava-lo e registrar as descobertas.

A busca por explicações dos fatos, por respostas concretas não são práticas conferidas as ciências pautadas na filosofia fenomenológica, na fenomenologia o principal ponto é a busca por uma compreensão do mundo por meio da descrição daqueles que o habitam, “trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar” (Merleau-Ponty, 2018, p. 03).

O mundo fenomenológico, é não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minha experiência, e na interseção de minha experiência com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; (Merleau-Ponty, 2018, p. 18).

A experiência antecipa o pensamento filosófico e científico, e os seres humanos sempre estiveram aí a desbravar o espaço, faz parte da essência humana, e podemos encontrar vários exemplos dessa atitude na obra de Dardel e de Tuan. Ao ler esses autores, é possível perceber muitos exemplos de grupos humanos

ocupando, desbravando, e assim produzindo o espaço que os rodeiam. “[...]o objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura integral da experiência vivida, os significados que essa experiência tem para os indivíduos que a vivenciam.”. (Nascimento, 2016, p. 45).

Assim é possível afirmar que não existe uma equação que origine respostas às ações humanas e suas relações com o espaço, que replique as interações espaciais e humanas, pois cada indivíduo, ou grupo de indivíduos, são únicos e suas ações também são únicas, portanto, as narrativas e descrições se apresentam como a melhor estratégia metodológico para as pesquisas que procuram compreender a relação do homem-meio através da experiência.

As primeiras abordagens sobre a percepção na geografia, tiveram como preocupação central o comportamento humano, no entanto, a percepção do espaço habitado a muito tempo vem interessando aos geógrafos. “Os gregos já demonstravam preocupação com os dados psicológicos e o entendimento do meio” (Nogueira, 2014, p.71). Andrade afirmou que “a preocupação entre o psicólogo e o meio natural é encontrada já na antiguidade entre os gregos, com Heródoto.” (Andrade, 2008, p.180) Na França Montesquieu interessou-se por identificar as características dos diferentes povos em relação às condições climáticas e morfológicas dos espaços habitados.

No início do século XX geógrafos da escola francesa, como Demangeon, Brunhes e Deffontaines, entre outros, se dedicaram ao estudo da percepção e do comportamento humano frente aos espaços. Esses estudiosos “demonstraram curiosidade pela maneira como o espaço era sentido e como era dividido” (Nogueira, 2014, p.72).

Apesar de Demangeon ter considerado as disposições psicológicas perigosas, visto que levavam em consideração a questão da consciência, ele também validou as análises de informações psicológicas coletivas.

Jean Brunhes se interessou pelos fatos culturais, pelas crenças, pelo folclore, e pelos comportamentos. Deffontaines se voltou para os fatos culturais e se especificamente interessou acerca das percepções de diferentes povos sobre o tema da vida e da morte. “Os problemas de percepção, portanto, sempre atraíram a

atenção dos geógrafos franceses, mas suas posições ficaram marcadas pela ambigüidade.” (Clava, 1983, p. 245-246).

O geógrafo francês que demonstrou grande valorização à percepção do espaço foi Dardel, sua obra “O homem e a Terra: Perspectivas da realidade geográfica” dá ênfase a esse interesse. Um grande feito de Dardel, foi cunhar o termo “geograficidade”. Para Marandola Jr o termo expressa a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo. Geograficidade exprime a relação concreta que liga o homem à Terra.

De acordo com Nogueira (2014), mesmo com a influência da geografia francesa, foram os anglo-saxões que dedicaram maior atenção à questão da percepção. No entanto, em muitos momentos a “percepção” foi confundida como sinônimo de “comportamento”, generalizada em um mesmo campo de estudo. Livia de Oliveira apontou que esse equívoco foi cometido por Manuel Corrêa de Andrade na obra “Geografia: Ciência da Sociedade” (2008).

No Brasil, Livia de Oliveira, tradutora de obras Yi-Fu Tuan, dedicou-se ao estudo da cognição. A autora investigou a percepção do espaço das crianças através de mapas mentais. Por ter se aproximado da cognição de Piaget, Livia foi mal compreendida e indicada como estudiosa do comportamento, mesmo quando concluiu que “as relações espaciais topológicas são as primeiras a serem aprendidas pelas crianças. A partir delas é que se chegam às relações espaciais projetivas e euclidianas.” (Oliveira, 1999, *apud* Nogueira, 2014, p.78).

Livia de Oliveira criticou a generalização realizada por Andrade¹, quando equipara comportamento e percepção. A generalização de Andrade se deu pelo fato de ambas as perspectivas surgirem no mesmo momento e se aproximarem da psicologia.

Como podemos perceber, as primeiras abordagens sobre percepção na geografia têm como preocupação central o comportamento humano diante do espaço habitado. Mas foi “Lowenthal que realizou a primeira pesquisa tomando

¹ Consultar entrevista com Oliveira na qual esclarece a generalização de Andrade.

https://www.youtube.com/watch?v=iVzVK07CgBI&list=PLtIMaiM0G4tj1PJ_Mgznt6N8ka1CnnyAE&index=2

como referência a psicologia, priorizando realmente a questão da percepção espacial.” (Nogueira, 2014, p.79).

Ainda na década de 1950 Dardel havia se interessado pela questão da percepção do mundo vivido, e alertava sobre o perigo das interpretações fundamentadas na perspectiva do comportamento baseado no estímulo-resposta.

Em nosso entendimento está aí um dos primeiros problemas que a Geografia irá enfrentar ao absorver a discussão da psicologia, priorizar a mente, os processos cognitivos de construção da realidade dada através da experiência, da convivência entre o homem e o lugar. (Nogueira, 2014, p.80).

As principais pesquisas anglo-saxônicas sobre a perspectiva da percepção na geografia, dedicaram-se a investigar questões como: percepção ambiental, tomada de decisão sobre o espaço habitado e migração, a imagem dos lugares, a imagem da cidade, mapas mentais e relações espaciais topológicas.

Nogueira nos chama atenção sobre o trabalho de Julian Wolpert acerca da migração. O geógrafo constatou que a decisão de migrar é construída a partir de duas decisões: primeiro, a própria decisão de deslocar-se no espaço, e segundo a decisão do local para onde se pretende migrar. De fato, as duas decisões estão relacionadas à imagem que o sujeito construiu ao longo de sua vida sobre o seu espaço habitado, e também à imagem que construiu acerca do espaço que pretende imigrar por meio de fontes externas, como narrativas, artigos de revista e informações midiáticas. Wolpert dialogou com os economistas e tentou romper com a noção de que as decisões migratórias se relacionam apenas com fatores econômicos.

Julian Wolpert, debatendo com tais economistas o problema da migração, tenta tirá-la da explicação meramente econômica, para propor um outro quadro: o de que a decisão de sair de lugar é definida pela imagem que os indivíduos têm dele. (Nogueira, 2014, p.74).

Julian Wolpert (1966) trouxe ao debate com os economistas a perspectiva da percepção, por meio da teoria da tomada de decisões. Wolpert (1966) alegou que a imagem que se tinha sobre o espaço das cidades, refletia sobre as decisões

migratórias. “A geografia do movimento é, pois, comandada por aquela dos valores conferidos aos lugares.” (Claval, 1983, p.247).

No entanto, alguns autores consideram que a pesquisa de Wolpert (1966) estava inaugurando o que ficou conhecido como geografia comportamental. Ainda assim, "O esquema de Wolpert renovou o estudo dos movimentos de população abrindo para a análise econômica um campo que lhe era rebelde" (Claval, 1983, p.247). Depois do estudo de Wolpert (1966), surgiram pesquisas interessadas no tema “habitar áreas de risco”. As áreas de risco eram locais de ocorrência de catástrofes naturais como inundações, deslizamentos entre outros. Estes estudos centraram suas análises acerca do comportamento humano frente a decisão de habitar tais espaços.

Retomando a questão da migração, Peter Gould (1966), com base no pressuposto de Wolpert, afirmou que um sujeito tem preferência por residir determinado espaço com base na imagem que concebeu sobre uma área. A “imagem criada” pode ser resultante de uma experiência direta com os referidos espaços, ou resultante de informações externas.

Gould desenvolveu um estudo que investigou a preferência habitacional de jovens acadêmicos norte-americanos entre 48 estados do país. Assim publicou os textos: “On mental mapa” (1966)².

Em uma de suas publicações, Gould (1968) solicita que os estudantes classificassem uma ordem de preferência de estados para residir em seu país. Segundo Nogueira, a intenção de Gould (1966) era criar um modelo que explicasse a questão das decisões em migração. “A novidade dos trabalhos de Gould está em ter utilizado, para chegar a essas considerações, os Mapas Mentais dos lugares que cada estudante trazia ‘arquivado’ em sua memória” (Nogueira, 2014, p.81).

Em seguida Rodney White associa-se a Peter Gould e juntos desenvolveram pesquisas seguindo a mesma metodologia do trabalho anterior de Gould em (1968)³

² GOULD Peter (1966), On mental mapa. Michigan Inter-University Community of Mathematical Geographers, Discussion Paper n.º 9. Repris aux p. 260-282 de : ENGLISH Paul Ward, MAYFIELD Robert C. (éd.) (1972), Man, space and environment. Londres, Oxford University Press.

³ GOULD Peter, WHITE R. R. (1968), The mental maps of British school leavers. Regional studies, vol. 2, p. 161-182.

e (1974)⁴, no entanto direciona o estudo às crianças em idade escolar e suas preferências em habitar os distintos municípios da Inglaterra.

Alguns autores identificaram o trabalho de Wolpert (1966), Gould (1966) e Rodney White (1968) e (1974) como sendo de perspectiva comportamental e não propriamente percepção. Após Wolpert, várias outras pesquisas foram desenvolvidas com base na perspectiva comportamental.

O escritor e urbanista Kevin Lynch (1960) inspirado na psicologia da Gestalt desenvolveu um trabalho centrado propriamente na “Imagem da Cidade” e despertou uma tendência de estudos no âmbito da percepção do espaço. Para o urbanista, a percepção do espaço pode ser analisada segundo três componentes: estrutura, identidade e significado. Sua investigação constatou que “certos elementos atraem a atenção e é em torno deles que a imagem da cidade se forma” (Claval, 1983, p. 249).

Lynch (1960) sofre críticas por ter utilizado como método apenas as representações fornecidas pelos entrevistados. Entretanto, Nogueira (2014) admite que o trabalho de Lynch (1960) inaugurou uma outra linha de pesquisa na geografia que muito contribuiu para o estudo das paisagens urbanas na perspectiva da percepção.

Os geógrafos interessados pela percepção espacial despertaram a necessidade de se aproximar das subjetividades na mesma época que os psicólogos. “William Kirk (1952) e (1963) foi sem dúvida o primeiro a insistir na necessidade das abordagens fenomenológicas.” (Claval, 1983, p. 250). No entanto, sua contribuição permaneceu nas sombras.

Foi a publicação de Lowenthal “Geography, experience and imagination” em 1961, que propriamente apresenta a filosofia fenomenológica e sua subjetividade aos geógrafos.

Toda essa discussão só foi lembrada no início da década de 60, quando David Lowenthal, tomando conhecimento das proposições de White, reconheceu-a como mais uma contribuição e se sustentou nela para inaugurar sua Geografia Pessoal. (Nogueira. 2014, p.90).

⁴GOULD Peter, WHITE R. R. (1974), Mental maps. Harmonds-worth (Middlesex), Penguin Books, 204 p.

Segundo Claval “Após um longo rodeio, eis a Geografia mais moderna redescobrimo algumas das vias que haviam feito há muito tempo a fecundidade da escola francesa” (Claval, 1983, p.250-251). Ao longo da década de 1960 e 1970 a geografia fenomenológica da percepção ganha mais sustentação, porém ainda sofre o preconceito e a desconfiança quanto aos seus métodos. A percepção visa muito além da simples compreensão dos esquemas de comportamento: ela tenta descobrir aquilo que une o homem a terra, o que o enraíza, o que dá à sua vivência uma densidade particular. (Claval, 1983, p.252).

Na universidade de Toronto três geógrafos retomaram o estudo da obra “O homem e a terra: perspectivas da realidade geográfica” de Eric Dardel, eles são: Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Guelke. A influência de Dardel despertou maior interesse pela perspectiva da percepção do espaço para os geógrafos anglo-saxônicos.

Dardel trouxe para a geografia a preocupação com o saber produzido cotidianamente na relação homem x mundo. Reconhecendo esta relação como existencial, portanto carregada de valores subjetivos, onde o real, o simbólico e o imaginário se manifestam conjuntamente, fazendo parte das produções dos lugares de vida. (Nogueira, 2014, p.102)

Foi a escola anglo-saxônica que promoveu o despertar pela busca do sentido do lugar, esse despertar também foi repercutido no Brasil. Segundo Andrade, “as idéias centrais, defendidas por numerosos geógrafos do mundo anglo-saxão, como David Lowenthal, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, entre outros, tiveram repercussões no Brasil.” (Andrade, 2008, p. 182).

1.2 - O lugar segundo a perspectiva da percepção

Pensar ainda os lugares para além da localização nos permite entender os lugares do outro, pelo outro. Ver o lugar a partir dos olhos de quem viveu, vive e experiencia o lugar, desta forma não corremos o risco de ver a partir dos nossos valores, do nosso “estado de espírito”, de nossa visão de mundo, correndo o risco de construir uma imagem distorcida dos lugares. (Nogueira, 2013, p.88)

A categoria lugar a muito tempo é objeto de reflexão na ciência geográfica, é foi adotado em diferentes perspectivas, variando de acordo com a corrente do pensamento, e muitas vezes o termo foi empregado apenas no sentido locacional. Na antiguidade o lugar já fazia parte da preocupação dos filósofos, “Platão considerou o lugar como alimento do ser” (Relph, 2012, p.18).

Para La Blache a geografia era pensada como “a ciência dos lugares”, pois a tradição atribuiu aos geógrafos desvendarem e descreverem os diferentes lugares. Assim em La Blache os lugares eram o produto dos “gêneros de vida”. O termo lugar vem do latim, *lôgar*, *lócus*, que significa “local” ou “posição”, por isso muito empregado para se referir a localização.

Esse conceito foi ficando em plano secundário dentre os estudos geográficos. “No século XX foi adotada por diversas ciências com o sentido de posição ou coordenada no espaço geométrico.” (Holzer, 2019, p.131). Dessa forma o lugar era empregado como o espaço habitado, o suporte, o sítio, assim apreendido apenas com espaço ocupado.

Na trajetória da geografia como ciência, a busca por um objeto levou os geógrafos a valorizarem mais determinados conceitos ou categorias em períodos diferentes, entre esses conceitos estão: Espaço, território, região, paisagem, sociedade, natureza, lugar. O lugar foi pouco valorizado até o advento da Geografia Cultural e Humanista, apesar de ser muito empregado desde sempre.

Armando Corrêa da Silva disse que o espaço é mais valorizado que o lugar. “O objeto lógico refere-se ao espaço. Lugar é a categoria hierarquicamente seguinte. O espaço é, pois, o maior lugar possível.” (Silva, 1978, p.7). Dessa forma, o geógrafo entendeu o espaço como uma totalidade e o lugar quanto sua singularidade.

O lugar como singularidade é correlato a universalidade na medida em que os lugares se relacionam. [...]o lugar determina as reações e estas o lugar. Daí, a decorrência ontológica: o lugar e a relação entre os lugares, assim como entre a população está e o lugar. Uma trama de relações e lugares.” (Silva, 1978, p.7).

Anne Buttmer ao ponderar a obra “Construir, Habitar, Pensar” de Heidegger (1954), propõe que o lugar antecede o espaço geométrico, entendendo que lugar

não se refere a um objeto, a uma área demarcada, mas a um dado espaço enquanto parte de uma existência.

Na atualidade entendemos que a noção de lugar transcende a localização, pois os lugares têm significados profundos. A Geografia Cultural é humanista, fundamentada na fenomenologia, se inclina aos significados do lugar, e entende o lugar como fenômeno da experiência.

Esta reflexão teórica iria se sofisticando ao longo das décadas seguintes na medida em que a "Geografia Cultural", enquanto produto acadêmico desta reflexão, se tornava a disciplina mais lecionada nos cursos de geografia norte-americanos e a que mais gerava pesquisas de campo. Neste contexto não se discute mais o aporte teórico, mas manteve-se seus fundamentos de se observar o fator em suas relações (espaço vivido) e de se considerar que a geografia estava "além da ciência", isto é, que extrapolava os métodos de pesquisa científica impostos pelo positivismo. (Holzer, 2003, p.114)

A partir da Geografia Cultural, o lugar passa a ser entendido como um mundo de significados, o lugar é apreendido pelas experiências das pessoas que habitam os espaços distintos. "As dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou aquele (o meu, o seu ou nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar [...]" (Oliveira, 2012, p.45).

Yi-Fu Tuan compreendeu o lugar através da esfera afetiva. Em 1961 o autor publicou a obra "Topofilia". Segundo Holzer, Tuan se deparou com o termo Topofilia na obra de Bachelard, e depois se dedicou a expor a relação que liga o homem ao espaço habitado. "No livro Poética do Espaço Bachelard fala em "topofilia", ainda que apenas em duas ocasiões. Destaco a primeira citação quando o autor se propõe a fazer uma "topoanálise" [...]" (Holzer, 2019, p.132).

Topofilia foi definida como o elo de afeição que une as pessoas aos lugares. Na referida obra, Tuan (1961) nos faz refletir sobre experiências únicas e íntimas de diferentes povos nos seus espaços habitados. Tuan (1961) retrata as atitudes humanas frente ao ambiente.

Tuan (1961) ao investigar os diferentes significados do espaço, identificar diferentes tipologias, assim realizou algumas classificações, como, espaço físico, espaço mítico e espaço pessoal, espaço coletivo, no entanto, concedeu maior atenção ao espaço vivido. O geógrafo observa que o lugar, "na linguagem coloquial,

tem dois significados: posição na sociedade, localização espacial.” (Holzer, 2003, p.120).

Em 1974 Tuan publica “Espaço e lugar: Perspectiva da experiência” onde o autor indica o lugar como o espaço simbólico:

A partir da filosofia bachelardiana e da psicologia construtivista de Piaget, Tuan ofereceu à Geografia uma nova aproximação ontológica e epistemológica com o “lugar”, associando-o à experiência íntima do lar, independentemente da escala espacial em que ocorra. (Holzer, 2019, p.132)

Em “Espaço e lugar” (1974) o foco permanece na perspectiva da experiência humana. “Tuan”, com toda certeza, foi um dos principais responsáveis pela valorização do lugar como conceito central dos estudos geográficos.” (Holzer, 2003, p.121). Assim o lugar passa a ser entendido como o locus da vida, o palco a experiência cotidiana situada, ou do mundo vivido. Relph (1976), em “The phenomenon of place”, apresenta uma distinção entre lugar e espaço:

[...]o que distingue o lugar de outros conceitos espaciais é a sua capacidade de atrair e concentrar nossas intenções, gerando os espaços existenciais e os espaços vividos. Por este motivo ele não pode ser descrito em termos de aparência ou de localização. (Holzer, 2019, p.132)

Assim, o lugar é o espaço que possui significado para um indivíduo ou um grupo de pessoas, o lugar são áreas territorializadas, habitadas, é o produto da reprodução humana. Para Edward Relph “O espaço é amorfo e intangível e não uma entidade que possa ser diretamente descrita e analisada, entretanto o espaço está sempre próximo e associado ao sentido ou conceito de lugar” (Relph, 1976, p.8 apud Holzer, 1998, p. 75).

Dessa forma o lugar é o espaço dos significados, enquanto o espaço é amplo, preenchido de conteúdo materiais, é mensurável. “Segundo Relph a essência do lugar é a de ser o centro das ações e das intenções, onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência.” (Holzer, 1998, p.76).

“Relph busca aprofundar a problemática do lugar em seus atributos essenciais, sociais e culturais, tendo sempre como pano de fundo a dimensão da experiência e da identidade dos lugares.” (Marandola Jr, 2010, p.2). Fundamentado

em Heidegger, Relph dá atenção ao conceito de habitar (dwelling), pois o lugar é habitado, e transformado, ele dá sentido àqueles que o habitam, e ganha personalidade e identidade. As modificações realizadas por seus habitantes lhe atribuem personalidade ou mesmo uma identidade. Com o passar do tempo, a identidade do lugar e de seus habitantes se transmutam.

Os lugares mudam, assim como os habitantes também mudam, mas existe uma certa essência que persiste, a cultura, o idioma e as particularidades que constituem essas personalidades, identidades e singularidades.

Em Topofilia, Tuan questionou: “O que dá identidade ao lugar?”. A resposta é que os seres humanos atribuem valores aos espaços habitados, e isso ocorre de modo recíproco. Podemos mudar nossas posturas, pensamento e atitudes de acordo com o lugar em que convivemos. A identidade dos lugares é constituída a partir do nosso envolvimento com eles. É possível haver envolvimento direto e indireto com os lugares, assim Relph traz os conceitos de interioridade (insideness) e exterioridade (outsideness). “Estar dentro de um lugar é pertencer a ele e se identificar com ele, e quanto mais profundamente você estiver mais forte é essa identidade com o lugar”. (Relph, 1976, p.49. tradução nossa).

Será que podemos nos envolver com um lugar de forma estritamente objetiva sem afeição? Como tentam os planejadores e cientistas? Marandola diz que “...a exterioridade existencial é aquela situação em que a pessoa se sente fora do lugar. Isso pode ser por alienação, por topofobia ou pelos atributos físicos, mas o importante é que são situações não intencionais.” (Marandola Jr. 2010, p.4-5)

A identidade é uma característica muito importante dos lugares, “A identidade refere-se ao espírito, ao sentido, ao gênio do lugar.” (Holzer, 1998, p.77). Mas a identidade não se refere apenas aos estereótipos de seus habitantes, ou as características das suas paisagens, mas aos modos de vida, de fala, de comportamento, a forma que os habitantes entendem o mundo, a cultura.

Acreditamos que o lugar transcende a definição de escalas, não existe um limite preciso para definir o lugar, ele não deve ser confundido com local, embora seja comum essa confusão. O lugar não define fragmentos espaciais fechados, ele é aberto e relacional. Tuan (1977) afirmou que o lugar pode ser definido desde o lar até a dimensão do Estado Nação, o que também ocorre na questão das distâncias,

do longe e do perto, pois são relativos à experiência.. Assim o lugar não possui uma escala precisa.

Nas décadas passadas a comunicação e a relação entre os distintos lugares eram mais limitadas, hoje a mobilidade se reflete no sentido de lugar. Na contemporaneidade o lugar relaciona-se com os meios de comunicação e transporte. O crescente intercâmbio resultando em uma cultura global. Essa realidade levou os geógrafos a dedicarem ainda mais atenção ao conceito de lugar, até a Geografia Radial tem refletido sobre esse conceito.

Transformações nos padrões e sentidos da mobilidade, modificações na estrutura cognitiva, mediações cada vez mais poderosas e onipresentes, como a televisão, a internet e o cinema, teriam dado tamanho poder as imagens na construção da nossa relação imediata com o mundo que são alguns dos processos que questionam o papel do lugar enquanto mediador fundamental de nossa experiência. (Marandola Jr, 2016, p.6)

Com a globalização surgem lugares polarizados, lugares transitórios, que são palco da mobilidade, as estações ferroviárias, os terminais rodoviários, os aeroportos, os shopping-centers e os grandes grupos de supermarket.

O lugar é definido como um espaço de encontro de distintas trajetórias e sua especificidade, sob a globalização, se dá mais pelas distintas formas de imbricação dessas redes, do que pela singularidade dos fenômenos em si mesmos (Massey, 2000:184 *apud* Holzer, 2019, p.132).

De acordo com Relph o crescente intercâmbio, as rápidas mudanças nas paisagens, as novas paisagens sem significados vêm substituindo os lugares históricos, principalmente na Europa, a ideia do moderno destrói o singular e cria homogeneização. Essa realidade criou um despertar em defesa do lugar.

Desde então, o lugar emergiu das sombras da academia, isso estava relacionado em parte ao movimento intelectual geral de se afastar de proposições universalistas do pensamento moderno e do projeto em direção ao pós-modernismo e à celebração da diferença, seja racial, sexual, política ou arquitetônica. Como fonte e expressão da diferença, o lugar passou a atrair a atenção de várias disciplinas acadêmicas. (Relph, 2012, p. 20-21)

Pesquisas recentes vêm sendo desenvolvidas acerca dos conceitos de lugar, dentre as pesquisas estão estudos sobre o mundo vivido, comunidades tradicionais e seus modos de vida, cultura, religiosidade, a relação com os lugares cotidianos, o olhar do imigrante, o mundo percebido pela criança, o mundo percebido pelos idosos, o mundo percebido pela grupos minoritários, percepção sobre o espaço da cidade, lugares afetivos, lugar na memória, lugar do medo. O livro “Qual o espaço do lugar?” (2012) contém textos com essas orientações. Na geografia, muitos estudiosos dedicaram atenção ao conceito de Lugar, como Armando Corrêa da Silva, Werther Holzer, e outros.

Chamamos atenção para a dedicação de Holzer a esse conceito, o professor publicou vários tratados dedicados tema, como: “Lugar” (2019); Sobre Territórios e Lugaridades (2013); Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica (2012); Sobre paisagens, lugares e não-lugares (2006); O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea, (2003); O Lugar na Geografia Humanista (1999), e sua tese de doutorado é "Paisagem e Lugar: um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI de 1998.". Para Holzer, o termo “Mundo” possuía o mesmo sentido de lugar, na Geografia Clássica, ou seja, sentido de mundo vivido.

Segundo Marandola Jr. o lugar é uma das identidades mais importantes da geografia, e nos permite dialogar com outras ciências como filosofia, arquitetura, literatura e psicologia. O sentido de lugar como mundo vivido não fica limitado a uma escala ou as suas singularidades, o “Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo” (Relph, 2012, p.29).

1.3 - Se o ser é situado, como conceber o não-lugar?

Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessário uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um *aqui* de onde se descobre o mundo, um *lá* para onde nós iremos. (Dardel, 2015, p.41)

Os lugares e os seres humanos possuem uma relação existencial recíproca, os lugares são os espaços construídos pelos homens, Dardel diz que “[...]a forma

mais importante do espaço construído está ligada ao hábitat do homem.” (Dardel, 2015, p.27).

A desestabilidade espacial promovida pela imigração impacta seriamente no âmbito existencial dos sujeitos, e a partir dessa instabilidade espacial, inicia-se um novo processo, o processo de constituição de um novo lugar, que se dá pela a ressignificação de um espaço geométrico em espaço vivido, e conseqüentemente impacta na ressignificação de sua própria existência enquanto ser-no-mundo.

O imigrante busca estabelecer laços afetivos com o novo espaço habitado e também com os novos vizinhos, com a nova comunidade que o recebe, nesse processo os espaços anteriores à terra natal permanecem nas memórias, são a eles que os imigrantes reclamam saudades.

Sobre o processo migratório, Marandola Jr e Dal Gallo (2010) relatam que são fenômenos históricos e territoriais, que podem ser analisados em diferentes escalas, porém, implicam não apenas em questões de organização espacial e econômica, mas também de identidade e cultura. Assim, pela percepção fenomenológica a migração em si possui uma essência constitutiva, que é a dimensão existencial do ser.

Na geografia os estudos acerca da migração receberam muito enfoque pelo viés territorial, econômico e organizacional, muitos dos estudos seguiram formulando leis e padrões, analisando os fluxos migratórios e as implicações econômicas. Já os estudos que seguiram pela corrente social se concentraram geralmente em análises socioculturais, Marandola Jr e Dal Gallo (2010) chamam essas duas formas de análises de “dimensão territorial” e “dimensão existencial”. Ressaltando que a “dimensão existencial” só têm sido adotadas nos pós 1970, por meio da corrente humanística.

A ciência geográfica é dotada do potencial de produzir análises integradoras entre a “dimensão territorial” e “dimensão existencial”, a fenomenologia ao ser apropriada pela geografia contribui significativamente nos estudos da migração através das suas dimensões, pois o ser humano não está apenas no espaço, ele “é” através do espaço:

Quer dizer, meu corpo está ou existe reciprocamente no espaço e no tempo. Por conseguinte, minha presença no mundo se efetiva através do meu corpo, e, estamos no mundo por intermédio do nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. (Souza, 2013, p.267)

As perspectivas territoriais e existenciais foram consideradas quando ponderamos acerca da percepção dos imigrantes que estão em Manaus, refletimos sobre as experiências daqueles que vivenciaram o novo habitar, e dispensamos a óptica de análise pelo viés locacional e econômico.

Outros fatores ponderados nesta pesquisa, foram as experiências negativas vividas na mobilidade. Muitos dos imigrantes venezuelanos que chegaram a Manaus encontraram dificuldade para encontrar um lugar onde residir, assim vivenciaram a dúvida de não saber onde iriam pernoitar, onde iriam se abrigar. Alguns necessitam residir nas ruas, em espaços improvisados.

Não é possível generalizar a experiência vivenciada por todos os estrangeiros, cada indivíduo é único e viveu experiências únicas, alguns podem ter passado por experiências traumáticas e outros não. Dardel ressalta que as experiências de caráter negativas influenciam no processo de construção dos lugares, "a realidade geográfica exige, às vezes, o trabalho e o sofrimento dos homens." (Dardel, 2015, p. 34).

A mobilidade é um outro fator essencial na compreensão do conceito de lugar e lar. Quando uma pessoa migra e passa a residir em outra cidade ou país, ele leva consigo uma parte da sua casa antiga, dessa forma, reproduz o modo de organizar os móveis e a decoração, "a casa natal inscreve em nós a hierarquia das diversas funções de habitar" (Bachelard, 1978, p.207).

Tuan ao relacionar a casa e a mobilidade urbana, faz um paralelo com o passado e o futuro, ao sair de casa de manhã, você avança no tempo e no espaço para o futuro, assim podemos pensar que o retorno para a casa no fim do expediente, indicaria um retrocesso no tempo e espaço. A casa é o centro da vida do ser, e como centro da vida "conota origem e começo" (Tuan, 2013, p.158).

O que dizer então das pessoas que habitam espaços temporários como os refugiados e abrigos? Que estão em processo de mobilidade? Que estão em uma moradia provisória construída e organizada por outros? De que forma a paisagem

imposta é sentida? Os imigrantes conseguem imprimir alguma marca nesses espaços transitórios? Certamente que sim, só precisamos interpretá-las.

Para Buttimer, um dos sentidos do conceito de lugar é expresso pelo lar. O lar revela a identidade, assim ela afirma que “a perda do lar... frequentemente pode acionar uma crise de identidade.” (Buttimer, 2015, p.6). A autora foi impactada com as modificações que ocorreram no seu lar de infância, quando saiu do espaço rural irlandês. Buttimer destaca em um artigo de 1978, que cada ser tem seu próprio sentido de lar, esse senso é adquirido através das experiências de vida.

Buttimer revela o quanto foi difícil encontrar sentido de lar depois da sua mudança do ambiente rural para o ambiente urbano. Assim, quando a autora propôs investigar as experiências de lar nos complexos habitacionais da classe trabalhadora, ela sentiu dificuldade em interpretar o sentido de lar daquelas pessoas, pois divergia do seu.

“Habitar não significa apenas dispor de um lugar onde se resguardar da sociedade e onde viver sozinho ou em família. É também encontrar pessoas, levar uma vida social.” (Claval, 2015, p.41). Do latim habitat significa o espaço onde seres vivos vivem, no caso é seu ambiente natural onde qualquer ser nasce e cresce, no entanto habitar não está restrito ao fato de uma pessoa possuir uma residência, habitamos o espaço vivido, independente de sua forma ou tamanho.

A mobilidade expandiu os espaços habitados, esses não ficam restritos ao local de nascimento, a não ser para espécies vegetais enraizadas. “Habitar é se inserir em um ambiente cujos aspectos físicos e os componentes sociais rapidamente se tornam familiares.” (Claval, 2015, p.43).

Paul Claval diz que habitar implica mais que simplesmente se situar fisicamente, justamente porque o ser humano é sensível ao seu espaço habitado, eles nunca são espaços neutros. Destacamos que “as pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente” (Claval, 2015, p.39).

A mobilidade, o crescente intercâmbio, e as mudanças promovidas pelo movimento despertaram um outro conceito, o de “não-lugares”. Mas de maneira geral são poucos os trabalhos de geógrafos brasileiros dedicados profundamente ao conceito de não-lugar. No entanto, essa temática recebeu atenção entre os

acadêmicos preocupados com os impactos causados pela industrialização e/ou globalização e a homogeneização resultante. "A revolução industrial trouxe consigo uma padronização e um gigantismo potencialmente e realmente prejudiciais aos lugares."(Relph, 1976, p.108, tradução nossa).

Em português encontramos a tradução do antropólogo francês Marc Augé "Non-lieux: Introduction à une anthropologie de la surmodernité" de 1992. De acordo com a definição de Marc Augé, o não-lugar é um espaço intercambiável onde os seres humanos permanecem anônimos, um espaço que não possui significado.

Em 1973 Edward Relph explicou sobre "placelessness" em sua tese defendida na Universidade de Toronto. "Placelessness" foi traduzido como "falta de lugar", ou, de acordo com Werther Holzer e Eduardo Marandola Jr., "lugar sem lugaridade", esses são espaços transitórios, portanto tem o potencial mínimo de despertar sentimentos topofílicos e topofóbicos.

[...] segundo Relph, são constantemente remodelados e transformados a cada movimento econômico, reordenando os atributos físicos, simbólicos e as atividades ali desenvolvidas, tornando as identidades dos e com os lugares mais fluidas, menos permanentes, e por isso, inautênticas. (Marandola Jr, 2010. p.7)

A tese de Relph deu origem ao livro "Place and Placelessness" publicado em 1976, a obra apresenta perspectiva teórica e metodológica fenomenológica, que ampara o entendimento do conceito de lugar. A essência e a identidade dos lugares também são preocupações centrais no livro. As publicações de Relph fundamentaram trabalhos de geógrafos brasileiros que se dedicaram ao estudo do conceito, com Werther Holzer, Eduardo Marandola Jr., entre outros.

O conceito de não-lugares, ou, espaços com o potencial mínimo de despertar sentimentos topofílicos e topofóbicos, foi muito atribuído aos espaços transitórios da modernidade, como shoppings, aeroportos e rodoviárias. Ou são espaços multifuncionais, onde é possível realizar várias atividades em um curto período de tempo.

O não-lugar interessa a essa pesquisa à medida que nos questionamos: O lugar é antitético ao movimento? Essa indagação surge à medida que refletimos de

que maneira o imigrante constitui o sentido de lugar e também de lar em um novo espaço habitado? Com base nesses pressupostos, buscamos nos aprofundar na noção de não-lugar por meio de Marc Augé e Relph.

O não-lugar surge quando estudiosos buscaram compreender como a modernidade, com seu grande intercâmbio de pessoas, produtos e informações, tem impactado de forma negativa as singularidades e identidades locais. Surge assim a noção de que os espaços singulares devem ser preservados. Essa noção originou a ideia de que a globalização estava diluindo o sentido do lugar, criando espaços homogêneos sem singularidades.

Tal preocupação orientou a tese de Relph, o autor cunhou a expressão “placelessness”, que em português foi traduzido como não-lugar, lugar desprovido de significado, ou deslugar. (Holzer, 2019, p.132).

Place and placelessness (Lugar e lugar-sem-lugaridade), de Edward Relph, que parte do pensamento de Heidegger para construir uma leitura sistemática dos processos de lugaridade e ausência-de-lugaridade, ou seja, de construção autêntica e inautêntica dos lugares. (Marandola Jr, 2016, p.6)

Relph escreveu que um lugar desprovido da capacidade de “reunir e agrupar qualidades, experiências e significados em nossas experiências”, e a nosso entendimento, também desprovido da capacidade de reunir pessoas, era considerado como um lugar sem lugaridade.

Se de um lado há um forte movimento de produção de lugares inautênticos, é preciso prestar atenção aos silêncios e aos esquecimentos. Todo o barulho que chama atenção para cada novo placeless abafa e esconde muitos lugares autenticamente vividos. Cabe aos geógrafos, tal como propõe Relph (1976), buscar entender estes processos e buscar a promoção de uma existência autêntica, ou ex-sistência (Marandola Jr. 2010, p.8).

Relph acreditava que as paisagens diversificadas e o localismo, comum no período pré-industriais, estavam sendo diluídos e até eliminados, cogitando, “[...]a possibilidade de uma geografia sem lugar, sem paisagens diversas e lugares significativos,” (Relph, 1976, p.79, tradução nossa). Entendendo que era mais difícil novos lugares autênticos surgirem. “Essa atitude inautêntica de “sem lugar” está

agora difundida - em um grau muito considerável, não experimentamos nem criamos lugares com mais do que um envolvimento superficial e casual. (Relph, 1976, p.80, tradução nossa).

Para Relph o planejamento urbano moderno, possui o potencial de manipular o espaço, de produzir espaços ordenados, funcionais, que transmitam sensações específicas. Assim a atitude inautêntica é adotada de forma consciente pelo planejamento urbano e aceita de forma inconsciente pelos usuários desses espaços.

Atitudes inautênticas em relação ao lugar podem ser inconscientes, decorrentes de uma aceitação acrítica de valores de massa; ou podem ser autoconscientes e baseados em uma adoção formal de técnicas objetivistas destinadas a alcançar a eficiência. (Relph, 1976, p.82, tradução nossa)

Usando técnica de planejamento, os espaços são criados com o objetivo de serem usados e habitados, e assim, os métodos de criação de bairro planejados, começaram a padronizar e uniformizar os espaços. "Este é, de fato, um planejamento dominado pela técnica, divorciado dos lugares como os conhecemos e experimentamos em nossas vidas cotidianas."(Relph, 1976, p.89, tradução nossa).

As novas estradas, vias expressas construídas nas grandes cidades, também promoveram o senso da inautenticidade. As auto estradas permitiram a conexão rápida entre os lugares, mas de acordo com Relph impossibilita a apreciação da paisagem circundante, as antigas estradas eram a extensão dos lugares, as novas trouxeram a invisibilidade dos lugares percorridos.

Estradas, ferrovias, aeroportos, cortando ou se impondo sobre a paisagem em vez de se desenvolverem com ela, não são apenas características da ausência de lugar por si só, mas, ao possibilitar o movimento em massa de pessoas com todas as suas modas e hábitos, encorajaram a propagação da falta de lugar muito além de seus impactos imediatos. (Relph, 1976, p.90, tradução nossa).

Sobre as mídias, e os meios de comunicação, Relph acreditava que as mídias também promoveram o fim dos lugares autênticos, quando homogeneizaram as paisagens, pois as mídias acabaram por "nada fazem para criar e manter lugares significativos e diversos."(Relph, 1976, p.89, tradução nossa). A comunicação de

massa parece ter criado uniformidade nas paisagens ao invés de ter reduzido a diversidade dos lugares.

A indústria da construção passou a produzir habitações padronizadas, surgem bairros com a mesma paisagem, construções adquiridas na planta com a mesma estrutura, sem singularidade. "Ao criar produtos com fins lucrativos, parece que os lugares merecem pouca atenção, seja na produção, gestão ou venda desses produtos, ou em seu uso na paisagem."(Relph, 1976, p.108, tradução nossa). As políticas de habitações populares seguem a mesma conduta, a cidade vai sendo padronizada.

Todavia, mais tarde, o conceito de não-lugar já foi repensado por Relph, o autor identificou que mesmo os espaços mais transitórios e multifuncionais despertavam o sentido de pertencimento. Relph entendeu que o ser-situado produz espaços em lugares, que o fato de estar situado já constitui o sentido do lugar. Dessa forma, Relph constatou que existem espaços com menor potencial de criar pertencimento, identidade, autenticidade e afetividade que outros, porém, todos os espaços possuem a capacidade de produzir esses atributos, mesmo que em proporções distintas.

Assim, entendemos que Augé foi um defensor da noção do não-lugar, de modo que Relph o ponderou e o repensou. A nosso ver, mesmo os espaços idealizados para serem transitórios, e os espaços onde o ser humano permanece anônimo, constituem o sentido de lugar, pois são construídos para o ser humano, e usufruídos pelo ser humano.

Desse modo, entendemos que é difícil conceber um espaço sem valor histórico ou afetivo, desprovido da existência humana para se configurar como não-lugar. Como Nogueira afirmou, "os homens e os lugares se co-pertencem." (Nogueira, 2013, p. 87).

1.4 - O lar como habitar profundo

todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa" (Bachelard, 1978, 200)

Quando falamos em lar, pensamos logo em sinônimo de casa, habitação e moradia. Geralmente pensamos em aconchego, segurança e família. O lar transmite uma experiência autêntica de pertencimento. Entretanto, o sentido de lar não está atrelado unicamente à materialidade da construção, mas sim à referência existencial, da relação afetiva e íntima com o espaço habitado.

Lar. Na experiência autêntica, 'casa', seja uma casa, um vilarejo, uma região ou uma nação, é um ponto central de existência e identidade individual de onde você olha para o resto do mundo. (Relph, 1976, p.83, tradução nossa)

Abordar os fundamentos do sentido de "lar" remete-nos conseqüentemente ao estudo dos conceitos de lugar, casa e habitat. É interessante destacar que a casa pode ser compreendida como sinônimo de lar, entretanto também pode ser concebida como um artefato que em dado momento vem a possuir a essencial de lar. Para algumas pessoas o lar pode assumir diferentes formas, um motorhome, um apartamento, um trailer, uma comunidade, uma praça, e a casa nos moldes tradicionais⁵.

A casa é construída por mãos humanas com as lógicas da matemática e da física. Para sua construção utilizam-se diferentes e variados recursos. A casa tem um propósito: ser habitada. Ainda assim a casa pode ter um sentido ainda mais sensível, pois nela os habitantes experienciam diversas emoções e fenômenos da vida cotidiana, dessa forma, ela pode ser percebida como um refúgio, prisão, segurança, insegurança, um território a ser protegido, um objeto de disputa, espaço do aconchego familiar, do descanso. Também pode despertar esses diferentes sentimentos de forma simultâneas ou em momentos diferentes da vida.

"Como efeito a casa é, à primeira vista, um objeto que possui uma geometria rígida. Somos tentados a analisá-la

⁵ Tradicional no sentido de uma residência ou moradia comum. Não pretendemos de forma alguma homogeneizar as diferentes culturas e povos e seus estilos arquitetônicos históricos. Quando houver nesse texto referência ao tradicional será indicado os padrões da arquitetura popular da modernidade.

racionalmente. Sua realidade primeira é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta é dominante. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáfora que acolhe o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição ao humano se faz imediatamente, desde que se tome a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade.” (Bachelard, 1978, p.228).

Com base nas considerações destacadas, entendemos a importância do estudo do lar na ciência geográfica, pois através do lar podemos pensar o espaço, o território, a paisagem e principalmente o lugar.

Renomados autores dedicaram atenção à temática “lar” e seus sinônimos. É importante evidenciar que o lar compõe parte dos preceitos que definem o conceito de lugar em uma perspectiva da percepção. Martin Heidegger, Gaston Bachelard, Yi-Fu Tuan, Edward Relph, Anne Buttiner, Doreen Massey dedicaram seus escritos a esse conceito. Os autores citados trilham a perspectiva fenomenológica, salvo Doreen Massey, que caminhou em defesa de uma geografia feminista de abordagem radical, Massey em particular reivindicou a superação da visão generalizada e romântica acerca da casa como espaço genuíno da mulher em um sentido de alienação.

Algumas afirmações de Massey discutidas aqui, ora entrelaçando-se e ora contrapõem-se às definições da geografia fenomenológica, essa lógica pode parecer não ter conexão com o contexto da pesquisa, contudo o foco deve estar centrado na concepção da autora acerca da essência do lar.

Iniciando com Massey, destacamos o texto “A place called Home” contido na obra “Place, space and gender” de 1994, onde a autora aborda sobre um fenômeno preocupante que surgiu na década de 1970 e 1980, fenômeno conhecido como “compressão de tempo-espaço”, destacamos a repercussão desse fenômeno no entendimento de lugar, Massey:

[...]argumenta-se que esta nova rodada de compressão do tempo-espaço produziu um sentimento de desorientação, uma sensação de fragmentação das culturas locais e uma perda, em seu significado mais profundo, de um senso de lugar.”(Massey, 1994, p. 162, tradução nossa).

Percebemos que a preocupação da época estava sobre o crescimento do intercâmbio entre os lugares devido às inovações nos meios de comunicação e meios de transporte, o que promoveu, de algum modo, a uniformização das culturas e do senso de lugar, tornando as especificidades do lugar cada vez menos percebidas, o que ficou sendo chamado de homogeneização. “parece que você pode sentir a presença simultânea de todos os lugares no lugar onde você está.” (Massey, 1994, p.162, tradução nossa).

Relph também questionou os impactos da globalização e da industrialização sobre o sentido do lar: “O significado de 'casa' foi enfraquecido não apenas pelo aumento da mobilidade e pela divisão das funções a ela associadas, mas também pela sentimentalização e comercialização.” (Relph, 1976, p.83. tradução nossa)

De acordo com Massey, o processo da homogeneização acabou por estimular a busca pela proteção do sentido de lugar, onde grupos nacionalista, étnicos e culturais tenderam a reafirmar suas especificidades buscando também suas defesas por meio da própria defesa do senso de lugar, e em um sentido profundo para o lugar chamado "lar", e esse ocorrido se torna preocupante quando desencadeia o extremismo.

Massey destaca que ainda que haja o crente intercâmbio entre os lugares e suas culturas, esse intercâmbio não elimina o senso particular e específico dos lugares vivenciados por cada pessoa ou grupo. Cada ser possui experiências únicas no espaço, essas experiências quando comuns a um grupo, tendem a despertar o sentimento identitário.

Dessa forma, Massey conclui que, lugar e lar são dinâmicos pois são construídos da justaposição dos conjuntos particulares individuais e de inter-relações sociais, pois isso mesmo as identidades dos lugares são passíveis de reformulações constantes:

Nessa leitura, a 'identidade de um lugar' é muito mais aberta e provisória do que a maioria das discussões permite. Primeiro, o que é específico sobre um lugar, sua identidade, é sempre formado pela justaposição e co-presença de conjuntos particulares de inter-relações sociais e pelos efeitos que essa justaposição e copresença produzem. (Massey, 1994, p.168-169, tradução nossa).

Dessa forma questionamos: "Quais inter-relações influem sobre a percepção de lar?", podemos prever que sejam: As relações familiares? Relações sociais? relações nacionalistas, identitárias? Certamente todas influenciam sobre a percepção de lar. Por exemplo, uma pessoa que imigrou para o estado do Amazonas, seja ela Nordestina, Sulista, Asiática, Haitiana ou Venezuelana, passa a constituir um sentido de lugar e lar com base nas relações pessoais, culturais e locacionais.

Partimos para a perspectiva de Gaston Bachelard. Ele, que foi considerado um filósofo fenomenológico, elaborou uma obra dedicada ao sentido do lar. No primeiro capítulo da "Poética do espaço", Bachelard afirma que os geógrafos possuem a habilidade de descrever bem os vários tipos de habitações, também diz que é comum trabalhos geográficos dedicados às formas e às funções das habitações. Bachelard destaca que as habitações são artefatos que revelam várias informações sobre o local onde se situa, como, os tipos de sociedades em que está inserida, as culturas, as tradições, a economia, as localizações, a topografia, os tipos de climas, as matérias primas, as técnicas, as tecnologias empregadas nas construções. Os tipos de telhados, por exemplo, demonstram facilmente o clima de uma região, "Os geógrafos não deixam de lembrar que, em cada país, a inclinação do telhado é um dos sinais mais seguros do clima" (Bachelard, 1978, 209). Assim os tipos de habitações também revelam o modo de vida daqueles que a construíram.

Para o geógrafo fenomenólogo, as questões que permeiam o habitar, ou seja, o lar, transcendem a função primeira da habitação, "é preciso dizer como habitamos nosso espaço vital⁶ de acordo com todas as dialéticas da vida." (Bachelard, 1978, 200). Assim, a casa é um artefato construído, porém além de sua função básica de resguardar, ela também expressa questões afetivas, pois é o lugar do dia-a-dia, e assim é marcada pela existência humana.

Bachelard também afirma que "a casa é nosso primeiro universo" (Bachelard, 1978, 200). É o nosso espaço mais íntimo, por isso é importante ressaltar que o corpo também pode ser considerado nosso primeiro mundo. Tuan também destaca a lugaridade do corpo, e questiona se é possível encontrar o lugar em um outro ser.

⁶ Bachelard não se refere ao conceito de Friedrich Ratzel, porém ao espaço vivido na intimidade.

É o corpo que permite através dos sentidos e da mobilidade habitar os espaços geográficos, incluindo a própria casa. Sem o corpo não somos e não estamos, o corpo é nosso meio de ser no mundo, é através das experiências sensíveis que conhecemos o mundo. Merleau-Ponty destaca que o sensorial precisa estar unido ao afetivo, pois os dados sensíveis em si, apenas nos mostram o mundo através da percepção material e factual.

Para muitas pessoas, a casa é considerada um cosmo. Crianças, idosos, e outros grupos com dificuldade de mobilidade, possuem a casa como seu único espaço habitado, para eles tudo acontece no espaço da casa. Assim a casa se torna um mundo.

Para Tuan, “o caminho da vida de um ser humano se move naturalmente do “lar” para o “mundo”, do “lar” para o “cosmos”. Crescemos em um mundo que expande. Isso faz parte do processo de amadurecimento, expandir seu horizonte, seu mundo experienciado. No entanto, “muitos seres humanos podem sentir uma certa ambivalência em relação a ambos os extremos da escala geográfica. O Hearth, embora estimulante, pode ser muito restritivo; o cosmos, embora libertador, pode ser desconcertante e ameaçador. (Tuan, 1996, p.2, tradução nossa).

Dessa forma tanto “lar” e o “cosmos” tem suas vantagens e desvantagens. Na sociedade moderna, o cosmos, mas especificamente a fronteira se apresenta como oportunidade, a oportunidade está “lá fora”. Contudo o lar resguarda, é aconchego.

É interessante refletir sobre a importância do lar na vida das pessoas, os seres humanos necessitam desse espaço íntimo e afetivo. Podemos facilmente observar essa afeição ao observarmos crianças brincando de casinha, muitas crianças constroem casas com lençóis, debaixo de móveis, e também em árvores. Crianças geralmente constroem casas para suas bonecas, simulando aspectos da vida real. Através de desenhos e pinturas infantis podemos perceber a afeição pelo espaço da casa. Bachelard explana algumas metáforas acerca da casa: Ninho, concha e casulo.

O ninho é um refúgio para o pássaro. O ninho é construído pelo pássaro, um trabalho que exige o esforço de todo o corpo do pássaro, uma dedicação total. O ninho transmite a sensação de segurança para o animal, ainda que de fato seja uma construção frágil. O ninho pode ser destruído a qualquer momento por uma forte

chuva ou uma ventania, ainda assim transmite a sensação de segurança e tranquilidade. O ninho é o local de descanso, assim como uma casa de campo, silenciosa, aquecida, e simples, pode até estar em estado “precário e, entretanto, desencadeia em nós o devaneio da segurança”. (Bachelard, 1978, p. 264). A metáfora do ninho, exprime a sensação de segurança.

A metáfora da casa como concha expressa a sensação de proteção, entre quatro paredes nos sentimos protegidos das adversidades, dos perigos, das intempéries. “A caverna-concha é aqui uma cidade fortificada para o homem...” (Bachelard, 1978, p. 283). No entanto, a rigidez da concha não oferece conforto, é fria, sólida, áspera. A concha não concede a sensação de aconchego, é desconfortável. De acordo com Bachelard, o ser humano “quer que a parede que lhe protege o ser, seja sólida, polida, fechada” (Bachelard, 1978, p. 282).

O casulo também é uma forma de concha, na verdade, toda a descrição realizada por Bachelard no capítulo “concha” se desvela acerca da concha do caracol ou molusco. A metáfora da concha é na verdade a metáfora do casulo. O casulo é uma habitação construída e carregada pelo proprietário, segundo Bachelard é preciso estar só para habitar o casulo. “Os caracóis constroem uma pequena casa que carregam consigo”. Assim, “o caracol está sempre em casa seja qual for a terra por onde viaje” (Bachelard, 1978, p. 276). O casulo protege, no entanto, gera solidão.

A “Poética do Espaço” apresenta outras metáforas acerca da casa, no entanto não nos aprofundaremos. Por fim destacamos o que o autor diz sobre os benéficos da casa: “Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhar, a casa nos permite sonhar em paz” (Bachelard, 1978, p. 201).

A casa ou o “lar” foi compreendido por distintos aspectos e diferentes autores, Relph no artigo “Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar” destaca um desses aspectos:

Lar é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence. A ausência de lar pode nos levar à saudade. Os sem-teto são uma enfermidade social. A partir da perspectiva da experiência, o lar constitui o padrão contra o qual todos os outros lugares

são julgados, o que é captado nos inúmeros sentidos populares: “Não há lugar como o lar”, “Lar doce lar”, “Lar é onde está meu coração”. (Relph, 2012, p.24).

O artigo salienta que, “O lar, é na verdade todo lugar, não é delimitado por limites precisamente definidos, mas, no sentido de ser o foco de intensas experiências.” (Relph, 2012, p.29). Lar é o espaço de pertencimento e de profundas experiências e significações para aqueles que o vivenciam. O lar pode ser a casa da infância, mas também pode ser outros espaços de pertencimento, como a cidade, a praça, a comunidade.

É comum a referência a casa da Infância, a casa dos avós. Bachelard destaca que lembranças da casa da infância, é uma forma de devaneio, e por mais que uma pessoa possa relatar detalhadamente a casa da infância, é impossível para um ouvinte capturar a essência das lembranças. A casa da infância permanece na memória, o retorno às mesmas experiências e sensações do passado, como disse Heráclito “não nos banhamos duas vezes no mesmo rio.”

É importante destacar que a experiência do lar varia de acordo com cada indivíduo, família, grupo social e cultural. As cores, a disposição dos cômodos, dos móveis, dos objetos de uso diário, a decoração, acabam por expressar a essência dos que ali vivem.

Em “Espaço e lugar: Perspectiva da experiência” Tuan questiona: "O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria." (Tuan, 2013, p.11). O adjetivo "velha" traduz o sentido vivenciado, de um espaço que foi habitado por um maior período de tempo. Contudo destacamos a existência de experiências imediatas, marcadas por intensos sentimentos, como medo, tristeza, alegria e euforia.

A expressão sintá-se em casa, denota o sentido de fique à vontade. Mas esse sentimento geralmente não é adquirido rapidamente. Geralmente nos sentimos à vontade em nossa casa, em ambiente privado e conhecidos. Segunda a narrativa de Stephy, imigrante que habitou o PRA em Manaus, a jovem questiona: "***Como me sentir à vontade sem privacidade?***". Nos sentimos à vontade na casa da família.

Para Tuan os mais abastados planejam e constroem suas residências, convertem sonhos em casa, enquanto que a classe operária dificilmente “vive em

casas e bairros planejados por elas” (Tuan, 2013, p.209). O operário vive em uma casa cedida, improvisada ou alugada, e mesmo não tendo construído, adquire com o passar do tempo a afeição pelo espaço. O operário transforma esse espaço em lar. Mobiliário, decorar, organizar também cria o sentimento de pertencimento. Cada utensílio doméstico adquirido demanda esforço, economia e tempo. Conseguir comprar um móvel é uma vitória que agrega afeição ao lar.

A casa também indica status, "O status de uma pessoa é claramente indicado pelo tamanho e localização de sua casa" (Tuan, 2013, p.140). A posse de uma residência é um antigo modo de indicar hierarquia social desde que o homem se fixou e passou a ser sedentário.

Antes de indicar hierarquia, a casa tinha, e tem, o objetivo de ser abrigo, Tuan compara as cavernas, que foram habitadas pelo homem no neolítico com o Útero. " Nas eras neolíticas, o abrigo básico era uma cabana semi subterrânea, um refúgio semelhante ao útero que contrastava nitidamente com o espaço lá fora." (Tuan, 2013, p.134). Para alguns povos pré-letrados a casa além de abrigo, também era concebida como o lugar dos ritos. "Muitos povos primitivos e tradicionais o ato de construir é um assunto sério que necessita ritos cerimoniais e talvez sacrifícios. Construir é um ato religioso" (Tuan, 2013, p.130).

Para os cosmopolitas, o lar é o mundo. Tuan diz que a casa é um microcosmos, para aqueles que querem escapar, talvez o lar esteja em algum lugar imaginado, um refugiado de paz. O imigrante está em busca de um novo lar. E os nômades digitais encontram o lar onde decidem permanecer temporariamente. Para o mochileiro o lar cabe nas costas. Para o religioso, o lar é a casa de Deus, o templo, a mesquita. Para o conservador o lar é a residência.

Todo ser humano de alguma forma constrói seu lar, e aqui afirmo que o lar é onde o ser se sente à vontade. Uma casa nem sempre é um lar pois ela nem sempre permite o ser sentir-se à vontade. A casa pode oferecer frustrações, traumas, medos, e geralmente quando os sentimentos negativos são aflorados, o ser busca um novo lugar para estar, busca por um novo lar. O jovem oprimido foge de casa, a mulher subordinada almeja um lugar de independência, o locatário quando incomodado busca uma nova habitação para alugar, o refugiado deixa seu país pois está em condições difíceis de viver. Ninguém quer estar em um ambiente

que não lhe proporcione o aconchego ou onde não se sinta bem. Assim, todo indivíduo procura construir o lugar em que se sinta à vontade, essa é a busca de todo migrante, um lar.

II. OS CONCEITOS E A HISTÓRIA ENTRELAÇADAS AO FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO VENEZUELANA ATÉ MANAUS

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar quando quero

“Encontros e despedidas” (Milton Nascimento/Fernando Brant)

Este capítulo se dedicou a questões conceituais e teóricas da migração, como também abordou de forma resumida a história da migração para o estado do Amazonas. Também se deteve sobre os motivos que impulsionam o êxodo venezuelano e a chegada em Manaus. Pois entendemos que o contexto histórico nos auxilia a compreender a realidade dos fenômenos atuais.

O que impulsionou a saída dos imigrantes venezuelanos? Como muitos venezuelanos chegaram ao estado do Amazonas e à cidade de Manaus? Quais foram os outros diferentes grupos de imigrantes que chegaram ao estado do Amazonas e à cidade de Manaus ao longo da história? Essas questões impactam e delinham a vivência dos imigrantes em Manaus.

O fenômeno da imigração venezuelana para Manaus é um fenômeno social, vivenciado por indivíduos que possuem histórias únicas e emoções particulares. Esses fatores estão imbricados com o passado, com relações pessoais e relações com a terra, de modo que a justaposição desses fatores particulares reflete no modo como o novo espaço habitado é produzido e percebido.

2.1 - Pensando conceitos e o fenômeno do ser deslocado

Ao estudar um fenômeno migratório específico, como a imigração venezuelana para Manaus, é importante buscar entender de forma abrangente o conceito migração e seus diferentes subconceitos, como, emigração, imigração, refugio, imigrante ilegal, imigrante temporária. Em diferentes autores e em diferentes correntes de pensamentos. Essa é uma tarefa necessária visto a complexidade do tema e as possíveis confusões geradas entre os subconceitos, como o que comumente ocorre entre emigração e imigração.

Ainda a essa pesquisa se interesse especificamente pelas questões existenciais do ser deslocado que busca por seu lugar, consideramos pertinente entendermos os conceitos migratórios, assim como os diferentes fluxos migratórios para Manaus e os fatores que determinam a migração venezuelana contemporânea.

Definir um conceito é sempre uma tarefa que nos leva a ponderar diferentes autores e diferentes perspectivas. No fenômeno da migração, muitos conceitos são empregados de forma divergente, em contextos controversos, resultando em redução dos termos e gerando confusões na difusão de informações.

Em uma breve pesquisa no dicionário online “dicionário etimológico”⁷, a palavra migração é definida da seguinte maneira: “ir de um lugar para outro”, dessa forma o que denominamos como migração demográfica, expressa o deslocamento realizado por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, de um lugar a outro, no qual pretendem habitar de forma temporária ou permanente.

Nos estudos geográficos sobre o fenômeno da migração, há duas palavras muito utilizadas, que são: imigração e emigração, estas duas palavras muitas vezes são empregadas com o mesmo significado, porém possuem distinções.

Entendendo de forma etimológica, o termo imigração decorre da junção entre “migro” que significa ir de um lugar para outro com o “in”, prefixo que indica “para dentro”, assim trazendo a noção de que o imigrante é aquela pessoa que adentra determinado território que não o seu de origem. De acordo com a legislação brasileira número 13.445/2017, “imigrante é toda pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil” (Brasil, 2017).

Quando o radical “migro” é acompanhado do prefixo “e”, que significa “para fora”, a palavra emigração assume o sentido oposto à imigração, de forma que o emigrante é aquela pessoa que deixou o seu território de nascimento.

Assim o emigrante é aquela pessoa que sai de sua terra natal, de modo que o imigrante é a pessoa que entra em um novo território que não o de nascença para residir de maneira definitiva ou temporariamente. Contudo, todo imigrante é também

⁷ <https://www.dicionarioetimologico.com.br/busca/?q=migra%C3%A7%C3%A3o> Acessado em 11/08/2022

um emigrante e vice-versa, pois a ação de deixar um lugar, requer a escolha de um novo lugar para habitar.

O sociólogo Carlos Nolasco afirma que existem diferentes definições para migração, “porém todas elas fazem referência a um conjunto de aspectos que consideram as migrações como o deslocamento de seres humanos no espaço e tempo.” (Nolasco, 2016, p.3).

Para conceituar a migração é preciso haver mobilidade espacial, isso também inclui sempre uma origem e um destino, um lugar para se deixar é um local para se chegar, um movimento que implica muita mais que apenas deslocamento espacial, mas todo um contexto de histórias de vida e emoções.

Carlos Nolasco se dedicou em realizar um estudo sobre o conceito migração e seus subconceitos, de modo que o autor buscou definições principalmente entre os antropólogos, como: Everett Lee (1966), William Petersen (1968), John Jackson (1991), João Peixoto (1998) e (2004), o geógrafo Ernest George Ravenstein (1885). Ravenstein (1885) que foi considerado como o precursor na tentativa de criar uma teoria geral das migrações. Carlos Nolasco ainda aferiu algumas definições em diferentes documentos produzidos pela Organização das Nações Unidas e por outras instituições norte-americanas.

Em suas leituras, Nolasco constatou que há divergências entre os autores na definição de um conceito específico para o termo migração, as divergências são referentes a questões como: 1) distância do deslocamento; 2) se o deslocamento é internacional ou nacional; 3) tempo de permanência no destino; 4) se há moradia (residência) no destino em um período.

Como já mencionado, não existe um consenso geral sobre a definição do conceito de migração, suscitando bastante debate no meio acadêmico, isso se dá devido à complexidade do fenômeno, e devido às diferentes perspectivas dos estudiosos.

O geógrafo britânico Ernest George Ravenstein publicou em 1885 o artigo conhecido como "The Laws of migration", que segundo Nolasco, foi considerado o primeiro texto dedicado à temática da migração. Esse artigo teve como base dados do censo britânico de 1881, onde o autor propôs 7 leis gerais para as migrações.

Mais ou menos três anos depois Ravenstein publicou o segundo artigo no qual havia ampliando os dados sobre as migrações com base em informações de outros países. A proposta dos escritos de Ravenstein (1885) foi a formulação de Leis gerais que regem os deslocamentos migratórios, no entanto, de acordo com um crítico da época, Ravenstein (1885) e (1889) havia apenas elaborado “um conjunto de proposições generalistas” (Nolasco, 2016, p.15) sobre o fenômeno e a realidade da época.

Embora Ravenstein (1889) reconhecesse que suas leis, ou princípios, não obtivessem a mesma rigidez e objetividade que as leis da física, por se tratar de princípios sobre um fenômeno de caráter subjetivo, seu trabalho permaneceu alvo de críticas:

“O Sr. K.A. Humphreys⁸ retrucou imediatamente que “Depois de ler cuidadosamente o primeiro artigo do Sr. Ravenstein e ouvir o presente, [cheguei] à conclusão de que a imigração se distinguia mais por sua ilegalidade do que por ter qualquer lei definida.” (Lee, 1966, p.47, tradução nossa).

Inicialmente Ravenstein (1885) indica 7 princípios sobre o fenômeno, que são: 1) distância de deslocamento; 2) migração por estágio; 3) corrente e contracorrente migratória; 4) diferença rural-urbana; 5) o perfil feminino na migração; 6) os impactos dos avanços técnicos e tecnológicos e 7) os fatores econômicos. Que são expandidos na segunda publicação.

Apesar da abordagem estritamente positivista, dentre as contribuições do geógrafo, destaca-se o fato de inaugurar a preocupação com o tema migração, de ter esboçado um conjunto de procedimentos metodológicos que foram posteriormente aperfeiçoados, e ter efetuado classificações e tipologias sobre o deslocamento humano. Ravenstein (1885) e (1889) também contribuíram com o desenvolvimento do modelo de atração e repulsão (push-pull) que teve bastante destaque em posteriores estudos.

⁸ “Discussão sobre Lfr. Ravenstein's Paper” Journal of the Royal Statistical Society, LII (junho de 1889), 302. *apud* LEE, Everett S. (1966), “A Theory of Migration”, Demography, 3(1), 47-57.

Outro nome importante foi Everett Lee (1966), que publicou o artigo “A theory of migration”, onde revisitou os escritos de Ravenstein (1885) e (1889) e trouxe novas contribuições para os estudos da migração. Lee (1966) definiu migração como:

[...] uma mudança permanente ou semipermanente de residência. Nenhuma restrição é colocada sobre a distância do movimento ou sobre a natureza voluntária ou involuntária do ato, e nenhuma distinção é feita entre migração externa e interna. Assim, uma mudança de um apartamento para outro do outro lado do corredor é considerada um ato de migração tanto quanto uma mudança de Bombaim, Índia, para Cedar Rapids, Iowa, embora, é claro, o início e as consequências de tais mudanças são muito diferentes. No entanto, nem todos os tipos de mobilidade espacial estão incluídos nesta definição. Excluem-se, por exemplo, as deslocações contínuas de nômadas e trabalhadores migrantes, para os quais não existe residência de longa duração, e deslocações temporárias como as de veraneio para as montanhas. (Lee, 1966, p.49, tradução nossa).

Lee (1966) definiu migração como uma mudança de residência, e não definiu a distância do deslocamento, abrindo margens para interpretações que consideram mudanças entre bairros da mesma cidade, como uma forma de migração. Todavia Lee (1966) também diz que mobilidades contínuas e de curtos períodos não deveriam ser consideradas como migração, contrapondo a ideia de migração pendular. Entendemos que o fator “distância de deslocamento” não é um item da preocupação de Lee (1966), no entanto o fator “tempo de estadia no local de destino” é especificado, devendo ser de média a longa duração para caracterizar migração.

Lee (1966) também se dedicou a entender os fatores que implicam sobre a decisão de migrar, esses fatores podem ser ambientais de caráter positivos e negativos, econômicos, e também pessoais, vemos assim o início da preocupação com as escolhas e percepções do ser migrante. Lee (1966) também discorreu sobre o volume dos fluxos migratórios, o efeito das migrações de retorno e o perfil dos imigrantes por gênero e faixa etária.

Ravenstein (1889) e Lee (1966) compartilharam a opinião da existência de áreas de atração e repulsão, assim como também consideraram a mobilidade rural-urbana como uma tipologia migratória. No entanto Lee (1966) não se restringiu

a fatores econômicos como determinantes da mobilidade, naquele momento já ponderava as questões emocionais e subjetivas para a fixação ou repulsão.

William Petersen (1968), outro autor que trouxe contribuições relevantes ao tema, publicou em 1968 a obra "Migration. Social Aspects". Na obra Peterson diz que migração é um:

movimento relativamente permanente de pessoas ao longo de uma distância significativa, dizendo que o tempo mínimo de permanência deverá ser um ano, sendo esse movimento classificado como visita se for inferior [...](Petersen, 1968, p. 286 -287 apud Nolasco, 2016, p.3)

Diferente de Ravenstein (1885) e (1889) e Lee (1966) , a definição conceitual de Peterson (1968) estimou um tempo mínimo de permanência no local de destino, sendo este de no mínimo um ano. No que se refere à distância do deslocamento, o autor usou a expressão "distância significativa" trazendo a ideia de grande extensão, hipoteticamente, referindo-se a mudança de cidade.

Petersen (1968) também indicou diferentes tipologias migratórias, e afirmou que a mobilidade ou a fixação no território são resultantes do contexto social e cultural, podendo o indivíduo assumir a decisão de fixação mesmo em contexto não favoráveis. As cinco tipologias de Peterson (1968)são as seguintes:

[...] primitiva, suscitada por condições ecológicas; forçada, determinada pelo Estado ou outra instituição social; impelida, os indivíduos têm parcialmente a faculdade de decidir sobre o ato migratório; livre, dependente da vontade dos indivíduos, mas reduzida em dimensão; massiva, quando a vontade migratória se expressa numa conduta coletiva. (Petersen, 1958 apud Nolasco, 2016, p.7. grifo nosso)

John Jackson indicou em sua obra "Migrações" de 1991, que as migrações resultam em mudança de residência, ciclo social, trabalho e até condição econômica, mas para Jackson o que definiria o fenômeno migração seriam três itens específicos. Primeiro: ultrapassar limites fronteiriços, assim ocorrendo quando há mudança de cidade, estado ou país. O segundo corresponde ao limite de tempo fora do local de origem, e o terceiro, seria a ocorrência de uma transição de status social e ambiente social. Assim como diz Jackson:

não deixa de ser significativo que pensemos quase sempre nos migrantes como pessoas que mudam de casa e de local de residência, num processo em que a mudança de local de trabalho surge de braço dado com a quebra de antigos laços sociais e a constituição de novos” (Jackson, 1991. p. 2 apud Nolasco, 2016, p. 5).

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM), a migração ocorre quando qualquer pessoa se desloca através de uma fronteira nacional ou internacional, longe do seu local habitual de residência.

Segundo o que diz o “Recommendations on Statistics of International Migration”, um relatório das Nações Unidas publicado em 1998, que visava fornecer orientação prática de coleta de dados estatísticos sobre fluxos migratórios, “migração é uma mudança de espaços político-administrativos com alguma duração, por isso implica uma alteração de residência” (UN, 1998, p. 17 apud Nolasco, 2016, p.3). As definições tanto da OIM como da “Recommendations on Statistics of International Migration” enfatizam a mudança de fronteiras, dando destaque às migrações onde ocorrem mudanças de cidades, e principalmente de nações.

Esses autores contribuíram na definição dos distintos conceitos, como também produziram pesquisas pioneiras e de grande relevância para os campos de estudos da população e da mobilidade humana. Ainda que a maioria das pesquisas citadas tenham sido orientadas por metodologias científicas e cartesianas, elas ainda contribuem para os novos estudos.

Aprofundando em alguns outros conceitos e tipologias migratórias, é interessante pensarmos que esses outros termos são definidos pela justaposição de três fatores: tempo, espaço e motivação.

É consensual entre os estudiosos que migração implica mobilidade e mudança de habitação, contudo ainda persiste a falta de concordância no que se refere ao tempo de permanência no local de destino. Assim pretendemos discorrer sobre as distinções entre migração permanentes e migrações temporárias.

O relatório “Recommendations on Statistics of International Migration” de 1998, se ateve ao fator tempo em sua conceituação, classificando as migrações em duas tipologias: Permanente e temporária. Migração permanente é aquela onde o ser migrante reside mais de um ano fora da terra natal, já aquelas com período inferior,

foram definidas como migração temporária. (UN, 1998, p.9 *apud* Nolasco, 2016, p.3). Sobre os subconceitos temporário e permanente, Nolasco diz que:

Quanto ao tempo implicado na migração, se o migrante se encontra numa situação transitória, permanecendo pouco tempo no local de destino, estaremos perante uma migração temporária, por oposição às migrações em que o migrante, no destino, estabelece residência de forma definitiva, sendo que neste caso estamos perante migrações permanentes. (Nolasco, 2016, p. 9).

A migração permanente, também chamada de definitiva, ocorre quando o ser migrante decide residir permanentemente fora do seu lugar de nascença, de forma que a migração temporária é aquela onde o ser migrante decide residir fora do local de origem por um período pré-determinado, retornando a terra natal brevemente.

Se tratando da migração temporária, podemos indicar outras tipologias, como: migração sazonal e migração pendular. As migrações sazonais geralmente estão ligadas à questão laboral e ocorrem por um período determinado, como, semanas ou meses, correspondentes aos períodos de contratação. Esse tipo de migração é muito comum no meio rural, pois a necessidade de mão de obra é cíclica, isso ocorre por ser condicionada a questões naturais.

A migração pendular é aquela que ocorre diariamente, também está muito relacionada ao fator laboral. Ela ocorre quando uma pessoa que vive em uma residência longe das zonas urbanas, se desloca diariamente até a cidade para ter acesso aos serviços básicos como, educação, saúde, comércio entre outros. A migração pendular também está relacionada à atividade rural, e ocorre quando o produtor precisa se deslocar diariamente para a cidade a fim de desenvolver suas atividades comerciais.

Quando pensamos os subconceitos de acordo com a dimensão espacial, identificamos outros dois subconceitos, que são: migração interna e migração externa. Usa-se “migração interna” para aqueles movimentos que ocorrem dentro de um determinado território nacional, isso inclui regiões, estados, municípios e cidades. Usa-se “migração externa”, ou “migração internacional”, para se referir a mobilidade para além da fronteira de um país. No caso das migrações internacionais, cada Estado tem o poder de controlar o tráfego de pessoas em seu território, sendo necessário autorização para a realização da imigração.

De acordo com a situação jurídica, as migrações podem ser classificadas em imigração legal ou ilegal. A migração legal ocorre quando a travessia da fronteira é autorizada pelo Estado receptor, contudo, se não há autorização para a entrada, o imigrante é identificado como ilegal, clandestino ou irregular.

O termo imigrante ilegal perdeu seu uso por ser considerado constrangedor, principalmente para as pessoas que se sentem forçadas a deixar seu país por motivos de risco de vida ou infração dos direitos humanos. São imigrantes que não dispuseram da oportunidade de regularizar o deslocamento, como nos casos de guerras e outras catástrofes.

O termo ilegal traz consigo a noção de criminalidade, por isso carrega um aspecto negativo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu décimo terceiro artigo diz que “Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a este regressar.”. Assim cabe a cada estado controlar suas fronteiras para sua proteção e segurança, mas também é necessário o cumprimento dos preceitos dos Direitos Humanos, assim cada país deve exercer um olhar empático às pessoas que realizaram a migração sem a autorização prévia.

Dessa forma a expressão ilegal deve ser evitada como forma de proteger o ser imigrante. No Brasil a imigração em situação indocumentada não é considerada crime, apenas uma infração administrativa, podendo ser, a qualquer momento, regularizada. O termo mais adequado para se referir a essa situação é “imigrante indocumentado” ou “imigrante em situação irregular”.

De acordo com as motivações para a mobilidade, existem as migrações planejadas, que são chamadas de migração voluntária, são aquelas onde o ser migrante possui diferentes motivos para o deslocamento, como: intercâmbio, turismo, fator laboral entre outros. Também existem as migrações forçadas, aquelas em que o ser migrante se sente obrigado a deixar sua terra natal por risco de vida ou violação dos direitos humanos, os principais motivos são: perseguições culturais, políticas ou religiosas, crises econômicas ou humanitárias, guerras e desastres naturais.

As migrações forçadas foram responsáveis pelo surgimento de um outro conceito chamado refugiados. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), “refugiados são pessoas que foram forçadas a

deixar seus lares devido a perseguições, conflitos armados, violência generalizada e violações dos direitos humanos.”⁹

No Brasil a lei nº 9.474/97 é considerada um marco para a proteção aos refugiados no país. Ela também foi um importante mecanismo para a implementação do Estatuto dos Refugiados, e determinou outras providências como a criação do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE).

De acordo com o “Painel interativo de decisões sobre refúgio no Brasil”¹⁰, até dezembro de 2022, 65.811 pessoas foram reconhecidas como refugiadas, sendo 70% dessas pessoas de nacionalidade venezuelana.

O artigo 17 da lei nº 9.474/97 orienta a maneira como o imigrante indocumentado pode solicitar o status de refugiado no Brasil, assim o estrangeiro nessa situação deverá apresentar-se à autoridade competente e externar vontade de solicitar o reconhecimento da condição de refugiado.

A lei da migração nº 13.445 de 2017 dispõe sobre os direitos e deveres do imigrante, esse documento indica outras classificações migratórias, como: residente fronteiriço, visitante e apátridos.

Residente fronteiriço refere-se a pessoa nacional de país limítrofe ou apátrida que conserva a sua residência habitual em município fronteiriço de país vizinho. (BRASIL, 2017). Os visitantes são pessoas nacionais de outro país que vem ao Brasil para estadias de curta duração, sem pretensão de se estabelecer temporariamente com período definido, ou definitivamente no território nacional. (BRASIL, 2017).

A pessoa apátrida não possui reconhecimento nacional em nenhum país. Isso pode ocorrer por diferentes motivos, como perda de seu reconhecimento como cidadão, por perseguição, conflitos políticos entre outros. Em 2002 foi criado no Brasil por meio do decreto nº 4.246/2002 o Estatuto dos Apátridas.

⁹ "Refugiados", acessado em 28/02,2023. Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20para.direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados.>

¹⁰

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiZTk3OTdiZjctNGQwOC00Y2FhLTgxYTctNDNIN2ZkNjZmMwVlliwidCI6ImU1YzZM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBlLTk1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOiJh9&pageName=ReportSection>

Apátridas são todos os homens e mulheres (incluindo idosos, jovens e crianças) que não possuem vínculo de nacionalidade com qualquer Estado, seja porque a legislação interna não os reconhece como nacional, seja porque não há um consenso sobre qual Estado deve reconhecer a cidadania dessas pessoas. Estima-se que em todo o mundo existam 12 milhões de apátridas.¹¹

Percebemos que existem diferentes conceitos ou tipologias migratórias, isso devido à grande complexidade do fenômeno, que é reflexo do contexto social e histórico de cada lugar.

Foi a partir dos séculos XIX e XX, com o crescimento dos fluxos migratórios, que o tema despertou maior interesse dentre os estudiosos das ciências sociais, porém, a princípio os estudos caminhavam por um viés economicista por meio de metodologias que tornavam os indivíduos objetos de análise. Ao longo do século XX algumas teorias acerca das migrações foram desenvolvidas, e muitos estudos de perspectiva humanista se propagaram.

Apesar do crescente interesse pelo fenômeno no século XX, referências mais ou menos desenvolvidas dispersaram-se por diferentes ciências. (Peixoto, 2004, p.3). O que pode ter sido positivo na medida que o tema se tornou importante para um vasto número de especialistas, desenvolvendo pesquisas sob diversas perspectivas teóricas.

Peixoto (2004) considera que a ciência geográfica foi uma das ciências que dedicou maior atenção ao tema, devido ao vínculo comum com o espaço, porém o autor também apontou que faltou maior dedicação e aprofundamento por parte dos geógrafos ao fenômeno. O fato de muitos geógrafos utilizarem regularmente contributos teóricos provenientes de outras ciências sociais reflete, talvez, a situação geral dos estudos sobre o tema. (Peixoto, 2004, p.3).

Contudo, foi a um geógrafo que Peixoto e Nolasco deram o crédito de precursor no estudo dedicado a migração:

O único autor considerado “clássico” deste tema é Ravenstein. Este autor, geógrafo e cartógrafo inglês da viragem do século

¹¹ “Apatriados”, acessado em 28/02/2013. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Apatridia_Cartilha-informativa_ACNUR-2012.pdf

XIX para o XX, é, quase invariavelmente, o decano das referências bibliográficas da teoria migratória, citado em trabalhos oriundos de diferentes ciências sociais. (Peixoto, 2004, p.4)

Dentre as teorizações que permeiam o tema estão: A teoria “Mercado Segmentado” de Peter Doeringer e Michael Piore, a teoria “Sistema-Mundo” de Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein. Essas duas, apoiam o pensamento economicista, por meio das áreas de atração e repulsão, e polarizações, já pensadas antes por Ravenstein.

Há também a teoria dos “Sistemas Migratórios” que afirma que existe um conjunto de países com afinidades decorrentes de laços históricos, como o colonial, e por isso estabelecem entre si um sistema migratório, em que os fluxos do sistema não necessariamente ocorrem apenas entre 2 países, podendo alguns países estarem inseridos em mais de um sistema.

A explicação de cada sistema migratório não pode ser feita atendendo exclusivamente aos fatores de atração e repulsão, ou às características estruturais dos mercados de trabalho na origem e no destino, nem tão pouco às consequências da economia capitalista em cada país. (Nolasco, 2016, p. 25)

No passado os estudos antropológicos entendiam o imigrante como um ser sem raízes, um ser que não mantinha laços com a terra natal, com a cultura e a sociedade de origem, parte desse entendimento se deu devido às dificuldade de comunicação nas décadas anteriores, que realmente isolaram alguns imigrantes, contudo dificilmente os laços com a terra natal eram totalmente eliminados, pois permaneciam as memórias afetivas, as tradições, a culinária, o modo de falar, e mesmo a tentativa de reprodução do modo de vida lá da terra natal.

Atualmente a facilidade dos meios de comunicação permitem uma relação mais próxima e constante com a família e a terra natal, assim persistem valores culturais da terra natal, “os estudiosos da migração transnacional enfatizam os modos correntes e contínuos pelos quais os imigrantes dos dias atuais constroem e reconstituem sua incorporação simultânea em mais de uma sociedade.” (Schiller et al, 2019, p. 351)

Acerca dos conceitos e tipologias migratórias Nolasco afirma que:

a maleabilidade conceitual de migrações varia num intervalo entre dois extremos dicotômicos, em que num dos lados a definição é tão ampla que inclui todas as formas de mobilidade, e no outro, pelo contrário, é tão restrita que exclui da concessão determinados movimentos. (Nolasco, 2016, p.05).

Sobre os caminhos trilhados pelos estudos acerca do fenômeno migratório, percebemos que o tema sempre interessou aos geógrafos, e que desde Ravenstein, até as décadas de 1970 e até 1980, a maior parte dos estudos estavam orientados por uma perspectiva economicista, pautada na metodologia analítica, isso é perceptível nas diferentes teorias, como exemplo, nas teorias de áreas de atração e repulsão (push-pull), áreas de polarização, Teorias de Mercado e Sistema Mundo.

Contudo após a década de 1970 o olhar dos geógrafos e geógrafas, e a perspectiva das ciências humanas em geral, se voltaram mais atentamente para as lutas e resistências dos indivíduos que vivenciam as dinâmicas espaciais e sociais, principalmente dentro da corrente da geografia crítica. Após a década de 1970, percebemos uma nova curva no modo de pensar as espacialidades vividas, onde os estudiosos passam a demonstrar maior empatia e interesse pelo ser humano e suas vivências, utilizando-se de escalas menores, de maior proximidade e interação com os indivíduos que moldam o espaço e que são impactados pelas diferentes dinâmicas sociais e naturais do mundo.

2.2 - História da imigrações para o Amazonas

Antes de abordarmos propriamente a migração venezuelana para Manaus, faremos uma breve contextualização histórica do fenômeno da migração para o estado do Amazonas, e a Amazônia nos fundamentamos a princípio na obra “Amazônia – Formação Social e Cultural” de Samuel Benchimol.

A obra de Benchimol aborda uma escala mais extensa, podemos dizer que de âmbito regional e menos singular quando comparada com os objetivos desta pesquisa. “Amazônia – Formação Social e Cultural” se trata de uma coletânea de textos que exprimem a jornada de Benchimol em compreender os habitantes da Amazônia, os imigrantes e seus impactos no contexto da formação social dessa região.

Encontramos no trabalho de Benchimol um contexto histórico que auxilia pensarmos o fenômeno da migração até a cidade de Manaus, de onde partimos para o estudo da imigração recente venezuelana para a capital.

Marcia de Oliveira (2014) destaca que:

[...] a dinâmica migratória também representa uma importante chave representativa e interpretativa da Amazônia e que os migrantes contribuem com a formação do mosaico da sociodiversidade desta região de “mil rostos” numa miscelânea de culturas, experiências e subjetividades trazidas e levadas nos itinerários migratórios. (Oliveira, 2014, p.20)

O estado do Amazonas tem uma grande herança deixada pelos povos tradicionais. Como nos diz Benchimol “o conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia Equatorial e Tropical inicialmente foi um processo predominantemente indígena” (Benchimol, 2009, p.25). Contudo, segundo algumas teorias, esses primeiros habitantes que ocuparam a Amazônia foram frutos de migrações ancestrais procedentes de outros continentes como África e Ásia e que colonizaram as Américas a milhões de anos atrás.

A Amazônia é lar dos caboclos, ribeirinhos, indígenas, e de muita gente que aqui chegou em busca de um lugar. Assim como ocorreu em todo o território brasileiro, a Amazônia é caracterizada pela miscigenação de sua gente.

Dessa forma vamos entender um pouco sobre os grupos e períodos mais expressivos da imigração para a Amazônia, antes de abordarmos de modo mais específico a migração atual venezuelana.

O processo de ocupação da Amazônia foi marcado pelos ciclos de extrativismo do látex da seringa destinados ao mercado externo. Entre eles destacam-se: O ciclo das drogas do sertão e o ciclo da borracha.

Dentre os fluxos migratórios mais expressivos para esta terra, estão os portugueses, espanhóis e holandeses. Alguns grupos africanos também tiveram sua participação, como também semitas e asiáticos. Depois de um período houveram os fluxos internos, como os imigrantes nordestinos e sulistas.

A ocupação institucionalizada da Amazônia teve início ainda no século XVII quando a Coroa Portuguesa passou a desenvolver ações na/para a região considerando-a como terra sem gente” (Paula, 2022, p.2). Terra sem gente foi uma expressão muito utilizada para justificar a apropriação de Terras indígenas e políticas de ocupação e redistribuição das mesmas no período da Coroa.

A Amazônia foi disputada no decorrer dos séculos XVII e XVIII pelos portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses, que almejavam colonizar e adquirir os recursos exóticos e as riquezas naturais dessa terra. Nessa disputa os portugueses acabaram dominando a maior parte da calha central do rio Amazonas e seus principais afluentes, os espanhóis se concentraram na região dos Andes e das Guianas.

Com a chegada dos europeus, a princípio espanhóis e portugueses, ocorreu a destruição de muitos dos valores da cultura indígena, principalmente em decorrência das missões jesuíticas e do processo de catecismo. Modo de vida, vestimenta, linguagem foram sendo modificadas ao longo do tempo. “Tanto portugueses como espanhóis, no processo de conquista e ocupação, transplantaram e difundiram os valores e símbolos culturais europeus.” (Benchimol, 2009, p.73).

Hábitos alimentares, educação, linguagem, religião, literatura, canções, danças, construção de casas, fortes, igrejas, praças, ruas, vilas e cidades foram mudando, e a paisagem também mudou.

Os negros africanos também foram incorporados por meio do escravismo, esse grupo de imigrantes não superou em quantidade a população indígena, nem a europeia, ainda assim a presença africana também contribuiu com hábitos e costumes da região norte, mesmo que sua influência não tenha sido tão evidenciada.

Mesmo que a presença negra africana no norte do país não se compare com a presença negra em outras regiões do Brasil, não se pode propagar a ideia de que a Amazônia não tenha recebido influência afro em seu território e cultura. A Venezuela também compartilha conosco essa herança. De acordo com Benchimol (2009) houve a:

Introdução de escravos africanos em Belém, São Luís, por intermédio da Companhia de Cacheu e Companhia de

Comércio do Maranhão e Grão-Pará, em número calculado em 30.000, pelo professor Mário Meireles, por meio dos navios tumbeiros, que transportavam as peças da Guiné e os fôlegos vivos de Angola, Costa da Mina e do Marfim. Essa mão-de-obra originada do tráfico negreiro servia para suprir as necessidades de braço e força para as construções, lavouras, serviços domésticos, sertanismo e outros afazeres na falta do escasso e arreado braço índio. (Benchimol, 2009, p.77).

Os fluxos migratórios para a Amazônia podem ser pensados em períodos: Primeiro a colonização, depois houve a grande influência do comércio do látex da seringueira, e por terceiro ocorreram as políticas de incentivos à ocupação da Amazônia.

No período colonial, após a disputa entre os espanhóis e os portugueses sobre o domínio do território americano, Portugal investiu no poder da igreja como arma de dominação da Amazônia, dessa forma algumas ordens católicas vieram com o objetivo de educar e converter os indígenas, de acordo com Benchimol (2009), os portugueses que vieram para catequizar eram “imigrantes, quase todos jovens e pobres, eram filhos de agricultores e sitiantes, de numerosa família patriarcal, com rígida educação doméstica e obedientes à tradição, valores familiares e devotos de Nossa Senhora de Fátima. (Benchimol, 2009, p.82).

Os portugueses contribuíram para a criação das aldeias, vilas, que no futuro se tornaram as primeiras cidades, eles também tiveram influência na arquitetura urbana e contribuíram com o desenvolvimento do comércio, além de influenciarem no cotidiano do norte.

O grupo de portugueses mais jovens que chegaram à Amazônia se estabeleceram nas vilas, e passaram a auxiliar os negócios da família, como: “mercearias, padarias, açougues, bares, botequim, feiras, quitandas, lojas e pontos de comércio.” (Benchimol, 2009, p.83).

Após o primeiro período colonial, outra fase que atraiu os lusos foi o período da extração do látex da borracha, de acordo com Benchimol “durante a fase áurea da borracha, na primeira década do século XX, milhares de imigrantes lusos, atraídos pela fortuna, foram pioneiros na organização do sistema mercantilista de intercâmbio,” (Benchimol, 2009, p.81).

O período áureo da borracha foi responsável por novos fluxos migratórios, nessa fase houveram migrações internacionais e nacionais. A atividade extrativista do látex da seringa trouxe para o norte do Brasil, tanto europeus, como nordestinos, principalmente os cearenses que fugiam da grande seca ocorrida no Nordeste.

A partir de 1827, a borracha amazônica começa a ganhar destaque no comércio, o produto passou a ser exportado em toneladas. De 1910 a 1932 o látex foi responsável pelo crescimento econômico e pela urbanização do norte:

[...] a Amazônia recebeu uma considerável massa humana de migrantes nordestinos, aqui genericamente conhecidos como cearenses. Procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados nordestinos. (Benchimol, 2009, p.153).

O Amazonas passou por um maior processo de miscigenação com a chegada dos nordestinos, ganhando em seu cotidiano características mais diversas na culinária e no modo de falar. “Durante o tempo em que durou o ciclo da borracha, os cearenses atuaram como principais personagens e atores na história da região, realizando a ocupação e povoamento”. (Benchimol, 2009, p.153).

As secas de 1877 e 1878 deslocaram 19.910 retirantes. Em 1892 as entradas registaram uma migração de 13.593 nordestinos. No triênio 1898-1900, nos portos de Belém e Manaus, entraram 88.709 migrantes no auge desse movimento povoador. Contados os números até 1900, teríamos um afluxo de 158.125 nordestinos que vieram fazer a Amazônia, cerca de 20% da população amazônica da época. De 1900, passando pelo apogeu de 1910, até à depressão, estimamos que a Amazônia recebeu mais de 150.000 cearenses, totalizando assim 300.000 migrantes nordestinos, no período de 1877 a 1920. (Benchimol, 2009, p.154)

Com o declínio dessa atividade econômica, em 1945, muitos nordestinos regressaram à terra natal, os que permanecerem no Amazonas, deixaram os seringais e se instalaram nas cidades, com muita luta, se estabeleceram no mercado de trabalho como comerciantes, vendedores ambulantes, camelôs, feirantes. Benchimol estima que mais de 500.00 nordestinos vieram fazer a Amazônia no ciclo da borracha.

Ainda no auge do período da borracha, norte-americanos e ingleses foram outros imigrantes com presença marcante na região. Os ingleses aplicaram investimentos nos setores básicos de infraestrutura economia:

É numerosa a lista dos empreendimentos britânicos, europeus e norte-americanos, na Amazônia, durante o ciclo da borracha. Esses investimentos foram responsáveis pela montagem da infraestrutura econômica de serviços públicos básicos, como portos, navegação, transporte urbano, comunicação, energia, saneamento, que permitiram a criação dos pré-requisitos fundamentais para ensejar um maior desenvolvimento e bem-estar das populações. (Benchimol, 2009, p.232).

O tempo dos ingleses transmitiu novas características de prosperidade ao norte, com os seus serviços públicos para viabilizar a região. Com a crise no mercado da seringa, “as companhias inglesas e de outros países que tinham feito grandes inversões na Amazônia perderam o interesse na região e deixaram de prover a manutenção dos serviços públicos” (Benchimol, 2009, p.230). Com o declínio dos seringais, os ingleses também se retiraram do Amazonas, levando com eles seus investimentos e equipamentos. A saída desses imigrantes e de seus investimentos gerou um longo período de crise econômica.

Em suas obras sobre a formação social da Amazônia, Samuel Benchimol dedica especial atenção ao povoamento Judeu, que iniciou a partir de 1810 a 1820 a entrada no Amazonas. Judeus marroquinos que fugiam das perseguições na Península Ibérica e em Marrocos destinaram-se ao Brasil e se estabeleceram primeiramente no Pará e depois em Manaus.

No período que vai de 1810 a 1910, cerca de 1.000 famílias de imigrantes, tanto sefaradistas-marroquinas como de outros grupos culturais judeus da Europa e do Oriente Médio, vieram fazer a Amazônia um pouco antes e durante o boom do ciclo da borracha. (Benchimol, 2009, p.259).

Uma segunda corrente de imigrantes judeus chegou em 1870-1871, e posteriormente uma terceira corrente composta por judeus vindos da Alemanha. A quarta corrente trouxe turcos, libaneses, sírios e até egípcios.

Outro fator que atuou como motivo de atração à imigração judaica foi a inauguração de navios com navegação direta ligando o Rio Amazonas à Europa, por

meio de companhias de diferentes nacionalidades, após a abertura dos portos em 7 de setembro de 1866. “vapores ligando os portos de Manaus, Belém, e os portinhos do interior da calha central, com a Ilha da Madeira, Lisboa, Leixões, Vigo, Havre, Liverpool e Hamburgo, com transbordos para Paris e Londres” (Benchimol, 2009, p.300).

Roberto Santos (1980: 88) nos informa, que no período de 1908 a 1911, no auge do ciclo da borracha, deram entrada em Belém – o principal porto amazônico – 19.467 imigrantes estrangeiros. Destes, 9.008 eram portugueses; 2.809 espanhóis; 1.294 ingleses; 974 turco-árabes; 907 franceses e alemães; 830 italianos; 564 norte-americanos e 3.081 de outras nacionalidades. (Benchimol, 2009, p.303).

As navegações internacionais possibilitaram a chegada dos imigrantes europeus e depois imigrantes judeus, de modo que as navegações na calha do Rio Amazonas e seus afluentes permitiu a interiorização para outros municípios no Pará e no Amazonas. Além disso, um conjunto de fatores políticos também atuou como fator de atração, como a liberdade ao culto e as atividades de importação e exportação.

Com a crise da borracha, os europeus deixaram o Amazonas, dessa forma coube aos judeus fornecer à sociedade local a liderança econômica e social necessária para sobreviver às décadas de depressão. (Benchimol, 2009, p.295).

Nas décadas de 60 a 80, o Amazonas recebeu um outro contingente migratório, eram os sulistas:

Nas décadas de 1960 a 1980 surgiu um novo movimento migratório, quando mais de dois milhões de gaúchos, paranaenses, paulistas, goianos, mineiros, capixabas e também nordestinos, descem do planalto central para se integrar à nova fronteira agrícola, pecuária, minerária, garimpeira e extração madeireira, em Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Rondônia, Acre, sul do Pará e Amazonas. (Benchimol, 2009, p.153)

Já no período do Brasil República (1889) a Amazônia foi vista como um “vazio demográfico” e uma região a ser protegida, essa imagem sobre a Amazônia continua a ser repercutida no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) a floresta

passou a ser vista como estratégia de interesse nacional, assim, deveria ser protegida de intervenções estrangeiras através de políticas de ocupação.

As políticas de ocupação não se preocupavam com os interesses dos indígenas e dos povos tradicionais, não pensaram nos embates que despertaram entre a população tradicional e os novos habitantes das terras do norte.

A criação da Zona Franca em 1957, o estabelecimento da área de livre comércio de importação e exportação e os incentivos fiscais, trouxeram nas décadas seguintes, melhores condições econômicas. A Zona Franca de Manaus foi responsável tanto pelo crescimento econômico como pelo crescimento populacional.

Durante a ditadura militar, os esforços em ocupar a região continuaram, e surgiu com o lema “integrar para não entregar”, foi no governo de Emílio Médici (1969-1974) que muitas ações de ocupação ocorreram, por exemplo, a construção das rodovias Transamazônica, Cuiabá-Santarém, e Manaus-Porto Velho. No seu governo, também foram criados o Incra e o Projeto Rondon. Foi o período denominado de “marcha para o oeste”.

A construção da Transamazônica serviu de alavanca para um ambicioso programa de colonização que incluía o deslocamento de quase 1 milhão de pessoas com o objetivo de ocupar estrategicamente a região, não deixar despovoado nenhum espaço do território nacional e tamponar a área de fronteiras. (Souza e Carodi *Apud* Schwarcz; Starling, 2015, p. 454)

O artigo “Os fluxos migratórios na região Norte nas décadas de 1970 e 1980” da pesquisadora e professora Marília Carvalho Brasil, afirma que o processo de ocupação do norte é subdividido em três grandes períodos: 1ª Período da colonização, 2ª Período imperial, 3ª Período pós década de 1960.

O terceiro período vai ter como motivo de atração migratória as políticas públicas que tinham por objetivo povoar e desenvolver a Amazônia. Essa terceira fase foi responsável pelo crescimento populacional mais expressivo do Norte, “A população que em 1960 estava próxima a 1,9 milhão, passou, em 1980, para quase 6 milhões de habitantes” (Brasil, 1997, p.62). Nas décadas de 1970-1980 as migrações para o norte permanecem com intensos fluxos interestaduais.

Marília Carvalho Brasil (1997) diz que as políticas de ocupação foram responsáveis por um fluxo constante de entradas e saídas de imigrantes nacionais, eram sulistas, nordestinos e imigrantes oriundos do centro-oeste. Os projetos responsáveis pelo fluxo de pessoas foram “projetos agropecuários e minerais, à colonização dirigida, à construção de estradas de rodagem, à criação da Zona Franca de Manaus” (Brasil, 1997, p.64).

O Amazonas foi a UF que recebeu o terceiro maior volume de nordestinos (16.500 pessoas), correspondendo a 25% da imigração que teve como destino esse Estado. Os principais Estados de origem foram o Ceará (47%) e o Maranhão (22%). Apesar da importância da migração nordestina para o Amazonas, foi a migração intraregional que conteve o maior efetivo, com 52% da migração interestadual amazonense. O Pará (70%) e o Acre (18%) foram seus maiores fornecedores de população. Outra região relevante quanto à origem dos migrantes foi o Sudeste, que contou com 14%... (Brasil, 1997, p.67).

Na década de 1980 o Nordeste continuou sendo a região que mais destinou imigrantes para o Amazonas, porém, pensando em âmbito nacional, as décadas de 1980 e 1990 vivenciaram um freio na chegada de imigrantes internacionais, experimentando mais a saída para o estrangeiro. No caso do Amazonas, os fluxos regionais e inter-regionais persistiram, dando destaque a migração campo cidade ainda como reflexo da Zona Franca de Manaus.

Todos os diferentes fluxos migratórios foram responsáveis pelo crescimento populacional do norte do país e do Estado do Amazonas, de acordo com dados do censo demográfico no ano 2000 a população do estado do Amazonas estimava 2.812.557 habitantes, em 2011 o número estimado foi 3.538.387 habitantes, enquanto em 2021 os dados mostram o total de 4.269.995 habitantes, esse alto crescimento populacional é referente tanto a taxa de natalidade quanto aos fluxos migratórios.

Em 2019, a região Norte apresentou um elevado registros de imigrantes, com destaque para Roraima e Amazonas, esse alto índice se deu devido a migração venezuelana para o Brasil, que possui como principal porta de entrada o estado de Roraima fronteira com a Venezuela.

A partir de 2019 a imigração internacional para o Amazonas superou as imigrações internas, atualmente são os vizinhos venezuelanos que mais imigram para o Brasil. Verificando os dados referentes a todo o território brasileiro, percebemos que a proporção da imigração venezuelanos é muito elevada. Em 2017 foram 6.849 pedidos de residência, já em 2022 os dados apresentam o total de 103.987 venezuelanos com documentação de residência e 33.667 com documentação de refugiados, de acordo com dados da polícia federal de acordo com o sistema de registro nacional migratório - SISMIGRA, disponíveis na plataforma R4V.¹²

Ao andar pela cidade de Manaus é possível perceber diferentes grupos de imigrantes trabalhando, se locomovendo, realizando suas atividades diárias, são pessoas de várias nacionalidades que chegaram à capital em diferentes períodos em busca de uma melhor qualidade de vida. O idioma, na maioria das vezes, é o que mais marca a presença dos estrangeiros na cidade. Atualmente o grupo mais expressivo são os venezuelanos, essa presença é resultante de um recente fluxo migratório que iniciou timidamente e que entre 2018 e 2020 apresentou um ápice.

Contudo, a entrada de venezuelanos no Brasil permaneceu ativa dia após dia, no período em que as fronteiras estavam fechadas em decorrência da pandemia do Covid-19. A pandemia dificultou muito as condições de vida dos imigrantes. O fechamento das fronteiras impactou negativamente na entrada em território brasileiro, assim muitos venezuelanos optaram por atravessar a fronteira através das “trochas”, que eram caminhos ilegais.

Em 2020 as fronteiras foram fechadas provisoriamente por um período de 15 dias, mas com o agravamento dos casos de Covid-19, esse período foi estendido indefinidamente. As fronteiras só foram reabertas em 24 de fevereiro de 2022. Mesmo com a pandemia, a entrada de venezuelanos não cessou, e está longe de seu fim. Segundo a dissertação de Jéssika de Sousa Ferreira “Com a situação da pandemia do Covid-19 a fronteira permaneceu fechada e muitos venezuelanos entraram de forma ilegal, quase 80% das pessoas que moram nas barracas permanecem de forma ilegal no país” (Ferreira, 2022, p,70). Para a pesquisa de

¹² https://www.r4v.info/sites/default/files/2023-05/informe_migracao-venezuelana_jan2017-abr2023.pdf

Ferreira (2022) o Brasil foi percebido como um lugar de oportunidade para os migrantes, o que motivava a imigração mesmo com as fronteiras fechadas durante o período de distanciamento social.

De acordo com relatório da “Response for Venezuelans (RV4)” com base nos dados do SISMIGRA, até junho de 2023 havia um total de 477.493 refugiados e imigrante, onde 402.571 possuíam a autorização de residência, 50.878 estavam em processo de solicitação de refúgio e 53.307 já possuíam o reconhecimento de refugiados. Esses dados são variáveis, estão constantemente sendo alterados, já que o fluxo é mutável, a entrada e o retorno ocorrem diariamente tornando os números oscilantes.

Uma questão importante é a diferenciação entre refugiados e imigrantes, tema tratado no capítulo anterior, mas vale ressaltar que o Governo brasileiro adotou os critérios de Cartagena para a definição de Refúgio, de acordo com a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Para a Declaração de Cartagena refugiados são pessoas que:

“sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública” (Declaração de Cartagena, 1984, Terceira Conclusão, p. 3)

Em relação ao deslocamento dos venezuelanos para Manaus, ela ocorre majoritariamente por via terrestre, através da fronteira Santa Helena (Venezuela) com Pacaraima (Brasil), entrando por Roraima e seguindo viagem até Manaus pela BR- 174. Existe também uma parcela de venezuelanos que transitam por outros países da América do Sul antes da chegada no Brasil, podendo entrar no país, e em Manaus, através dos rios. Segundo uma das narrativas contidas no trabalho de Ferreira:

[...]O Brasil tem sido uma porta aberta e se você assistir ao noticiário, por exemplo, minha família está toda vindo pra cá, minha família que estava no Peru veio pra cá, minha sobrinha e eu e meu marido. Todo o resto da minha família que tinha ido para outros países como Chile, Peru

agora estão todos aqui no Brasil [...] (Narrativa imigrante 4 apud Ferreira, 2022, p.72)

Como o maior número de entradas em Manaus ocorre pela BR-174, o entorno da rodoviária apresentou o melhor espaço para a instalação do Posto de Recepção e Apoio. Entretanto, esse espaço de acolhimento e acomodação não foi instalado de forma previamente ao fluxo migratório mais intenso. Silva afirma que:

“[...]o governo brasileiro ao invés de elaborar uma política migratória consistente tratou a migração como uma situação transitória paliada por meio de uma “Operação Acolhida” com início em 2018 caminhando já para o quarto ano de existência em março de 2022. E que mantém o protagonismo do Ministério da Defesa, das Forças Armadas, num papel que já não lhe compete, segundo os dispositivos jurídicos nacionais em vigor.” (Silva, 2022, p.137).

O posto foi construído como medida de intervenção à ocupação que já havia ocorrido no local de forma espontânea, ocupação realizada principalmente por imigrantes indígenas da tribo Warao entre os anos de 2016 e 2018. A seguir entenderemos o contexto que fez a Venezuela deixar de ser um país de imigrantes para um país de emigrantes.

2.3 - História da (e)imigração venezuelana

O fenômeno migratório contemporâneo é complexo, são diversos fluxos mundiais, diferentes lugares de atração e repulsão, e diferentes fatores motivadores, como, guerras, questões ambientais, crises políticas, crises econômicas, e perseguições étnicas-culturais.

Nesse sentido, é considerado importante para essa dissertação, entender quais fatores sócio-históricos e econômicos que motivam os imigrantes venezuelanos a deixarem seu país de origem em direção a outros países. Em linhas gerais, este capítulo indicará alguns acontecimentos que contribuem para pensarmos sobre a atual situação do país e a crescente emigração de venezuelanos.

A República Bolivariana de Venezuela é um país localizado na parte norte da América do Sul, formado por uma parte continental e uma parte insular composta por pequenas ilhas no Mar do Caribe. A capital é a cidade de Caracas, suas fronteiras são: ao leste com a Guiana, a oeste com a Colômbia e ao Sul com o Brasil. É o 32º maior país em extensão territorial. Possui uma variedade de recursos naturais e biomas e abriga uma importante reserva de petróleo.

A população venezuelana em 2021 foi de 28,2 milhões de habitantes, e é marcada pela miscigenação, pois tem raiz indígenas e europeia. O idioma oficial é o espanhol e a região mais populosa situa-se nos centros urbanos.

As primeiras ondas migratórias venezuelanas surgiram no final da década de 1980 e persistiram nas décadas seguintes. Os primeiros venezuelanos a deixarem o país foram intelectuais e profissionais qualificados, e destinaram-se a países da Europa e América.

Desde a morte de Hugo Chávez, e do governo de Nicolás Maduro, o país vem enfrentando conflitos políticos que refletem em um cenário de crises econômicas e humanitárias, crise que causou elevado êxodo da população. Assim, é interessante conhecer alguns fatos históricos que prejudicaram a economia da Venezuela.

A independência da Venezuela ocorreu no ano de 1819 sob a liderança de Simón Bolívar. Com a independência, o país passou a fazer parte da Grã-Colômbia formada por Equador, Panamá, Colômbia e Venezuela e liderada por Simón Bolívar.

A Venezuela deixou a Grande Colômbia em 1829, e iniciou-se um período da história do país denominado de Quarta República. No ano de 1831, um congresso constituinte proclamou a independência da Grã-Colômbia e elegeu o general José Antonio Páez que se manteve no governo até 1844.

Até o século XX a economia do país foi baseada na monocultura, até descobrir as reservas de petróleo. Em 1865 a Venezuela aprovou a primeira concessão de exploração de petróleo a empresas estrangeiras. Em 1878 iniciou a primeira atividade de extração por um grupo venezuelano, porém, a concessão às empresas estrangeiras manteve-se em vigor.

No início dos anos 1920, grandes campos de petróleo foram descobertos no país e ao longo do regime ditatorial do presidente Juan Vicente Gómez foi permitida a exploração das recém-descobertas jazidas de petróleo por parte de companhias estrangeiras, com ênfase para as estadunidenses. (Silva, 2022, p.32)

Foi em 1922 que o grande potencial petrolífero venezuelano foi confirmado com a perfuração de mais poços, assim. “[...] a economia venezuelana sofreu uma profunda transformação passando de agrária para exportadora de petróleo” (Silva, 2022, p.32).

Foram adotadas medidas de substituição dos variados setores da economia pela atividade petrolífera como carro chefe. De 1920 até 1970 a Venezuela já havia se tornado a maior exportadora de petróleo do mundo. Contudo o país se tornou dependente desse setor, e passou a importar produtos que não produzia.

O abandono da agricultura e a economia baseada quase exclusivamente na produção petrolífera acarretou na importação de diversos produtos com custos elevados. O país submetido à dinâmica imposta pela renda petroleira passou a depender tanto da exportação de petróleo quanto da compra de produtos industrializados. Neste período foi estabelecida uma relação de dupla dependência com os Estados Unidos, que atuava no país segundo seus interesses. (Silva, 2022, p.32).

Toda a riqueza gerada pela extração do minério atraiu imigrantes vindos da Europa e de outros países da América do Sul, assim a Venezuela passou a ser um país de destino, diferente do que vivencia na atualidade.

O general Juan Vicente Gómez esteve na presidência até sua morte em 1935. Os generais Eleazar López Contreras e Isaías Medina Angarita, seus sucessores, iniciaram um movimento de liberação da economia e restauração dos direitos civis, o que pode ser entendido como um período de consolidação da democracia.

Isaías Medina Angarita lutou para legalizar os partidos políticos, dessa forma o partido Acción Democrática (AD) se legalizou. Mas um golpe de estado realizado derrubou Medina, e Rómulo Betancourt se tornou a nova figura política. Contudo, “não foi um golpe militar na sua totalidade, mas sim, cívico-militar. Medina se entregou sem resistência, em síntese não possuía traços seguramente ditatoriais, visto que abriu as portas para exilados, legalizou partidos políticos [...]” (Silva, 2022, p. 34).

O crescimento econômico gerado pela atividade petrolífera desencadeou o processo de migração rural-urbana, gerando o crescimento dos grandes centros urbanos.

Isso significa que em pouco mais de quarenta anos da instalação da indústria petroleira, o país sofreu um intenso processo migratório “interno” que encheu as cidades e esvaziou o espaço rural. Assim, na década de 1950, mais da metade da população vivia nos grandes centros urbanos. (Silva, 2022, p. 34)

No ano de 1947 a Venezuela tinha uma nova constituição, e em 1948 ocorreu uma eleição democrática onde Rómulo Gallegos (AD), Rafael Caldera (COPEI) e Gustavo Machado (PCV) concorreram à presidência. E Rómulo Gallegos foi eleito presidente do país, porém no mesmo ano houve um golpe de Estado liderado por Carlos Delgado Chalbaud e Marcos Pérez Jiménez.

Com a morte de Chalbaud, Marcos Pérez Jiménez impôs seu próprio governo, e não reconheceu as eleições de 1952 mantendo-se no poder. Seu governante alinhou-se aos EUA, e foi considerado um mandatário daquele país. Jiménez oferece novas concessões petrolíferas a empresas norte-americanas e criando tratados de livre-comércio.

O governo de Jiménez atingiu altos níveis de desenvolvimento, mantendo a moeda da Venezuela em alta, realizou muitos investimentos em infraestrutura,

principalmente viárias, o que gerou muitos empregos. Nesse período a Venezuela recebeu o maior número de imigrantes europeus, isso devido às facilidades e benefícios oferecidos aos imigrantes. Em 1958, Jiménez fugiu para Miami depois de ser deposto e acusado de vários crimes políticos.

Um fator determinante para a manutenção do governo de Pérez Jiménez foi a sua estreita relação com o governo dos Estados Unidos que financiou na época, muitas das políticas e governos latino-americanos com o intuito de fechar o cerco aos movimentos e países comunistas. (Silva, 2022, p. 35)

A Venezuela vivenciou um ciclo de golpes após golpes que dificultaram a estabilidade política, uma prática recorrente que permitiu por várias décadas a existência de regimes ditatoriais.

A militarização esteve presente na maior parte dos regimes ditatoriais, terminando em 1958 com o advento do Pacto de Punto Fijo, que proporcionou eleições de governo civis até o ano de 1998, quando ocorreu o retorno de um governo militar eleito democraticamente. (Silva, 2022, p. 35)

O Pacto Punto Fijo foi um acordo assinado entre três grandes partidos políticos do país, que foram: 1º - Acción Democrático (AD); 2º - Unión Republicana Democrática (URD) e 3º - Demócrata Cristão Comité de Organización Política Electoral Independiente (Copei). O pacto tinha como finalidade garantir a alternância de poder entre os três partidos integrantes. No entanto, ocorreu a saída da Unión Republicana Democrática (URD), assim o pacto se tornou um “sistema bipartidária caracterizado por uma mínima diferenciação ideológica e, teve sua sustentação garantida ao incorporar outros atores, tais como: as Forças Armadas, a igreja e os empresários, no sentido de sua institucionalização (Villa, 2005 apud Silva, 2022, p. 35).

O acordo promoveu 3 décadas de certa estabilidade política na Venezuela, que na verdade foi uma estratégia de alternância do poder. Ainda o acordo promoveu uma imagem de um país com maior solidez e mais desenvolvido. Esse sistema político de revezamento foi semelhante à política do “café-com-leite” do Brasil.

Este sistema político democrático teve início após a revolta popular que derrubou a ditadura do General Marcos Pérez Jiménez e deu lugar a este novo regime. Embora a queda do ditador tenha ocorrido em decorrência de manifestações populares, contando com forte apoio do partido comunista venezuelano. (Silva, 2022, p. 36).

O pacto também manteve a boa relação com os EUA, principalmente pela não participação de partidos de esquerda no acordo de alternância de poder, de modo que o Partido Comunista da Venezuela, mesmo tendo colaborado para a

queda do regime ditatorial de Jiménez, foi impedido de participar das eleições. “Ademais, o pacto de governabilidade excluía setores, como o Partido Comunista, considerados como forças desestabilizadoras do nascente sistema democrático” (Villa, 2005, p. 153)

Assim, por três décadas a riqueza do petróleo e o pacto promoveram estabilidade, desenvolvimento e bem-estar, tanto que o país ficou conhecido nesse período como “Venezuela Saudita”, em referência a Arábia Saudita e a riqueza gerada pelo minério. No entanto a concentração de renda esteve em alta, e o país negligenciou os setores da agropecuária e da indústria em geral,

Os demais setores produtivos foram prejudicados pelo modelo rentista petrolero, além da corrupção que se manteve constante durante os anos do pacto. No entanto, em três décadas as necessidades básicas da população foram mantidas, e houveram muitos investimentos dos governos em infraestrutura, dessa forma, de maneira geral a população não questionou o governo e não houveram ocorrência de manifestações sociais até a última década de pacto.

A estabilidade política teve grande relação com o petróleo, de 1960 a 1970 o preço internacional do barril subiu de modo significativo, e só após 1980 houve queda. Assim, após 1980 a economia do petróleo começou a desacelerar e os impactos começaram a atingir a população.

Na década de 1980, o país viveu a primeira desaceleração na sua economia e os níveis de pobreza começaram a aumentar e os partidos políticos da Ação Democrática (AD) e o Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI), que mantiveram um reinado de ferro desde a derrubada do General Pérez Jiménez [...] (Silva, 2022, p. 37).

A década de 1980 ficou conhecida como “década perdida” a queda do valor do petróleo geral estagnação financeira e os problemas sociais ficaram latentes no país, esse período de crise impactou tanto a Venezuela como a América Latina como um todo. “O primeiro episódio que evidenciou a deterioração de seu quadro econômico foi a desvalorização da sua moeda” (Silva, 2022, p. 39)

A esperança de que o país retornasse às décadas de riqueza fez o povo eleger pela segunda vez o social-democrata Carlos Andrés Pérez em 1988. Pérez

prometia a recuperação econômica do país, porém a crise, cujo um dos motivos foi a explosão de gastos públicos, se intensificou.

Uma vez eleito, Pérez reagiu à crise adotando um pacote de medidas neoliberais no início de 1989. No entanto, tais medidas não foram muito bem acolhidas pelos setores populares venezuelanos. A opção neoliberal inaugurada em 1989, que incluía um forte ajuste fiscal, privatização das principais empresas estatais, com exceção da petrolífera, e o enxugamento da máquina administrativa do Estado. (Villa, 2005, p.156)

Em 1989 ocorreu a Revolta de Caracazo, uma manifestação popular demonstrando repúdio às medidas econômicas impostas pelo governo de Carlos Andrés Pérez. A manifestação foi liderada pelo tenente-coronel Hugo Rafael Chávez Frías, milhares de pessoas foram às ruas protestar e foram fortemente reprimidas pela segurança pública, o que causou a morte de muitos. No fim, a Revolta de Caracazo foi reprimida, porém teve amplo apoio da população e de destaque a figura de Hugo Rafael Chávez. Pérez foi sucedido por Rafael Caldera que realizou os últimos esforços para manter o Pacto Fijo.

Durante a Revolta de Caracazo o tenente-coronel Hugo Rafael Chávez Frías apoiado pelos Movimento Bolivariano Revolucionário-200 (MBR - 200), realizou a tentativa de um golpe, porém a medida fracassou, “Chávez ficou famoso por que foi o encarregado de ler diante das câmeras o boletim pedindo a rendição dos rebeldes” (Silva, 2022, p. 43). Assim Chávez ganhou popularidade no país, depois de sua anistia fundou o partido Movimento Quinta República (MVR) e se candidatou à presidência. “Sua campanha foi pautada no combate à pobreza, na política de inclusão social e de transferência de renda, garantindo dessa maneira êxito no pleito” (Silva, 2022, p. 42).

Em 1998 ocorreu a candidatura de Hugo Chávez, e em 1999 Chávez ascendeu ao poder e de fato confirmou o fim do Pacto de Punto Fijo. Com o apoio do povo aprovou uma nova constituição. Esse fato trouxe descontentamento aos interesses da elite e deu início de forma moderada às emigrações no país.

[...]os movimentos migratórios iniciados com a ascensão de Chávez foram dos grupos sociais predominantes nos

movimentos do início do século XX, pessoas pertencentes às classes sociais mais ricas e com maior escolaridade, caracterizando um fluxo no qual fica evidente a opção de contraposição em relação ao regime chavista, pois entre 2003 e 2008 o país viveu um período de forte incremento de suas riquezas. (Jarochinski, 2017, p. 03)

A nova Constituição Federal mudou o nome do país para República Bolivariana da Venezuela e alterou a estrutura dos poderes criando o Poder Cidadão e o Poder Eleitoral que somaram aos Executivo, Legislativo e Judiciário. Foi criada a chamada “Lei Habilitante”, essa lei possibilitou ao presidente legislar por decreto em temas específicos como segurança, transporte, infraestrutura, serviços públicos, impostos, finanças, entre outros, sem submeter-se ao Parlamento. No governo Chávez, essa lei foi sancionada quatro vezes.

Devido a Nova Constituição foram realizadas novas eleições presidenciais e legislativas em 1999, dessa forma em 2000 Chávez foi reeleito. Esse fato impulsionou a tentativa de um golpe em 2002.

Hugo Chávez, do ponto de vista político-institucional representou uma ruptura com o modelo pactuado denominado “Punto Fijo”. Para ele, se tratava de um sistema rentista e clientelista a serviço de uma elite política permissiva com concentrações de renda e de poder. Inicialmente, propôs mudanças nas estruturas do Estado e da economia, reconhecendo que o Estado venezuelano era profundamente dependente do petróleo, [...] (Silva, 2022, p. 44).

O governo de Chávez desagradou a classe mais rica do país, por buscar eliminar os privilégios das classes altas e promover medidas assistencialistas para a população de baixa renda.

Como forma de protesto ao governo Chávez, a oposição articulou em dezembro de 2002 uma greve no setor petrolífero. Chávez foi sequestrado e seus apoiadores manifestaram-se nas ruas de Caracas, reunindo segmentos das Forças Armadas e conseguiram o resgate e impedir a tentativa de golpe.

Outra ameaça ao processo teve início em 2 de dezembro de 2002 por iniciativa dos mesmos setores e personagens do golpe anterior. Desta vez, esses setores uniram-se na realização de uma paralisação nacional de 63 dias, que incluiu a paralisação quase total da produção de petróleo, sabotagens, fuga de

capitais, brutal queda da atividade econômica e retração das exportações, entre outras turbulências. (Silva, 2022, p. 45).

Outras ações contra o governo Chávez foram articuladas. Greves, paralisações do setor petrolífero e tentativas de golpes, “Chávez saiu fortalecido, e empreendeu a reforma na gestão da PDVSA retirando seu controle das mãos da burguesia” (Silva, 2022, p. 45). Em 2004 a oposição realizou um referendo popular com objetivo de revogar o mandato de Chávez, porém mais uma vez foram derrotados.

Em 2006 Chávez foi reeleito com 62% dos votos e criou o Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV). “Assim que tomou posse, declarou que o objetivo de seu governo seria guiar o país ao rumo do Socialismo do século XXI” (Silva, 2022, p. 45-46).

O presidente Chávez desenvolveu as chamadas “*Misiones*”, que foram planos sociais assistencialistas para atender a classe popular e a classe média em vários setores como saúde, educação e alimentação. As *Misiones* foram projetadas para serem efetivadas em três períodos, sendo de curto e médio e longo prazo.

O programa de Saúde “Bairro Adentro” foi um projeto de curto a médio prazo que trouxe médicos de outros países para atender os bairros mais pobres do país. O programa “Mercal” objetivou oferecer produtos da cesta básica subsidiados pelo governo, oferecendo alimentos para os mais necessitados, foi programado para ser implementado a longo prazo.

Na área da educação houveram as missões “Robinson” e “Ribas” visando tanto a alfabetização de crianças, como oferecer a oportunidade para jovens e adultos retomarem seus estudos e concluírem o ensino médio. A Missão “Sucre” foi voltada ao ensino superior, responsável pela Universidade Bolivariana, além de oferecer vagas em instituições privadas. De acordo com Silva:

Considerava que a proposta do governo era boa, mas acabou em corrupção, tanto através da população que se inscrevia nos cursos muito mais pensando na bolsa de estudo, do que em sua qualificação educacional (claro que houve quem aproveitasse tal oportunidade), quanto pelos governantes, a corrupção veio principalmente através dos envolvidos na

execução dos programas desvirtuando todo seu objetivo. (Silva, 2022, p. 47).

Apesar dos esforços em desenvolver de forma eficaz as “*Misiones*”, a corrupção trouxe ineficácia para muitos dos programas. Durante todo o governo Chávez, os opositores mantiveram uma postura contra as medidas assistencialistas. Mesmo com todos os obstáculos, o governo conseguiu, por um período, reduzir a fome e a pobreza no país.

Em 2009 promulgou uma emenda constitucional que permitiu a reeleição ilimitada de qualquer cargo eleitoral na Venezuela. Chávez alegou que a medida ampliou os direitos dos cidadãos ao voto. Com a emenda o presidente pode pleitear o terceiro mandato.

Nas eleições de 2012 foi novamente reeleito, contudo não chegou a presidir de fato por motivo de problemas de saúde. Nicolás Maduro vice-presidente assumiu interinamente o cargo ainda em 2012. Chávez foi a óbito em 05 de março de 2013, “[...]logo depois da pronuncia sobre a morte de Chávez, o Ministro da Defesa da Venezuela declarou que a Força Armada Nacional e o povo deveriam apoiar o vice-presidente para a futura eleição[...]” (Silva, 2022, p. 49).

Após as eleições em 14 de abril de 2013 Nicolás Maduro foi eleito com pouca diferença de votos. No cenário internacional, o governo chavista recebeu apoio de países como Cuba, Bolívia e Rússia, no entanto, forte rejeição dos governos de direita.

Sob o comando de Nicolás Maduro a Venezuela ficou marcada por crises, desvalorização da moeda, escassez de produtos básicos, criminalidade, fome, o que é considerado um declínio socioeconômico. O declínio repercutiu no elevado índice de emigração. O ano de 2015 pode ser indicado como um período que deu “start” ao maior fluxo de saída.

Em 2015 as migrações internacionais originadas na Venezuela tornam-se ainda mais relevantes, pois há o início um movimento de saída de pessoas inédito, a grande maioria em virtude dos crônicos problemas de abastecimento de produtos básicos que assolam o país, que não estão disponíveis nas prateleiras dos estabelecimentos comerciais ou são afetados por um processo inflacionário que minimiza o poder de compra das pessoas. (Jarochinski, 2017, p. 06)

A crise econômica foi mais intensa devido aos bloqueios econômicos e sanções por parte dos Estados Unidos e seus aliados. Barack Obama iniciou os bloqueios ainda em 2015, mas foi Donald Trump que assinou sanções proibindo a compra ou venda de ativos que pertenciam à Venezuela em 2018.

A reeleição de Maduro em 2018 foi muito contestada, e acusada de fraudulenta. Depois da reeleição, o país passou a sofrer ainda mais o isolamento da comunidade internacional, visto que muitos países não reconhecem a legitimidade de Maduro. “Antes mesmo da intensificação do fluxo migratório [...] a relação entre os países da região com a Venezuela já mostrava sinais de tensão. Exemplo disso foram os episódios de fechamento e reabertura de suas fronteiras terrestres.” (Moreira, 2021, p. 8).

Em 2015 Maduro solicitou o fechamento da fronteira com a Colômbia a fim de reduzir o contrabando de produtos básicos. Em 2016 houve o fechamento da fronteira com o Brasil, também com a justificativa de combater o contrabando.

Em janeiro de 2019 ocorreu novamente o fechamento da fronteira com o Brasil, “[...]o governo da Venezuela anunciou novo fechamento, após tentativas do líder da oposição de trazer carregamentos de ajuda humanitária em caminhões via cidade fronteira de Pacaraima” (Moreira, 2021, p. 9).

Devido à crise econômica e a escassez, a emigração se intensificou. Os anos de 2018 a 2019 representaram o período de maior êxodo.

Entretanto, a crise que atravessa a Venezuela também está relacionada com a política intervencionista dos Estados Unidos, com boicote, bloqueio e sanção à economia venezuelana. Isso fez com que, embora seja um país produtor de petróleo, enfrenta uma série de dificuldades nas suas relações comerciais, com risco de países sofrerem retaliações dos Estados Unidos. (Silva, 2022, p. 53).

A situação venezuelana impacta diretamente na mobilidade humana, seja de modo voluntário ou forçada. As difíceis condições sociais e econômicas transformaram o país, de um país de imigrantes para um país de emigrantes. Aproximadamente 5,6 milhões de venezuelanos deixaram o país até o primeiro semestre de 2021, e cerca de 85 por cento se mudaram para outro país na América

Latina e do Caribe. Colômbia, Peru, Chile, Equador e Brasil são alguns dos principais países de destino de refugiados e imigrantes venezuelanos. A crise e o grande êxodo também refletem no surgimento de ameaças relacionadas à dispersão do crime organizado, redes de contrabando e exploração de pessoas.

O contexto da política venezuelana dispersou parte de seu povo para outros países. A imigração intensificada nas últimas décadas resultou em mais 425 mil¹³ venezuelanos vivendo no Brasil atualmente.

Entre os imigrantes venezuelanos que chegaram ao Brasil, e a Manaus nos últimos quatro anos, muitos ainda lutam para estabelecer-se, ainda encontram-se em processo de trânsito no território brasileiro, ainda vivenciam as incertezas do ser deslocado, estão na busca por um lugar para chamar de lar.

¹³<https://www.acnur.org/portugues/2023/04/04/apos-5-anos-estrategia-de-interiorizacao-no-brasil-beneficia-mais-de-100-mil-venezuelanos/#:~:text=Esse%20total%20representa%20quase%20um,venezuelanos%20que%20viverem%20no%20Brasil.>

III. A BUSCA VENEZUELANA PELO LAR EM MANAUS

Onde está
Meu irmão sem irmã?
O meu filho sem pai
Minha mãe sem avó?
Dando a mão pra ninguém
Sem lugar pra ficar
Os meninos sem paz
Onde estás, meu Senhor
Onde estás?
Onde estás?
Diáspora - Tribalistas

O Brasil foi entendido como uma terra de oportunidades, dessa forma atraiu imigrantes de diferentes nacionalidades em diferentes períodos. Os diferentes fluxos trouxeram competitividade para os imigrantes que aqui chegaram, pois o “aumento populacional colabora para uma maior disputa por vagas no mercado de trabalho.” (Ferreira, 2022, p. 72)

No que se refere ao fenômeno da imigração venezuelana, que ultrapassou o total de 477.493 no Brasil em 2023, segundo a plataforma R4V, o grande fluxo gerou competitividade para a obtenção de assistência, abrigo e emprego. A migração pode trazer novas perspectivas, mas nunca é um fenômeno fácil de se vivenciar, muitos imigrantes reclamam de saudades da terra natal, saudades da família, da competitividade no novo país e do preconceito.

A presença venezuelana em Manaus passou a chamar atenção a partir do momento em que um grupo de imigrantes indígenas da etnia Warao fixou-se em um acampamento ao lado do terminal entre 2016 e 2018. (Figura 1)

O fenômeno da imigração Warao despertou a atenção de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema, como o Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva do do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Coordenador do Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia (GEMA), além de outros pesquisadores como o geógrafo Pablo Rogério Rosas Costa.

Figura 1: Ocupação Warao nos arredores da rodoviária



Foto: Alberto César Araújo/Amazônia Real. Edição: Mônica Dias 2023

“No Brasil, há registros de presença do povo Warao desde 2014, tendo se intensificado a cada ano.” (Costa, 2022, p.31). Os indígenas Warao apresentaram-se como um desafio para as instituições responsáveis pela políticas de acolhimento, pois esse povo possuem hábitos diferentes dos indígenas brasileiro, possuem língua própria, peculiares noções de parentesco, de infância e de trabalho.

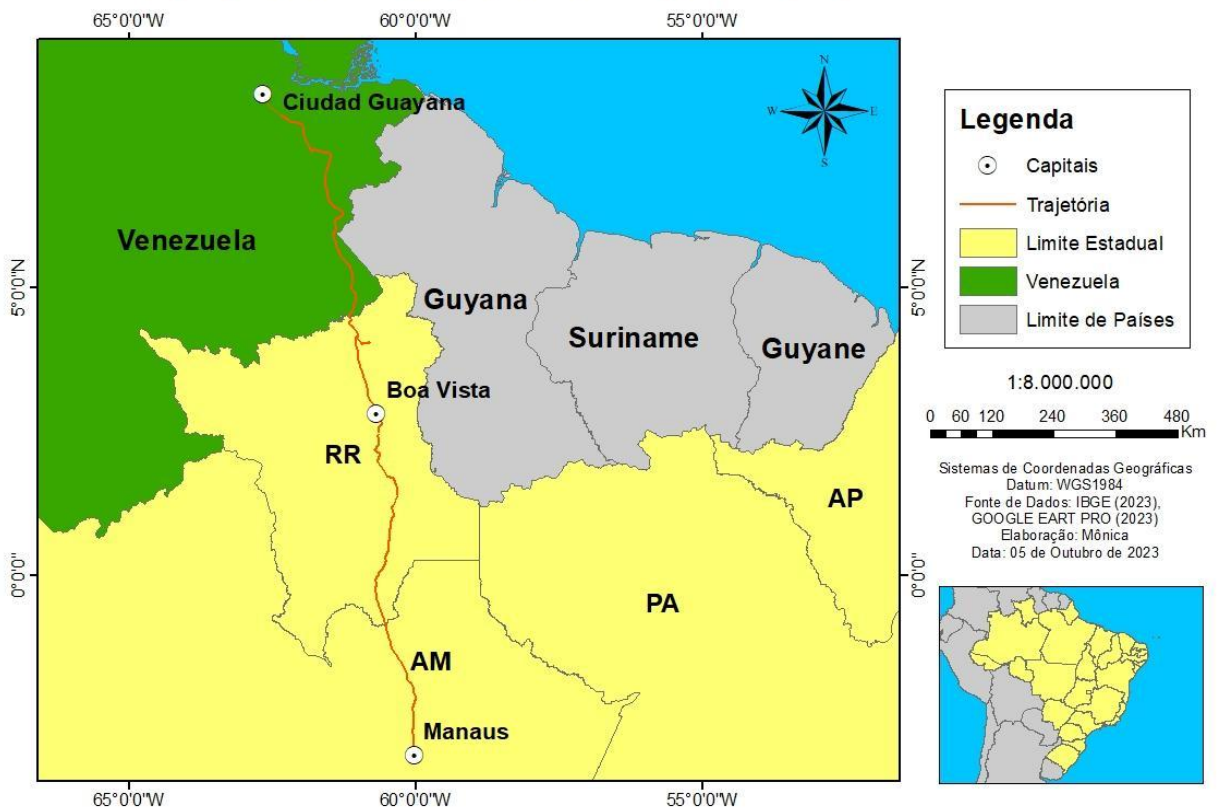
Os Warao são habitantes originários do Delta do Orinoco no Estado Delta Amacuro, na Venezuela, assim concentram-se em três estados, Monagas, Bolívar e Sucre. O nome traz o significado de “povo das canoas” ou “navegantes”. Segundo Costa “O padrão de assentamento tradicional dos Warao é formado a partir de comunidades ribeirinhas, constituindo assim pequenas comunidades ou rancherias.” (Costa, 2022, p. 24). Apesar de Ribeirinhos, hoje vivem em contexto urbano tanto na Venezuela como em países vizinhos. Entretanto, o contexto urbano “não os impediu de conservar aspectos de sua cultura e autonomia social, ainda que em situações de maior ou menor vulnerabilidade.” (Silva, 2018, p.14).

A mobilidade Warao além de ser uma estratégia social e econômica, que promove a circulação de pessoas e mercadoria também se tornou uma característica cultural. Os Warao não têm a prática de migrar sozinhos, migram em grupos familiares.

Os Warao não viajam sozinhos. Tanto as redes de parentesco como os grupos formados ao longo do caminho são de fundamental importância para suas estratégias de fixação e mobilidade, enquanto população indígena transeunte em busca de sustentabilidade num novo contexto. É importante considerar a mobilidade Warao como característica cultural da etnia e como estratégia social e econômica que promove a circulação não apenas de mercadoria, mas sobretudo de relações pessoais fundamentais na definição de papéis sociais e políticos (por exemplo, afirmação e constituição de parentesco e liderança). (Silva, 2018, p.16).

Assim, “as redes de parentesco como os grupos formados ao longo do caminho, são de fundamental importância para suas estratégias de fixação e mobilidade.” (Costa, 2022, p.41). Dessa forma, desde 2017, organizados em grupos de parentesco, os Waraos começaram a instalar-se nas vias públicas e nas praças tanto em Boa Vista como em Manaus, o que resultou na ocupação ao lado do Terminal Rodoviário de Manaus. O mapa da figura 2 indica o trajeto percorrido pelos Venezuelanos até Manaus.

Figura 2: Mapa de localização



Fonte: Elaborado por Mônica Dias Marques (2023).

A ocupação em Manaus tomou uma grande proporção no ano de 2018 e também atraiu imigrantes não indígenas. Logo as famílias foram realocadas para abrigos na cidade (Figura 3), como o abrigo situado no bairro do Coroado, Alfredo Nascimento e outros, e também foram realocados em casas alugadas em diferentes zonas da cidade.

O abrigo do Coroado é gerenciado pela Secretaria Estadual de Assistência Social (SEAS), e ainda em 2018 também passou a atender imigrantes não indígenas, de modo que os indígenas foram acomodados em um outro espaço localizado no bairro Alfredo Nascimento na zona norte de Manaus. Contudo a ocupação continuou crescendo, em 2019 já havia uma média de 500 pessoas no local. “Em agosto de 2019 iniciaram as tratativas para o ordenamento da área próxima à Rodoviária de Manaus, ocupado naquele momento por 536 imigrantes venezuelanos” (Silva, 2022, p.128). As pessoas foram realocadas e o local deu espaço ao Posto de Recepção e Apoio - PRA.

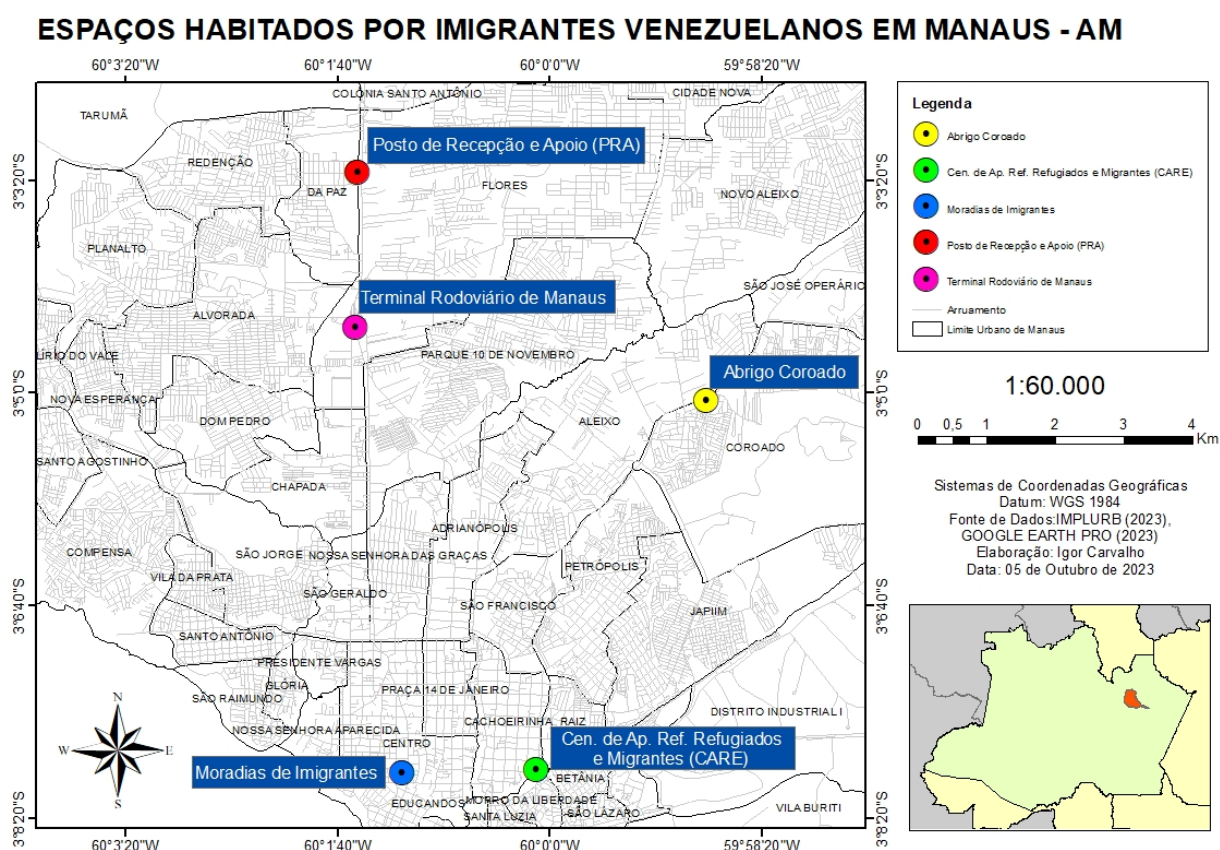
Ao chegarem em Manaus os imigrantes buscavam um espaço para habitar, em seguida iniciaram a busca por empregos a fim de obter uma fonte de renda para atender suas necessidades básicas, como alimentação, vestimentas, medicamentos, além de buscar recursos para enviar à famílias que permaneceram na Venezuela.

O Terminal Rodoviário é o primeiro espaço encontrado quando se chega em solo manauara vindo da Venezuela por meio da BR-174. O Terminal está localizado na Avenida Djalma Batista, número 42, bairro de Flores, no início da rodovia estadual AM-010 que dá acesso a BR-174, uma rodovia longitudinal que interliga os estados brasileiros de Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Roraima à Venezuela.

Muitos imigrantes optaram por permanecer habitando a rodoviária, principalmente por vislumbrar a possibilidade de seguir viagem ou mesmo de retornarem ao seu país. Esse fato não é exclusivo da migração venezuelana, mas se repetem em vários casos de mobilidade pelo mundo. Temos como exemplo um fenômeno recente que é a chegada de imigrantes afegãos no aeroporto internacional de São Paulo. Os afegãos se instalaram no primeiro espaço que tiveram acesso ao chegarem na cidade, nesse caso o aeroporto, como ocorreu na rodoviária de Manaus. Os imigrantes afegãos permaneceram acampados em Guarulhos aguardando ações de acolhimento e ajuda por parte do governo.

Segundo a prefeitura de São Paulo, e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), e a organização humanitária Cáritas, existem esforços para conseguir abrigo para os imigrantes, mas a falta de vagas dificulta a alocação dessas pessoas. (agenciabrasil, 2023).¹⁴

Figura 3: Espaço habitado



Fonte: Elaborado por Igor Carvalho (2023)

O mapa da figura 3 demonstra os espaços habitados pelos imigrantes venezuelanos em Manaus e o espaço do Terminal rodoviário. Na rodoviária o trânsito de imigrantes permanece intenso, dessa forma, no seu entorno formou-se uma gama de serviços para atender os imigrantes. Pessoas da mesma nacionalidade que instalaram espaços para vender alimentos tradicionais da Venezuela, café da manhã, lanche, cigarro, imigrantes realizando atividade de câmbio e transporte de mercadorias para a Venezuela. Além disso, muitos imigrantes

¹⁴<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-04/imigrantes-afegaos-voltam-acampar-no-aeroporto-de-guarulhos>

já instalados na cidade, retornam ao terminal rodoviário diariamente em busca de trabalho, se organizam em grupos e expõem placas oferecendo seus serviços, geralmente homens se disponibilizando para atividades de reparos, pintura, limpeza e construção. Segundo uma colaboradora venezuelana, no local também existia o comércio ilegal de entorpecentes.

O quadro a seguir apresenta os imigrantes que colaboraram com a pesquisa através de suas narrativas. Foram 8 colaboradores que habitaram o PRA durante 2 ou 3 meses entre os anos de 2020 a 2023.

Destacamos a experiência de Dany, que habitou o PRA em 2021, viajou para o estado do Pará e retornou para Manaus e assim para o PRA em 2023. Também destacamos Maria, que não pernoitava no PRA, mas que trabalhou nos arredores do Terminal Rodoviário e utilizava alguns dos recursos do albergue.

Quadro 1: Imigrantes colaboradores da pesquisa

Identificação		Período no PRA e/ou rodoviária	Localização atual
1	Stephy	3 semanas no PRA (2022)	São Paulo
2	Dany	2 anos de entradas e saídas do PRA (2021/2022)	Não identificado
3	Anjo	2 meses (2022)	Santa Catarina
4	Maria	3 anos trabalhando na rodoviária (2020/ 2023)	Manaus
5	Anna	3 meses (2023)	Mato Grosso do Sul
6	Carmen	3 meses (2020)	Manaus
7	Prima de Carmen	3 meses (2020)	Manaus
8	Luz	3 meses (2020)	Paraná
Fonte: Quadro organizada por Mônica Dias Marques			

Percebemos que o Posto de Recepção e Apoio foi, e continua sendo, um espaço de muitas vivências e experiências, muitas histórias e dinâmicas. Efêmero na concretude, mas perene nas memórias de todos os que estiveram envolvidos no fenômeno, e também para os observadores externos. Desse modo, através das

narrativas dos participantes colaboradores conheceremos um pouco sobre as experiências e percepção de alguns imigrantes que habitam este espaço/lugar.

3.1 - Vivências: A busca por um lar, um lugar familiar

Quando a estrada for longa e seu corpo fraquejar, quando não houver caminho nem um lugar pra chegar...É hora do recomeço, recomece a caminhar. (Recomece - Bráulio Bessa).

“Você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui, percorri milhas e milhas antes de dormir”. O trecho da canção nos leva a pensar sobre a realidade vivenciada por muitos imigrantes e refugiados no mundo, pois quando não se pode obter um meio de transporte eficaz, a alternativa é caminhar. *“A gente saiu da Venezuela dia 10, saiu de lá da Venezuela, e dia 12 foi que entramos no Brasil. Viemos de ônibus, carona e andando, tudo isso aí”* (Prima da Carmen, 2023).

Dentre as diferentes narrativas de imigrantes venezuelanos no Amazonas, a prática da caminhada foi um fator que se repetiu dentre as falas. Os imigrantes caminhavam para atravessar a fronteira, e depois que chegavam em uma cidade, caminhavam pela cidade em busca de emprego, de uma habitação, ou mesmo para conhecer a cidade. Quando tinham algo para resolver e não possuíam recursos para o transporte, se deslocavam caminhando. Sobre seu trajeto de retorno a Manaus, Luz retratou:

Caminhamos, caminhamos, caminhamos, caminhamos. Llegamos a Mucajaí caminando. Casi cuando estábamos llegando a Mucajaí vimos a un muchacho, me dijo: “Señorita, está por aquí? Pasé junto a ti esta mañana en Boa Vista”. No lo recordamos porque había tantos autos que no lo sabíamos. “¿Adónde vas?” le preguntó. “Vamos a Manaus”. (Luz, 2023)

Caminhamos, caminhamos, caminhamos, caminhamos. Chegamos em Mucajaí (RR) caminhando, quase quando estávamos chegando em Mucajaí, vimos um rapaz, ele disse: “Moça você está por aqui? Eu passei essa manhã por você lá em Boa Vista”. Nós não lembramos porque eram tantos carros que não sabíamos. “Para onde vão vocês?” Ele perguntou. “Vamos para Manaus.”. (Luz, 2023, tradução nossa)

Também caminhavam para ocupar o tempo e esquecer das preocupações, como disse Maria “[...]*então minha irmã trabalhava eu ficava sozinha caminhando no sol sozinha, caminhava para cá, caminhada para lá, e isso, porque eu estava meio preocupada, desesperada, essas coisas.*” (Maria, 2023, tradução nossa). A senhora Maria relata que caminhava para ocupar seu tempo e distrair sua mente.

A falta de recursos para transporte levou muitos daqueles que conseguiram custear um aluguel, optar por residir próximas às instituições de apoio, dessa forma ainda procuraram estabelecer-se nos bairros próximos à rodoviária, ao PITRIG, à Ong’s e aos centros de apoio, pois assim tinham mais facilidade de acessar esses espaços quando necessário.

Em sua pesquisa Ferreira (2022) também constatou narrativas relatando exaustivas caminhadas realizadas pelos imigrantes venezuelanos:

Do contato direto com migrantes em uma visita a um dos abrigos para venezuelanos na cidade de Manaus (AM) no ano de 2018, ouvimos relatos sobre as dificuldades enfrentadas no caminho percorrido desde a saída de seu país até a chegada ao Brasil. Ouviu-se ainda que muitos em seus trajetos se submetem a longas caminhadas exaustivas, enfrentando situações de preconceito racial, xenofobia, agorafobia logo ao adentrar as cidades brasileiras. (Ferreira, 2022, p. 15).

Ferreira expõe o caso do (IMIGRANTE I) que afirmou ter caminhado por muitos dias até os sapatos danificarem, “[...]*saíamos todos os dias procurando trabalho, o meu pai tinha um sapato que acabou o sapato de tanto caminhar passou a caminhar de sandália, o meu sapato ficou todo acabado.*” (Narrativa Imigrante I *apud* Ferreira, 2022, p.75).

Muitos dos imigrantes albergados no PRA ainda estão em estado de trânsito, ou seja, buscando meios para seguir viagem, dessa forma experimentam as incertezas, de habitar um espaço provisório. Ainda assim não podemos compreender os imigrantes como pessoas “sem lugar”, o não-lugar foi definido por Augé como um espaço que não possui significado, onde os seres humanos permanecem anônimos, no entanto esse conceito, “não-lugar” foi repensado mesmo pelos seus precursores como Relph. Edward Relph definiu o não-lugar como um espaço com pouco potencial de criar significados. O Posto de Recepção e Apoio mesmo sendo um “lugar provisório”, efêmero enquanto sua materialidade, se apresentou como permanente nas experiências e memórias dos imigrantes que o

habitaram.

A palavra “lar” em espanhol é traduzida como “hogar”, traz o significado de espaço onde a família convive reunida. A presença da família é algo muito importante para os venezuelanos, assim como para todos os imigrantes que estão longe da família, para Maria o lar é onde ela pode estar reunida com seus familiares. Anna disse que o lar significa ***“A estabilidade para meus filhos, onde podemos conviver juntos, uma casa”*** (Anna, 2022, tradução nossa).

Claro que a materialidade também é algo muito importante, pois como disse Anna, ***“Eu penso que uma pessoa só consegue sua estabilidade quando consegue uma casa própria e tem o direito de conviver com seus vizinhos, seu bairro, sua cidade.”*** (Anna, 2022, tradução nossa). A casa própria é um bem muito desejado pelos imigrantes. A concretude trás o enraizamento, o suporte físico, a base.

O imigrante precisa abdicar de muitas coisas e deixar seu país, e com isso perde sua estabilidade, perde a concretude da casa, a presença dos familiares e dos amigos. Ao chegar no novo país não se reconhece como do lugar, recriam suas identidades, não são mais o João a Maria conhecidos pelos vizinhos desde a infância, é o imigrante, agora são conhecidos como “o venezuelano, a venezuelana”, a identidade que marca é a nacionalidade.

Paul Claval é radical ao comprar essas desestabilidades migratórias com o fenômeno da morte. Contudo essa ruptura é menos brutal quando a migração ocorre na companhia de conhecidos, quando existe uma rede social, uma comunidade acolhedora.

Viajar é morrer um pouco” Sim, é preciso deixar para trás pais, amigos, os lugares familiares, a casa, o bar em que se reúnem os companheiros, o campo onde joga o time local de futebol. Todos esses laços nos dão segurança, confirmam nossa maneira de ser, confortam nossa identidade. Ao partirmos, eles se afrouxam ou se rompem. (Claval, 2015, p.45).

A experiência do lugar e do lar é impactada por experiências do passado. As experiências de Anna na Venezuela foram marcadas por muitas dificuldades e uma fatalidade familiar, além do fator econômico, a fatalidade motivou a partida para o Brasil.

Vivía con mi hermano y aun no tenía hijos pero yo me vine a Brasil por que no me daba la plata y bueno en verdad venezuela esta muy difisil. Cuando mataron a mi dos hermanos y mi padrastro en la casa preferimos venderla para venirnos a para cá. Porque nos recordaba mucho a ellos. (Anna, 2022).

Eu morava com meu irmão e ainda não tinha filhos, mas vim para o Brasil porque não me deram dinheiro e bem, realmente, a Venezuela é muito difícil. Ah, quando meus dois irmãos e meu padrasto foram mortos dentro de casa, a gente preferiu vender pra vir pra cá. Porque nos lembrou muito deles. (Anna, 2022, tradução nossa).

Depois da fatalidade familiar Anna e sua mãe vieram para o Brasil e moraram na cidade de Pacaraima durante alguns anos. Em Pacaraima a jovem constituiu família e teve um casal de crianças. A mãe de Anna seguiu viagem para o estado do Mato Grosso do Sul, depois de dois anos longe da mãe, Anna rompeu o relacionamento e veio para Manaus com o objetivo de reencontrar a mãe no município de Eldorado. Em junho de 2023 a jovem conseguiu seguir sua trajetória.

Em relação ao Posto de Recepção e Apoio, espaço que Anna habitou durante sua estada em Manaus, Anna não considera como um lar, porém disse que foi **“Um lugar onde se possa viver, uma grande ajuda, uma proteção”** (Anna, 2022, tradução nossa). O lugar não se limita apenas ao espaço concreto, mas se constitui da justaposição, são as relações pessoas que ocorrem sob esse espaço, relações familiares, amizades e experiências. Segundo Ferreira, “quando o migrante não possui parentes e amigos em Manaus, muitos deles procuram igrejas, buscando hospitalidade ou alguma forma de ajuda para permanecer na cidade.” (Ferreira, 2022, p.73). Para a autora, o primeiro fator de fixação do imigrante são as relações pessoais, e o trabalho passa a ser o segundo motivo de fixação.

Lar em espanhol, que é Hogar, e tem como sinônimos: chimenea (chaminé), cocina (cozinha), domicilio (lar), fogón (forno), forja (forjamento), horno (forno), lar (lar), morada (moradia), vivienda (lugar vivido). A palavra Hogar é utilizada para designar um local onde vive um indivíduo ou grupo e que cria neles uma sensação de segurança e tranquilidade. Nesse sentido, difere do conceito de casa, que se refere simplesmente à habitação física. A palavra “lar” originou-se como referência ao local onde a família se reunia para acender para se aquecer e se alimentar.

Tuan na obra “Cosmos” aborda sobre a experiência do lar para uma pessoa cosmopolita, um indivíduo que experienciou diferentes culturas e assim desenvolveu uma percepção diferente sobre o lar. “A experiência geográfica é a diversidade de lugares e de homens, o que se passa noutro lugar não se parece com o que se passa aqui” (Claval, 2015, p. 51)

Ao relatar sua história, Maria diz que foram as novas relações sociais que a fizeram permanecer no Brasil e encontrar aqui em Manaus um sentido de lar. Maria, não pernoitava no Posto de Recepção e Apoio, entretanto passava a maior parte de seus dias no espaço e também utilizava os recursos do PRA, como banho e alimentação. Maria dormia em um apartamento alugado por sua irmã, porém não tinha recursos para custear sua alimentação além do apartamento ser muito pequeno.

Cuando llegué aquí, en enero de 2020, había venido porque tenía una hermana aquí, pero ya vivía con un mecánico y mi hermana trabajaba en la rodoviaria vendiendo ensalada de frutas, y ella pasaba todos los días allí, y yo también, porque no tenía otra alternativa, y me iba a pasar el día a la rodoviaria hasta que mi hermana se fuera. Yo no dormía en la rodoviaria como los refugiados, pero iba por la mañana, desayunaba, almorzaba y llegar a casa a las siete de la noche, entonces mi hermana trabajaba, yo caminaba el sol sola, caminaba para aquí, caminaba para allá, y eso, porque estaba como preocupada, desesperada, estas cosas. Y andaba con una amiga, y por esa amiga conocí a mi marido, lo que pasó fue esto, yo estaba sola ahí en la rodoviaria, yo estaba sola todo el tiempo, todo el tiempo, todo el tiempo, y él también estaba solo, porque no se debió quedar aquí, porque se debió ir a Chile, pero cuando empezó el problema de la pandemia se tuvo que quedar aquí, y yo me quedé aquí también, porque ya me quería volver a Venezuela.[.. .] Nos apoyamos porque me pegué el coronavirus, me pegué muy fuerte, él fue el que me apoyó en el hospital cuando estuve internada, él fue el que me ayudó con la medicación y todo eso, y hoy nos están aquí. (Maria, 2022)

Quando eu cheguei aqui, em janeiro de 2020, eu tinha vindo porque tinha uma irmã aqui, mas já vivia com um mecânico e minha irmã trabalhava na rodoviária vendendo salada de fruta, e ela passava todo o santo dia aí, e eu também, porque não tinha mais outra alternativa, e ia e passava o dia na rodoviária

até que meu irmão sáísse. Eu não dormia na rodoviária como os refugiados, mas eu ia pela manhã, tomava café, almoço e ia para casa era às sete da noite, então minha irmã trabalhava eu ficava caminhando no sol sozinha, caminhava para cá, caminhada para lá, e isso, porque eu estava meio preocupada, desesperada, essas coisas. E eu andava com uma amiga, e por meio dessa amiga eu conheci meu marido, o que aconteceu foi isso, eu estava sozinha ai na rodoviária, ficava sozinha todo o tempo, todo o tempo, todo o tempo, e ele também estava sozinho, porque ele não era pra ter ficado aqui, porque ele deveria ter ido para o Chile, mas quando começou o problema da pandemia ele teve que ficar aqui, e eu também fiquei aqui, porque eu já até queria voltar para a Venezuela.[...] Nós nos apoiamos mutuamente porque eu peguei coronavírus, eu peguei bem forte, foi ele quem me apoiou no hospital quando eu estava internada, foi ele que me ajudou com os medicamentos e tudo isso, e hoje estamos aqui. (Maria, 2022, tradução nossa).

Maria constatou que foram as amizades e o novo companheiro, conhecido aqui em Manaus, que lhe trouxe o sentido de pertencimento a este lugar, que é a cidade de Manaus. Atualmente dez pessoas de sua família estão vivendo aqui em Manaus. Maria relatou emocionada que seu sonho é possuir uma casa própria é um negócio próprio, para assim prover melhor qualidade de vida a família. Ela afirma que o lugar é:

El lugar es algo muy grande, es todo, es todo para mí, es tener a tu familia, es algo grande, tener a tu papá, a tu mamá, a tus hermanos, a tu hijo, a tus nietos, todos juntos, eso es bueno, eso es algo maravilloso, maravilloso demasiado, porque quien tiene una familia quiere tener su familia unida. (Maria, 2022).

O lugar é algo muito grande, é tudo, é tudo para mim, é ter sua família, é algo grande, ter seu papai, sua mamãe, seus irmãos, seu filho, seus netos, todos juntos, isso é bom, isso é algo maravilhoso, maravilhoso demais, porque quem tem sua família, quer ter sua família unida. (Maria, 2022, tradução nossa).

O lugar se estrutura na relação do “eu” com os “outros” e com o espaço. O espaço onde um grupo compartilha uma história situada. Dessa forma constatamos a luta enfrentada por muitos imigrantes para reunir a família.

Aqueles que deixaram os pais, filhos, cônjuge na Venezuela, realizam grandes esforços para trazer os familiares até Manaus. Dessa forma, o desejo por

reunir a família fez a senhora Luz regressar a Venezuela em busca de seus filhos e vivenciar uma jornada de superação para retornar ao Brasil.

[...] ahorramos algo de dinero y compramos algo de ropa, algunas cosas para llevar a Venezuela, y me fui para Venezuela, ya sabes, tenía la necesidad de buscar a mis hijos, de ver a mis hijos. Fui allá y llegué a Venezuela, mi hija estaba feliz y yo feliz. Después de dos meses, mi papá falleció. Sabes, me quedé en Venezuela cuatro o cinco meses, cuando decidí venir aquí, hum, que locura, fue horrible, porque ya vino la pandemia del covid, ya sabes, habían cerrado la frontera, todo estaba mal. Dije, llegaré, porque mi marido está aquí en Manaos, llegaré, llegaré, traeré a mi hija. Hicimos autostop, pasamos por agua, pasamos seco, caminamos, pasamos por ríos, por los cruces tanto de Santa Elena como de Pacaraima, pasamos los cruces y dije: Dios mío, Señor, Padre, Santo, Dios me ayude. que salgamos de aquí. Volvimos al gobierno de Venezuela, y volvimos, tuvimos que parar en cuarentena en un albergue en Venezuela, luego ilegalmente subimos a Santa Elena, y luego tuvimos que hablar con un niño indígena que nos ayudó a cruzar la frontera, que nos ayudó a pasar por los pasos, y yo tenía mucho miedo porque todos los días mataron gente en ese cruce hasta llegar a Pacaraima, fue algo difícil, ¿sabes?, y pregunté: "Señor protege a mis hijos", eso era lo único que me importaba, mis hijos. Luego fuimos a Pacaraima, y yo era el único que tenía documentación, mi hija no tenía documentación, y íbamos a Manaos, pero para subir a un auto, a un bus, había que tener un CPF, "Ai Senhor", y corrí hacia allá, y corrí hacia aquí, y dije: "Señor, abre camino para poder retirar este CPF". En un momento me dijeron: "El Correo de Pacaraima está retirando el CPF", y era verdad, se estaba retirando. Conseguimos el CPF y al día siguiente no teníamos todo el dinero para pagar los billetes, hablé con un chico y me dijo: "¿Tienes cien reales para llegar a Boa Vista?". Cobran 50 reales por cada uno. Llegamos a Boa Vista, vimos el albergue y estaba muy mal, una locura, mis hijos me dijeron que no querían dormir ahí, entonces caminamos y un señor nos dio alojamiento para poner unas hamacas, mi hija mayor dormía en una hamaca y mi hijo y yo dormíamos en otras. (Luz, 2023).

[...]juntamos um dinheirinho, e compramos umas roupas, umas coisas para levar para a Venezuela, e eu fui embora para a Venezuela, sabe, tinha a necessidade de buscar meus filhos, de ver os meus filhos.

Fui para lá, e cheguei a Venezuela, minha filha ficou contente e eu fiquei contente. Depois de dois meses, faleceu meu papai. Sabe, eu fiquei na Venezuela por quatro a cinco meses, quando eu decidi vim para cá, hum, que loucura, foi horrível, porque já veio a pandemia de covid, sabe, haviam fechado a fronteira, era tudo ruim. Eu disse, eu vou chegar, porque meu esposo está aqui em Manaus, eu vou chegar, eu vou chegar, vou trazer minha filha.

Vimos de carona, passamos em água, passamos seca, caminhamos, passamos por rios, por dentro das trochas tanto de Santa Elena como de Pacaraima, passamos pela trochas e eu dizia Deus meu, Senhor, Pai, Santo, Deus nos ajuda a sair daqui. Nós regressamos ao governo da Venezuela, e nós regressamos para trás, tivemos que parar na quarentena em um abrigo na Venezuela, depois ilegalmente subimos para Santa Elena, e aí tivemos que falar com um rapaz indígena que nos ajudou a atravessar a fronteira, que nos ajudou a passar pelas trochas, e eu estava muito assustada porque todo dia matavam gente naquela trocha para chegar em Pacaraima, era uma coisa difícil sabe, e eu pedia - "Senhor proteja meus filhos", que era a única coisa que eu me importava, meus filhos. Daí nós passamos para Pacaraima, e eu era a única que tinha documentação, minha filha não tinha documentação, e nós estávamos indo para Manaus, só que para entrar em um carro, em um ônibus tinha que ter CPF, "Ai Senhor", e eu corria para lá, e corri para cá, e eu dizia "Senhor abre meu caminho para que eu saque esse CPF". Em um momento me falaram: "O Correio de Pacaraima está sacando o CPF", e era verdade, estava sacando. Pegamos o CPF e no outro dia não tínhamos o dinheiro completo para pagar as passagens, falei com um rapaz e ele disse: "Você tem cem reais para chegar em Boa Vista?" Estavam cobrando 50 reais por cada um. Chegamos em Boa Vista vimos o abrigo e era muito ruim, uma loucura, meus filhos me disseram que não queria dormir ali, então fomos caminhando e um rapaz nos deu alojamento para colocarmos umas redes, minha filha mais velha dormiu em uma rede e eu e meu filho dormimos em outras. (Luz, 2023, tradução nossa).

Depois da experiência de retorno a Manaus, Luz conseguiu um espaço para habitar, conseguir emprego, no entanto o marido de Luz foi acometido por uma forte depressão, o esposo não conseguiu assimilar tudo que estava passando com o restante da família que estava na Venezuela, e depois de alguns meses internado numa clínica para tratamento veio a falecer, dessa forma Luz decidiu ir para outro estado. Luz partiu com seus filhos, viajou de carona, ônibus e caminhando, depois de três meses viajando até Santa Catarina. Dessa forma Luz nos relatou sobre sua condição atual.

Gracias a Dios estoy muy bien, tengo un buen trabajo. juntamos un dinheirinho y lo enviamos a Venezuela para traer a mi otro hijo aquí a Foz do Iguaçu [...] Y aquí estamos esperando a mis otros hijos, mis sobrinos, mi hermana. (Luz, 2023).

Graças a Deus estou muito bem, que trabalho bom. Juntamos um dinheirinho e mandamos para Venezuela, para trazer meu outro filho aqui para Foz do Iguaçu [...] E aqui estamos esperando meus outros filhos, meus sobrinhos, minha irmã. (Luz, 2023, tradução nossa).

O lugar, portanto, relaciona-se à própria configuração das vivências marcantes, das histórias de vida, e da noção de identidade e reunião familiar. O lugar não é uma localização física no espaço, e sim as relações sociais estabelecidas entre os seres humanos e o espaço.

3.2 - O Terminal Rodoviário e o Posto de Recepção e Apoio como lugar de ligação

Para alcançar uma fronteira geográfica, basta um par forte de pernas; para alcançar uma fronteira intelectual, é necessária uma mente treinada. (Tuan, 1996, p. 7)

Primeiro é interessante dissertar sobre o Terminal Rodoviário de Manaus, visto que ele foi um centro de atração para os imigrantes, e lócus da pesquisa. Ele atraiu e reuniu, dessa forma possibilitou que os habitantes temporários experimentassem eventos significativos para a existência.

O Terminal tem uma estrutura pequena comparado com outras rodoviárias que atendem a grandes metrópoles, apresenta um fluxo intenso de pessoas e possui lojas de conveniências, caixa eletrônico, e possui um amplo estacionamento que permite a presença de ambulantes e pequenos comércios.

O entorno da rodoviária e circundada por avenidas assim como pelo Viaduto Plínio Coelho, também é conhecido como “Complexo Viário de Flores”, “Viaduto de Flores”, “Viaduto do Aeroclube”, ou “Viaduto da Rodoviária”. Esse espaço vivenciou no ano de 2017 a 2023 uma ocupação realizada pelos imigrantes venezuelanos recém chegados à capital.

O espaço do Terminal Rodoviário de Manaus é um espaço de constante trânsito de imigrantes que necessitam de suporte e orientação, devido a demanda humanitária, foi criado ao lado do terminal o Posto de Recepção e Apoio - PRA.

Apesar do PRA ser um espaço temporário para os imigrantes, algumas famílias permaneceram morando nas barracas por vários meses, existem relatos de pessoas que se estabeleceram entre 3 meses até 1 ano no PRA. Os imigrantes que colaboraram com essa pesquisa, que habitaram esse espaço durante alguns meses, destacaram alguns motivos que orientaram a permanência de imigrantes no espaço do PRA. Os motivos foram:

1. Falta de oportunidade financeira para habitar outro espaço;
2. Expectativa de receber alguma forma de auxílio social;
3. Desejo de economizar para prover a família que permaneceu na Venezuela;
4. Pandemia do Covid-19 onde as oportunidades de emprego reduziram;
5. Aguardando oportunidade de interiorização;

A falta de oportunidade financeira para habitar outro espaço ocorreu principalmente para os recém-chegados, pois ao entrar em Manaus não possuíam renda ou uma rede social estruturada. Como já mencionado, havia um percentual elevado de indígenas, principalmente nos anos de 2015 a 2019 que realmente não possuem perspectivas de obtenção de renda, dessa forma muitos se viram como moradores de rua, e o espaço do entorno do terminal rodoviário se apresentou como um local de agrupamento para essa comunidade.

A prática do agrupamento, ou reunir-se, é bastante comum a moradores de rua, refugiados e outros grupos que compartilham uma identidade. De acordo com Silva “Em Manaus já haviam muitos venezuelanos (as), muitos deles nas ruas, ocupando áreas públicas, como a rodoviária, algo que muito se assemelhava as cidades de Pacaraima e Boa Vista/RR.” (Silva, 2022, p. 132-132)

Edward Relph destacou que um dos aspectos do lugar é a capacidade de reunir, o “lugar como reunião”. O autor não estava se referindo à reunião de indivíduos, mas um lugar que “reúne” e aglutina qualidades, experiências e significados em nossas experiências imediatas” (Relph, 2012, p.22). No entanto,

destacamos que o lugar também reúne e agrupa pessoas que compartilham uma identidade, visto que o lugar é uma construção humana, nele se desenvolvem sistemas de interações sociais. O lugar se estrutura na relação do “eu” com os “outros” e com o “espaço”.

No Posto de Recepção e Apoio, à medida que as ações de assistência, tanto por parte da sociedade civil como por parte do Estado começaram a efetivar-se com benefícios e outras formas de auxílio, alguns imigrantes entenderam essas ações como uma estratégia de beneficiar-se e estenderam a permanência no lugar. Assim, a expectativa para receber alguma forma de auxílio social foi outro motivador do prolongamento da ocupação.

Segundo o venezuelano Anjo, os motivos de permanência no PRA são diversos:

Solo digo una cosa, vine aquí con un solo propósito, vine aquí solo para el mejoramiento de mi familia, pero no todos vinieron aquí con la misma mentalidad y el mismo propósito. Muchas veces llega a estar tirado, en la calle, peleando, tirado. (Anjo, 2022)

Eu só digo uma coisa, eu vim aqui só com um propósito, vim aqui apenas para melhoria da minha família, mas nem todos vieram para com a mesma mentalidade e mesmo propósito não. Muitas vezes vem para ficar jogado por aí, na rua, brigando, jogados. (Anjo, 2022)

Conversando com um colaborador da ACNUR em 2022, ele relatou que era difícil elencar as famílias e indivíduos que tinham maior prioridade para receber assistência e ajudas para aluguéis e outros tipos de benefício entre os imigrantes. Os benefícios eram limitados, portanto havia a necessidade de realizar uma triagem.

Sobre as importâncias das medidas de acolhimento do PRA, uma funcionária do posto nos diz:

Eu acho que é essencial para os imigrantes, sabe, ter esse apoio, aqui eles têm quarto, têm acesso a tudo. Os benefícios que eles têm também, não só aqui no Amazonas, mas no Brasil inteiro, é muito importante, se eles tivessem isso em todo o lugar do Mundo, seria diferente, eles estariam muito melhor, eles vêm de um país difícil, e para ter acesso às coisas é difícil porque eles não têm a língua,

estudo, e aqui a gente abre as portas para eles [...], os auxílios que a gente dá, você acha que eles têm em outro lugar? A gente vê aqui próximo nos Estados Unidos, pode ser um país de Primeiro Mundo, mas olha o que eles fazem com os refugiados, nem se compara com o apoio que tem aqui. Tem muito preconceito né, e é por isso que eu tô te falando. Vou falar dos Estados Unidos que é próximo daqui, o acesso à saúde eles não têm gratuito, o acesso à educação deve ser muito difícil também por causa da língua, porque lá já é outra língua, aqui eles ainda conseguem entender algumas coisas, auxílios, então aqui a gente está disparado. (Funcionária PRA, 2023)

É difícil indicar “expectativa de receber auxílio social” como um fator de permanência no espaço, visto que a grande maioria dos venezuelanos habitantes de PRA estiveram, e ainda estão em situação de vulnerabilidade econômica, essa colocação pode ser interpretada como pejorativa, contudo, foi relatada pela maior parte dos imigrantes venezuelanos que viveram no PRA e colaboraram com a pesquisa.

Apontamos essa percepção por ter sido comunicada em falas, mas também é interessante ressaltar que durante a pandemia do covid-19, o auxílio emergencial possibilitou aos albergados contemplados saírem dessa condição de moradores do PRA, visto que o auxílio foi utilizado para aquisição de apartamento e/ou casa alugadas, como nos indicou Carmen e outros entrevistados.

Atualmente ainda é encontrado alguns imigrantes habitando e pernoitam a área de estacionamento do Terminal Rodoviário. De alguma forma tentam edificar algum tipo de proteção e dispõem suas redes armadas nas grades e cercas da rodoviária.

Figura 4: Habitação na Rodoviária



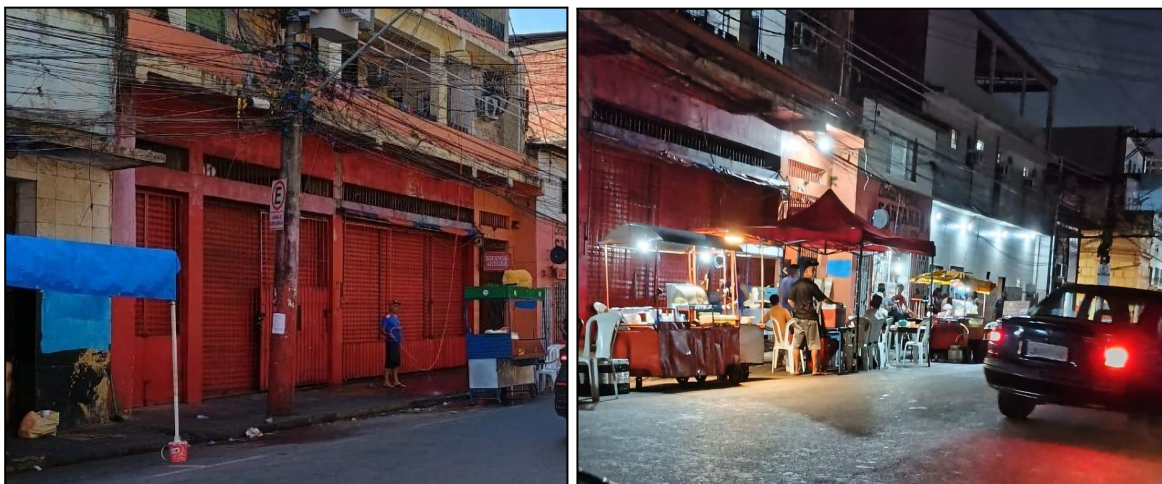
Fonte: Mônica Dias Marques, 05 de agosto de 2023

A rodoviária também se tornou um espaço onde era possível adquirir mão de obra temporários e de baixo custo. Dessa forma, os imigrantes mantiveram o costume de agrupar-se no lugar em busca de trabalho, eram principalmente homens que ficavam próximos em um lugar do entorno da rodoviária segurando placas oferecendo seus serviços. Esse fenômeno ainda ocorre em 2023, tanto na rodoviária como em outras áreas da cidade.

Em outros espaços da cidade também existe a prática do agrupamento de imigrantes oferecendo sua mão-de-obra. Também há o agrupamento de imigrantes trabalhando como vendedores-ambulantes, que consiste na venda de doces, frutas, café e lanche entre outros produtos. Existe um trecho da Avenida Joaquim Nabuco (Figura), que faz esquina com a Rua Quintino Bocaiúva, situadas no centro histórico de Manaus, que atraiu imigrantes que desenvolveram o comércio noturno, com venda de alimentos e bebidas. Segundo Silva (2022) o local ficou conhecido como a

calle de los venezolanos. Essa mesma área convida à habitação por oferecer aluguéis mais econômicos.

Figura 5: Avenida Joaquim Nabuco



Fonte: Mônica Dias Marques (2023)

Alguns colaboradores relataram que existiam imigrantes que possuíam meios de habitar espaços alugados, casa e apartamento, porém optaram por permanecer no Posto de Recepção e Apoio a fim de economizar e poder enviar recursos para a família que está na Venezuela, geralmente homens que estavam em Manaus sem a presença da família, esses saíam para trabalhar durante o dia e retornavam ao PRA apenas à noite.

Conocí a personas que tenían los medios para vivir pero que también se quedaron allí porque querían ahorrar dinero. Pero para mí fue una lucha con ganas de evolucionar más rápido para salir de ahí, eso es lo que me emocionaba, así que salimos de ahí lo más rápido posible. (Carmen, 2023).

Conheci pessoas que tinham os meios para viver, mas que também ficaram ali porque queriam economizar dinheiro. Mas para mim foi uma luta com gana de evolução mais rápido para sair dali, foi o que me animou, aí nós saímos o mais rápido dali. (Carmen, 2023, tradução nossa).

No ano de 2020, durante a pandemia do Covid-19, as oportunidades de emprego se tornaram mais escassas devido ao isolamento social, esse ocorrido

impactou os planos de superação das pessoas que estavam habitando o Posto de Recepção e Apoio, prolongando a estadia no local. A prima de Carmen nos apresentou sua experiência em relação ao fato:

Entonces encontramos a una señora, que la vendimos, y ella fue la que nos recomendó para empezar a trabajar en la UNIP, y nos hicimos la prueba, y le dijimos que no sabíamos hablar, que habíamos estado en Brasil durante 15 días. Entonces logramos quedarnos ahí trabajando, Ella me dio el trabajo y siguió vendiendo garotos porque ella no estaba avergonzada, yo sí, moría. Entonces entonces nos quedamos ahí, cuando pasó mi primer sueldo, a los cuatro días cerraron, cerraron todo por la pandemia, entonces me mandaron a mi casa, pero yo no estaba en casa, estaba en la Rodoviaria, viviendo, no había salido de allí. Se suponía que debía tomar el dinero y salir a alquilar, pero no funcionó, no por la pandemia y todo eso. Luego nos quedamos allí, esperando todo el tiempo hasta julio. (Prima de Carmen, 2023)

Aí a gente achou uma mulher, que a gente vendeu bombom garoto para ela, e foi ela quem indicou a nós para começar a trabalhar na UNIP, e a gente foi para o teste, e a gente falou para ela que a gente não sabíamos nem falar, tinha 15 dias que estávamos no Brasil. Então daí a gente conseguiu ficar lá trabalhando, Ela (Carmen) me cedeu o trabalho para mim, e ela ficou vendendo garotos porque ela não tinha vergonha, eu sim, eu morria. Então daí a gente ficou lá, quando passou no meu primeiro salário, depois de quatro dias fecharam, fecharam tudo por causa da pandemia, então, mandaram para casa, mas só eu não tava em casa, eu tava na rodoviária ainda, morando, não havia saído dali não. Era pra eu pegar o dinheiro e sair e alugar, só que não deu certo não por causa da pandemia e tal. Depois a gente ficou lá, aguardando todo tempo até julho. (Prima da Carmen, 2023, tradução nossa.)

Haviam muitas pessoas habitando as tendas do PRA no ano de 2019, segundo funcionários do PRA o espaço atendia em média 600 pessoas, assim a utilização dos serviços básicos como banho, alimentação eram disputados. Em 2020 o número de pessoas albergadas reduziu, e ficou entre a média 200 a 250.

A senhora Maria também relatou que em 2020 seu esposo havia chegado no Brasil e tinha planos de seguir viagem para o Chile, porém as fronteiras foram fechadas devido ao Coronavírus e ele precisou ficar na Rodoviária. A amiga de

Maria chamada de Luz, narra sua experiência nesse período de pandemia do covid-19.

Bueno, cuando llegué a Manaus, mi marido, con el que vivía, ya estaba en Manaus trabajando, y él me pagó el autobús, para que pudiera encontrarme con él en Manaus, de Boa Vista a Manaus. No lo creí, no lo asimilé, nunca tuve una carpa, ya sabes, allí había lugar para todos, para mí no era una casita, era una carpa. El piso mismo, ahí teníamos nuestras cositas, y yo lloraba todos los días, porque no podía creer que estaba en esta situación. Llegó mucha gente de la iglesia, también llegó gente que no era de la iglesia y trajeron loncheras, había largas colas, se peleaban por la comida, pero yo estaba muy triste porque no podía ver a mis hermanos venezolanos peleándose por un refrigerio, también sentí su situación, porque tenían hambre. Pero también me dio algo ver llorar a los niños. Fue loco. Entonces mi esposo estaba trabajando con un joven, quien entre tantos hombres para trabajar lo eligió y le dio una casa para vivir. y yo vivía en la rodoviaria, porque tenían que terminar el trabajo y yo no podía ir. Oh, vivía en la rodoviaria. Para ducharme me tenía que levantar a las 4 am, 5 am, porque había una cola enorme para ducharme, y era un asco saber, era una ducha con cortina. El lavado también era muy malo porque había que madrugar para poder llegar antes que los demás, y este guarda aquí y allá, en las plantas, encima de las carpas, para poder secarse, era una locura. Tenía que seguir vigilando para que no le robaran la ropa. Luego me acostumbré un poco. Luego hice un curso de portugués, luego comencé a buscar trabajo, a buscar trabajo, lo único que pedí fue trabajo, nunca pedí un real, nunca pedí comida, nada de eso ya sabes.

Un tipo me detuvo un día y me dijo: Oye niña, aquí tienes 50 reales. Le dije que no, no estoy pidiendo dinero, quiero un trabajo, con el trabajo puedo defenderme, usted me da 50 reales ahora y mañana no tengo nada para comer. (Luz, 2023)

Bom quando eu cheguei em Manaus, meu esposo com quem eu estava vivendo, já estava em Manaus trabalhando, e pagou o ônibus para mim, para eu chegar em Manaus, de Boa Vista a Manaus. Eu não acreditei, não assimilava, nunca tive barraca né, ali tinha lugar para cada um, não era uma casa para mim, eram barracas, o próprio piso. Aí tínhamos nossas coisinhas, e eu chorava todo dia, porque não acreditava que estava nessa situação. Chegava muita gente da igreja, chegava pessoas que não eram da igreja também e que levavam marmita de comida, havia longas filas, brigavam por comida, mas fiquei muito triste

porque não podia ver meus irmãos venezuelanos brigando por uma marmita, sentia a situação deles também, porque eles estavam com fome. Porém também me dava uma coisa ver as crianças chorando. Era uma loucura. Aí meu esposo estava trabalhando com um rapaz, que no meio de tantos homens para trabalhar escolheu ele, e lhe deu casa para viver, e eu morava na rodoviária, porque tinham que terminar o trabalho e eu não podia ir, aí eu vivia na rodoviária. Para tomar banho eu tinha que acordar 4 horas da manhã, 5 da manhã, porque era uma fila imensa para tomar banho, e era nojento saber, era um banho com cortina. Para lavar também era muito ruim porque era preciso acordar cedo para poder chegar antes de todo mundo, e estender a roupa por aqui e ali, nas plantas, em cima das barracas, para poder secar, era uma loucura. Tinha que ficar reparando para não roubarem suas roupas. Depois me acostumei um pouco a isso. Aí fiz um curso de português, depois comecei a procurar por um trabalho, procurar por um trabalho, tudo que eu pedia era por um trabalho, nunca pedi um real, nunca pedi comida, nada disso sabe. Um rapaz me parou um dia e me disse: Ei moça, toma 50 reais para você. Eu disse não, não estou pedindo dinheiro, eu quero um trabalho, com trabalho eu posso me defender, 50 reais você me dá agora e amanhã já não tenho o que comer. (Luz, 2023, tradução nossa)

Em 2020 com a pandemia, tanto o PRA como os demais serviços mantiveram suas atividades, na verdade com a crise, houveram atendimentos de saúde e vacinação no espaço do PRA, também houve esforços da Operação Acolhida para promover as medidas de segurança sanitária, mas ainda houve dificuldade para promover e manter o distanciamento social.

No Posto de Recepção e Apoio (PRA), antes da pandemia os imigrantes poderiam apenas pernoitar, mas no período de “quarentena” as tendas ficavam disponíveis 24 horas. Foram feitas marcações no chão, diminuição da capacidade de barracas, distribuições de máscara, álcool em gel nas instalações, também foram colocados tonéis (doação dos médicos sem fronteiras) com água e sabão onde constantemente os imigrantes poderiam lavar as mãos. As mesas dos refeitórios foram retiradas ficando apenas as cadeiras. Essas ações buscavam atender os protocolos de segurança de saúde como o distanciamento social, higienização dentre outros. (Silva, 2022, p.276)

Anna nos explica um pouco sobre as estratégias executadas no PRA durante o período da pandemia do covid-19:

Era bueno, todos teníamos que usar tapabocas, lavarnos las manos antes de comer algún alimento, usar antibacterial después de

lavarnos las manos. En las carpas teníamos que tener una distancia par poder dormir (Anna, 2022)

Foi bom que todos tivessem que usar máscaras, lavar as mãos antes de comer qualquer alimento. Usávamos álcool em gel depois de lavar as mãos. Nas barracas tínhamos que manter o distanciamento para poder dormir. (Anna, 2022, tradução nossa)

Maria nos relatou que após chegar em Manaus, em janeiro de 2020, ocorreu a pandemia do covid-19, e seus planos de retornar a Venezuela foram frustrados por conta do fechamento das fronteiras. Assim, Maria começou a trabalhar na rodoviária junto com sua irmã, ela vendia lanches e café da manhã na rodoviária. Maria relata que durante o período pandêmico houveram muitas ajudas para os imigrantes albergados no PRA, ajudas realizadas por igrejas e outras instituições. Em janeiro de 2021 Maria foi hospitalizada devido ao covid-19.

Estuve en la central durante la pandemia, pasé toda la pandemia en la central, lo único que no hacía era dormir, pero iba en la mañana a vender café, y en la tarde iba a donde Viví, así hice todos los días, llegué aquí en enero de 2020, y la pandemia empezó en marzo y abril, quería ir a Venezuela, pero no pude ir porque cerraron las fronteras, y así cuando llegó la pandemia. , llegaron desde Manaos a iglesias, instituciones y al ayuntamiento. Y muchas fundaciones trajeron comida, kits de limpieza, alcohol, comida, muchas cosas, ayudaron a mucha gente, yo también porque no dormía ahí, pero pasaba mis días ahí. Y durante la pandemia allá en la estación de autobuses no hubo muchos casos de covid. (María, 2023)

Eu estava na pandemia na rodoviária, passei toda a pandemia na rodoviária, a única coisa que eu não fazia era dormir, mas eu ia de manhã e chegava a vender café, e a tarde eu ia para onde eu morava, assim eu fazia todos os dias, eu cheguei aqui em janeiro de 2020, e a pandemia começou em março e abril, eu queria seguir para Venezuela, mas não pude ir porque fecharam as fronteiras, e assim quando chegou à pandemia foi que chegaram às igrejas, instituições e a prefeitura de Manaus. E muitas fundações traziam comida, kits de limpeza, álcool, comida, muitas coisas, ajudaram muitas pessoas, a mim também porque eu não dormia ali, mas passava os dias ali. E durante a pandemia ali na rodoviária não houve muitos casos de covid. (Maria, 2023, tradução nossa)

Maria relatou que houveram poucos casos de covid-19 entre os habitantes do PRA. A imagem abaixo mostra uma estratégia de distanciamento utilizada no espaço.

Figura 6: Medidas de distanciamento social no PRA



Fonte: Tese de Doutorado Simone Tavares (2022). Adaptação Mônica Dias Marques (2022)

A operação Acolhida por meio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) e outras agências de assistência, mantiveram a política de interiorização mesmo no período pandêmico. De acordo com a Plataforma Regional de Coordenação Interagencial - R4V, a interiorização é uma estratégia de apoio à integração socioeconômica de pessoas refugiadas e migrantes da Venezuela, que consiste de acordo com a ACNUR em oportunizar a realocação voluntária de imigrantes que estão em Boa Vista ou/e em Manaus para outros municípios e capitais brasileiras, onde podem encontrar melhores oportunidades de integração social, ingresso no mercado de trabalho, Silva afirmou que em 2019:

Foi acordado que os poderes locais (Estado e Município) cuidavam das questões ligadas ao abrigo e Manaus servia como um hubb (área de trânsito) para as atividades de interiorização, a fim de auxiliar a saída dos imigrantes que vinha de Pacaraima ou Boa Vista, para daí seguir para outras regiões, devido Manaus ter maior oferta de voos regulares. (Silva, 2022, p.133)

A possibilidade de auxílio para a interiorização também estendeu a permanência de algumas famílias no PRA, pois algumas permaneceram no lugar aguardando a data da partida para outros estados. O senhor Anjo disse que permaneceu no PRA por dois meses apenas aguardando sua viagem, e que não viu necessidade de conseguir outro local para residir pois logo iria partir.

Tengo cuatro meses en Brasil, dos meses en Pacaraima y dos meses en Manaus. Vivo aquí desde hace dos meses en el albergue, pero nos vamos a Santa Catarina, tenemos familiares allá. Estamos aquí esperando nuestra salida para Santa Catarina. Durante ese tiempo trabajé para un señor brasileño, pero no tenía trabajo todos los días, por lo que no podía conseguir una casa, no podía ir al departamento de mi prima, porque era demasiado pequeño. Me quedé aquí solo porque estaba esperando mi viaje, gracias a Dios estamos listos porque nos vamos hoy, tenemos los boletos de la ONU, todo está arreglado. (Anjo, 2022).

Tenho quatro meses no Brasil, dois meses em Pacaraima e dois meses em Manaus. Moro dois meses aqui no abrigo, mas vamos para Santa Catarina, temos parentes lá. Estamos aqui apenas esperando a nossa partida para Santa Catarina. Durante esse tempo trabalhei para um senhor brasileiro temporariamente, mas não tinha trabalho todos os dias, assim não conseguia uma casa, também não consegui ir para o apartamento do meu primo, porque era muito pequeno. Assim eu fiquei aqui só porque estava esperando minha viagem, graças a Deus já estamos prontos porque ainda hoje vamos embora, conseguimos as passagens com a ONU, já está tudo arrumado. (Anjo, 2022)

A jovem Stephy de 18 anos, afirmou que estava na rodoviária apenas há duas semanas e que estava aguardando assistência para conseguir passagem aérea para São Paulo, sua mãe já tinha sua passagem comprada, porém Stephy e seu irmão mais novo ainda não haviam conseguido as passagens devido a documentação incompleta.

Dany uma jovem de 20 anos que estava grávida quando a conhecemos, disse que já estava a dois anos no Brasil, durante sua estadia no país, viajou por três estados, Boa Vista, Manaus e Pará. Quando Dany veio de Pacaraima para Manaus habitou alguns meses no PRA, depois viajou para o Pará com o objetivo de reencontrar sua mãe e outros familiares, ficou quatro meses no Pará e decidiu retornar para a Venezuela, assim na viagem de retorno veio para Manaus e

novamente se encontrou na condição de albergada do PRA. Quando contatamos a jovem, ela já estava a três meses no PRA, seu plano era esperar o fim da gestação para retomar a viagem de retorno à Venezuela.

Para Dany o Posto de Recepção e Apoio se caracterizou como um lugar de ligação, um lugar que conectou seus sonhos, planos e objetivos, um lugar que une Venezuela, Boa Vista e Pará. Dany não tinha planos de permanecer em Manaus, mas a necessidade levou a jovem a habitar essa cidade, de modo que a Dany não teve interesse de percorrer os bairros de Manaus, procurar por emprego ou mesmo um outro lugar para residir.

Dessa forma entendemos que não é possível generalizar as motivações que levaram os imigrantes venezuelanos a habitar os arredores do Terminal Rodoviário de Manaus e o PRA, ainda que o fator econômico perpassasse todas as particularidades. A princípio podemos entender a permanência no PRA apenas por meio da perspectiva financeira, contudo quando procuramos identificar as vivências e particularidades dos imigrantes, quando buscamos nos aprofundar sobre o fenômeno, reconhecemos cinco fatores que impulsionam a permanência no PRA.

O Posto de Recepção e Apoio tem como objetivo prestar as primeiras orientações ao imigrante recém-chegados e assim encaminhá-los para o local de documentação, além de oferecer dormitório e alimentação.

Assim, com intuito de organizar o acampamento e melhorar esteticamente a paisagem da rodoviária foi construída uma estrutura de albergado. À medida que o projeto foi se adaptando a demanda migratória a paisagem da rodoviária foi sendo alterada. O que inicialmente era composto de barracas e lonas, após a intervenção militar o lugar ficou com um aspecto mais ordenado. Foi construída uma estrutura de albergamento, que consiste em tendas e overlays (contêineres) para receber e abrigar inicialmente os refugiados até interiorizá-los” (Silva, 2022, p.67)

O espaço do PRA funcionou como um local de pernoite, um local de acolhida imediata e provisória que oferecia alimentação, assistência médica, instalações sanitárias, coleta de lixo, lavanderia e área de convivência, e espaço para os serviços das agências da ONU (ACNUR, OIM, UNFPA, UNICEF).

O PRA possui “regras de boa convivência” indicando o comportamento adequado para os habitantes, de forma que todas as pessoas albergadas devem se comprometer em seguir as normativas que preconizam o respeito mútuo e o sentimento de coletividade. As “regras de boa convivência” visão:

- Preservar o espaço limpo;
- Respeitar as diretrizes locais quanto à proteção infantil;
- Respeitar a diversidade de identidade, de gênero e orientação sexual.

Figura 7: Tendões do Posto de Recepção e Apoio na Rodoviária



Fonte: Jander da Silva Sousa/Seas. Edição Mônica Dias Marques (2023). Disponível em: <https://www.acritica.com/manaus/rodoviaria-de-manaus-sera-local-de-pernoite-para-venezuelanos-1.60509>.

As normativas sobre as “regras de boa convivência” também indicam algumas proibições, que são: agressão, violência física, psicológica, verbal, consumo de álcool, entorpecentes e outras substâncias ilícitas, assim como a prática de relações sexuais no espaço público, urinar e defecar no espaço das tendões.

A violação às regras resulta em advertência, e expulsão para reincidentes. No entanto, infelizmente muitas violações das normativas eram comuns no lugar. Segundo Carmen, que viveu três meses no local.

Todos los venezolanos, todos juntos, se peleaban o se robaban. Robando ropa, robando todo, luego llegamos peleando, no era posible dejar nuestras pertenencias. Peleábamos por todo, por todo. Podíamos estar bien ahí enfrente y alguien venía y peleaba porque estábamos bien. Luego pusieron un vigilante al frente, este tipo no duró ni dos días. (Carmen, 2023)

Todos os venezuelanos, todos juntos, ficavam brigando ou roubando uns aos outros. Roubando roupa, roubando tudo, aí a gente chegava brigando, não dava para deixar os pertences. A gente brigava por tudo, tudo. Podia tá de boa ali na frente e chegava alguém e brigada porque tava de boa. Aí colocaram um vigia aí na frente, esse cara não durou dois dias. Então era complicado. (Carmen, 2023, tradução nossa)

Carmen e suas famílias habitavam o PRA no início do ano de 2020, durante o período pandêmico. De acordo com a moça, os funcionários da SEJUSC recomendaram aos albergados realizarem a própria vigilância dos pertences durante a noite, devendo trabalhar de maneira voluntária em modelo de escala noturna, contudo a recomendação não foi aderida.

De acordo com Carmen, Luz e outros colaboradores, era difícil manter a boa convivência vivendo em um espaço insalubre, com poucos recursos e com muitas pessoas diferentes, é certo que a comunidade de imigrantes que habitavam o PRA compartilham uma identidade é um fenômeno, mas como o colaborador, “En todas partes la gente buena y mala”. (Anjo, 2022).

Segundo Stephy, que também esteve abrigada no PRA em 2020, havia a necessidade de vigilância constante de seus pertences, principalmente à noite, porque o furto era uma prática recorrente entre os albergados do lugar. *“Essa pousada tem muitos problemas, porque as pessoas não se respeitam, roubam, não tem privacidade”*. (Stephy, 2022, tradução nossa).

Os militares estavam sempre na vigilância, contudo sua jurisdição limitava-se apenas a área externa das tendas. As forças armadas tinham a missão de acolher os imigrantes e produzir ordem no Posto, além de promover segurança também aos

cidadãos brasileiros. No final de 2021 o governo do Amazonas assumiu a gestão do espaço, sendo cuidado pela Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania SEJUSC. Assim para Carmen o PRA representou um lugar de atraso, mas também de superação:

Cuando llegué aquí, la rodoviaria representó para mí un abrigo que ayudó mucho a la gente en los primeros días. Pero para mí también fue un retraso, tenía muchas ganas de una casa, una cama, ya sabes. Allí tuve que dormir en el suelo. Para mí fue muy complicado, vine aquí con ganas de superación, pero lo fue me atrasar, pero quizás eso me hizo bien porque sin la comodidad traté de mejorar. Pero fue una experiencia nueva en la que aprendí a valorar muchas, muchas cosas. [...] Para mí fue una lucha con ganas de evolucionar para salir de ahí lo más rápido posible, eso es lo que me emocionaba, entonces salimos de allí lo más rápido posible. (Carmen, 2022)

Quando cheguei aqui, a rodoviária representou para mim uma casa de abrigo que ajudou muito pessoas nos primeiros tempos. Mas também para mim representou um atraso, eu queria uma casa mesmo, uma cama, sabe. Ali eu tinha que dormir no chão. Foi muito complicado para mim, eu vim aqui com desejo de superação, mas fiz foi atrasar, mas talvez assim foi bom para mim porque sem a comodidade fui tratar de melhorar. Mas foi uma experiência nova que aprendi a valorizar muita coisa, muita coisa mesmo. [...] Para mim foi uma luta com gana de evolução para sair o mais rápido dali, foi o que me animou, aí nós saímos o mais rápido dali. (Carmen, 2022, tradução nossa)

Alguns entrevistados apontaram muitos aspectos negativos sobre o Posto, entretanto houveram aqueles que mesmo com as dificuldades demonstraram gratidão pelo acolhimento e pela oportunidade de sair do seu país. Dany disse: *“É bom viver aqui porque dão comida, tem lavanderia, tem banho. Só que aqui diminuiu as coisas, porque antes tinha diária para mulher e homens, antes chegava roupa.”* (Dany, 2022, tradução nossa). Anjo, que esteve no albergue em 2022, não constatou perigo no Posto, com suas palavras: *“Aqui no abrigo não tem perigo para dormir, durante o dia tem poucas pessoas, aqui mais à noite vem mais pessoas.”* (Anjo, 2022, tradução nossa).

Contudo, outros imigrantes apresentam uma perspectiva oposta, identificando perigo. A senhora Maria relata que fez todo o possível para livrar suas filhas de

habitarem o albergamento, pois para ela aquele era um ambiente de insegurança, a mesma senhora constatou que no local havia comércio de produtos entorpecentes, mas segundo os funcionários do Posto, o problema não era específico do PRA, mais do terminal rodoviário, pois há indícios que existe um ponto de venda de entorpecentes no local, sendo muito difícil controlar a entrada desse tipo de produto nas tendas por se tratar de um espaço de ampla circulação de pessoas e sem rigidez de segurança.

O Alojamento de Trânsito de Manaus (ATM) foi desativado em dezembro de 2022, e o prédio oferecia uma estrutura mais organizada e equipada para atender o PRA, assim, em abril de 2023, as tendas da rodoviária foram removidas e todo o serviço e as pessoas albergadas foram realocadas. O espaço fica localizado na avenida Torquato Tapajós, bairro Flores, zona centro-sul. O acesso aos serviços do posto se dá via encaminhamento pelos membros das equipes da SEJUSC na rodoviária e/ou no aeroporto de Manaus, geralmente o posto é o primeiro contato que essas pessoas têm quando chegam no Amazonas.

Nesse momento de transição do endereço do PRA, contatamos uma jovem venezuelana que vivenciou a realidade de habitar o PRA localizado na rodoviária, e o novo espaço localizado no espaço do antigo Alojamento de Trânsito (ATM). Anna, de 22 anos, mãe de duas crianças, trabalhou vendendo balas, chocolate e cigarros embaixo de um guarda-sol no terminal rodoviário, a moça não consegue permanecer no serviço devido aos cuidados com os filhos. Mantivemos contato com a jovem através das redes sociais, e também houve um segundo encontro pessoalmente no novo endereço do PRA. A jovem explicou como era a rotina no PRA da rodoviária.

Bueno ay daban también la comida a la misma ora ya a las 4 oras todos retirabamos colchones para descansar en las carpas y seis oras salíamos a la Rúa y entrábamos a las 4 oras. Era un ambiente muy difícil, más para los niños. Veíamos muchas cosas difícil de explicar pero le doy gracias a Dios que saco a mis hijos de ese lugar. Es horrible, Mucho crimen ayi, la rodoviaria no es lugar para vivir no. Muchas cosas que uno ve pero no puede contar. (Anna, 2022)

Bem, ah, eles também distribuíram comida ao mesmo tempo e às 4 horas todos tiramos colchões para descansar nas

barracas e seis horas saímos para a rua e entramos às 4 horas. Era um ambiente muito difícil, principalmente para as crianças. Vimos muitas coisas difíceis de explicar, mas agradeço a Deus por ter tirado meus filhos daquele lugar. É horrível, muita criminalidade lá, rodovia não é lugar de morar não. Muitas coisas que se vê, mas não se pode contar. (Anna, 2022)

Anna afirmou sentir dificuldades e insegurança quando estava albergada no PRA da rodoviária, e disse que o novo espaço na Avenida Torquato Tapajós era seguro e mantido sempre limpo e organizado. Disse que cada família tem acesso a um quarto e a alimentação 3 vezes ao dia, sendo café, almoço e janta.

Figura 8: Posto de Recepção e Apoio na Avenida Torquato Tapajós



Fonte: Mônica Dias Marques (2023)

O novo espaço possui 55 dormitórios com 3 beliches, assim albergando 6 pessoas por dormitório, e dava prioridade em manter a família unida no mesmo dormitório, os dormitórios são divididos em ala de família, e ala de homens que estão albergados sozinhos. Segundo uma funcionária do PRA, existem quatro tipos de perfis de albergados: 1º) Homens solteiros, 2º) Idosos 3º) Famílias 3º) Mães

solteiras. Dentre o perfil de imigrantes que procuram o PRA, existe a prioridade em acolher idosos e mães solteiras, pois são os grupos que mais enfrentam dificuldade para se inserirem no mercado de trabalho e conseguirem uma moradia.

Figura 9: Novo Posto de Recepção e Apoio



Fonte: Imigrante Anna (2023)

Durante um trabalho de campo no novo PRA, pudemos identificar a presença de muitas crianças brincando nos corredores do prédio. Existe um grande quantitativo de mães solteiras albergadas. As mães encontram limitação para sair em busca de emprego pois não tem com quem deixar as crianças.

Ah, decidí dejar de trabajar para poder prestar más atención a mis hijos, en serio, siempre era algo después de salir, y todos nos duchábamos y luego nos íbamos a dormir todo lo que yo quería porque la mayoría ya estaba trabajando. de noche con crimen. (Anna, 2022)

Ah, resolvi parar de trabalhar para poder ficar mais atenta para os meus filhos, sério, sempre era alguma coisa depois de sair, e todos tomamos banho e depois íamos dormir o tempo que eu queria porque a maioria deles já trabalhava à noite com o crime. (Anna, 2022)

Atualmente o tempo limite de albergamento no PRA é três meses, no entanto pode haver prorrogação por mais três meses. Diariamente pessoas são transferidas do albergue para outros abrigos espalhados na cidade de Manaus, de acordo com

uma funcionária “todos os dias pessoas são transferidas”, assim há uma grande transição de pessoas albergadas. Durante os campos realizados percebemos que os rostos das pessoas albergadas mudavam rapidamente, tivemos contato com pessoas que depois de semanas já não estavam mais ali.

A noção inicial dessa pesquisa, de que haviam imigrantes que permaneceram muito tempo habitando o PRA, foi contestada depois das narrativas. Antes da Pandemia do Covid-19 não existia controle do tempo de permanência dos albergados pela Operação Acolhida, devido ao fato de que o objetivo do espaço do PRA era funcionar apenas como dormitório, portanto os colchonetes eram distribuídos às quatro horas da tarde e recolhidos pela manhã, ainda assim existiram imigrantes que pernoveram durante um tempo recorrente, mas a esses não tivemos acesso durante os campos e coletas de narrativas. Após a pandemia, e após a mudança de gestão da Operação Acolhida para a SEJUSC, os imigrantes foram permitidos habitar o PRA por um período prévio de três meses.

Atualmente o PRA não está totalmente ocupado, apesar do total de 330 acomodações, conta com a metade de albergamentos. O novo PRA também possui lavanderia, banheiros, refeitório e sala de aula. No prédio existem salas que logo serão utilizadas pelo Posto de Interiorização e Triagem (PITRIG), como para oferecer cursos de idiomas.

Figura 10: Estrutura do novo Posto de Recepção e Apoio



Fonte: Mônica Dias Marques 2023

O objetivo atual do PRA é que os imigrantes se tornem independentes, assim, habitando esse espaço, os imigrantes têm autorização para sair trabalhar, estudar ou ter acesso a serviços essenciais, como assistência em saúde. De acordo com a SEJUSC, até 2023, 450 pessoas já haviam sido atendidas pelo sistema de albergamento.

A partir de abril, o terminal Rodoviário adquiriu uma outra paisagem, com a ausência das tendas, o local ficou esvaziado, vendedores ambulantes também deixaram o local visto que perderam a clientela.

Mesmo sem a presença militar, o novo PRA passou a ser mais controlado, a estrutura do prédio possibilitou o controle do fluxo de pessoas, os horários de entradas e saídas, toque de recolher. Os albergados se sentem mais vigiados e controlados, o que é insatisfatório para muitos deles. Contudo a sensação de segurança também cresceu, pois se tornou mais fácil evitar furtos, violência e contravenção.

Figura 11: Rodoviária antes e depois das tendas do PRA



Fonte: Mônica Dias Marques(2020-2023).

Depois de Abril de 2023 a paisagem do “Viaduto da Rodoviária”, ficou esvaziada, sem a presença dos imigrantes, as tendas foram removidas, as pessoas realocadas. Entender esse espaço e sua paisagem, como passageiro efêmero e transmutado.

O PRA rodoviária foi criado com o objetivo de ser momentâneo, contudo, os

motivos que impulsionaram o fluxo venezuelano para a cidade de Manaus não foram solucionados, e estão longe de serem resolvidos. O êxodo ainda ocorre, a chegada dos grupos nesta cidade também. No entanto, os órgãos competentes pelo acolhimento em Manaus compreenderam que o “Viaduto da Rodoviária” não era um lugar adequado para o acolhimento, pois a estrutura das tendas não permitia uma boa gestão, apresentando dificuldade de monitoramento dos imigrantes, das entradas e saídas e a segurança dos albergados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ahh Home. Let me go home. Home is wherever I'm with you.
(Edward Sharpe and the Magnetic Zeros)

Essa pesquisa se deu sobre um espaço específico, que existiu e já não existe, foi transmutado, realocado, um espaço efêmero na concretude, mas perene nas memórias, um lugar que deixou suas marcas na paisagem e na história. A pesquisa retrata um fenômeno que está distante do seu fim, que impacta a vida de pessoas que criam e transformam espaços em lugares.

Os imigrantes venezuelanos que residiram temporariamente o Posto de Recepção e Apoio precisaram deixar seu país, o bairro, a casa da família, o cotidiano que estavam habituados em busca da estabilidade, deixaram seu lugar de origem, seu Lar, e hoje vivenciam a busca por um lugar chamado lar. Dessa forma, as suas vivências reverberam sobre os espaços percorridos, percebidos e habitados

A maioria dos imigrantes que habitam e habitaram o Posto de Recepção e Apoio - PRA relataram que um dos seus sonhos é adquirir uma casa própria, pois assim poderão reunir a família e possuir a estabilidade e tranquilidade da segurança de possuir um lar.

O sonho do imigrante é ter um lugar seu, um lugar de descanso, um lugar que transcende a concretude, mas que não a elimina, pois o imigrante também deseja uma casa, no sentido material, um endereço para receber visitas, uma sala de estar, um cantinho para organizar. Livia de Oliveira nos alerta que a valorização do lugar provém de sua concretude. (Oliveira, 2012, p.12). A casa é um objeto no qual o ser humano desenvolve sentimentos, sejam eles topofílicos e/ou topofóbicos. Assim, buscamos entender a percepção dos imigrantes colaboradores acerca do espaço habitado chamado Posto de Recepção e Apoio - PRA e sobre o espaço da Rodoviária, além de buscar entender o sentido do Lar para os albergados.

Os procedimentos metodológicos previam a realização de trabalho de campo que ocorreram em vários momentos desde o ano de 2021 até 2023, realizamos visitas a SEJUSC, ao Terminal rodoviário, as instalações do PRA, as tendas de

albergamento, e depois da realocação do Posto de Recepção e Apoio, realizamos outras visitas ao novo local.

Desde o início da pesquisa, os responsáveis pela administração do PRA demonstraram resistência à realização de visitas de campo ao espaço, e após a realocação do PRA, tivemos ainda mais dificuldade para acessar as instalações e manter contato com os albergados. Devido a esse empecilho, uma nova estratégia surgiu, com a ajuda de uma colaboradora venezuelana, criamos uma rede de contato com pessoas imigrantes que não estão mais habitando no Posto de Recepção e Apoio, mas estiveram albergados no espaço entre os anos de 2019 a 2023.

Ao todo desenvolvemos contato com 10 pessoas imigrantes, e inserimos na pesquisa as narrativas de 8 dos colaboradores venezuelanos, destes apenas 3 ainda estão residindo em Manaus, os demais já seguiram viagem, realizaram a chamada interiorização para outros estados do Brasil. Assim, após a partida dos colaboradores venezuelanos de Manaus, conseguimos manter contato com apenas uma imigrante, Anna, que hoje está residindo no estado do Mato Grosso do Sul.

Os primeiros contatos com as pessoas albergadas que colaboraram com a pesquisa, surgiram durante os primeiros trabalhos de campo ao PRA e a rodoviária, em seguida mantivemos o contato com colaboradores que foram indicados por Maria. Conseguimos manter contato com os colaboradores por telefone e também com a realização de diferentes visitas de campo. O grau de confiança que se estabeleceu com os colaboradores dependeu da frequência do contato mantido.

Como a permanência dos imigrantes no Posto de Recepção e Apoio era muito dinâmica, durante os trabalhos de campo, nem sempre conseguimos encontrar as mesmas pessoas dos campos anteriores. Assim foi com o auxílio do contato telefônico que conseguimos manter uma maior consistência de conversas com os colaboradores.

Devido à dificuldade de acesso às dependências do Posto de Recepção e Apoio, realizamos trabalho de campo até a casa de venezuelanos já instalados na cidade de Manaus e que habitavam o Posto de Recepção e Apoio em algum momento de sua trajetória migratória.

A colaboradora Maria contribuiu de forma significativa para essa pesquisa, foi ela que nos apresentou, Luz, Carmen, a prima de Carmen, seu esposo, sua família. Com a ajuda de Maria conseguimos realizar trabalhos de campo até a habilitação dessas pessoas e ouvir suas narrativas.

Sobre as coletas de narrativas, a princípio utilizamos a prática de anotação das informações em blocos de nota, contudo muitas informações foram perdidas durante as conversas, devido à dificuldade de registrar tudo que era transmitido. Assim, depois de dois campos, começamos com a prática de gravação de áudios das conversas. Dessa forma passei a solicitar permissão para realizar as gravações. Com o auxílio dos gravados do aparelho celular, deixava o aplicativo ativo e conversava de maneira espontânea com os colaboradores, a prática da gravação era pouco sentida e não despertou resistência.

O interessante sobre a utilização de narrativas adquiridas por conversas livres e espontâneas é que apesar dos tópicos norteadores, que são temas ou questionamentos inseridos nas conversas a fim de obter as informações desejadas, nunca sabemos o rumo da conversa e quais informações as conversas podem nos transmitir. Informações que não tínhamos pretensão de obter podem surgir, e informações desejadas podem não vir à tona. “Enquanto ferramenta teórica, as narrativas permitem a necessária releitura dos processos migratórios apresentados sob a ótica dos próprios migrantes” (Oliveira, 2014, p.62).

Por exemplo, buscamos nas conversas entender como os imigrantes se organizavam para dormir, se tinham um lugar específico de sua preferência, como organizavam seus pertences no limitado das tendas ou “carpas”, no entanto, mesmo que o questionamento tivesse sido inserido em várias conversas, as respostas eram “dormíamos no chão”, “dormíamos no colchonete”, “Não havia cobertura” e “dormimos onde dava”. Talvez no meio de tanta dificuldade, fosse difícil pensar em organização.

A prática da interpretação das narrativas consiste em entender as histórias de vida, as experiências de cada colaborador e elencar aquelas que sustentam ou refutam as impressões do pesquisador. Como pesquisadores, criamos uma perspectiva sobre o fenômeno estudado, levantamos questionamento e alguns problemas a serem investigados.

Foi explicado aos colaboradores que suas identidades seriam mantidas preservadas, assim o nome de cada participante foi substituído por um apelido fictício, essa estratégia foi definida a fim de não objetificar os colaboradores fazendo referência a eles com siglas ou numerações. Por fim, compreendemos que o Posto de Recepção e Apoio, não veio a ser considerado como um lar, mas se apresentou com um lugar de suma importância para os imigrantes, pois oferece suporte para os recém-chegados, permitiu experiências topofílicas, experiências intensas e marcantes, abriu a possibilidade da busca por superação e inserção no Brasil e em Manaus. O PRA e a rodoviária se apresentaram como um lugar de ligação. Um lugar que conectou pessoas vivenciando um mesmo fenômeno, conectou histórias, conectou lugares, conectou sonhos. O PRA de maneira nenhuma se conformou em não-lugar ou em um espaço intercambiável onde os seres humanos permanecem anônimos, um espaço que não possui significado. Mas, como nos ensinou Tuan, “uma pausa no movimento”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACNUR, Declaração de Cartagena. Colóquio sobre Proteção Internacional dos Refugiados na América Central, México e Panamá: Problemas Jurídicos e Humanitários. 1984.
2. ANDRADE, Manuel Corrêa de. Geografia: ciência da sociedade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
3. ARAÚJO, C. M. DE .; OLIVEIRA, M. C. S. L. DE .; ROSSATO, M.. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 33, 2017.
4. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
5. BARROS, Pedro Silva. Chávez e Petróleo: uma análise da nova política econômica venezuelana. In: Cadernos PROLAM/USP, v. 2, p. 209-237. 2006
6. BARROS, Pedro Silva. Governo Chávez e desenvolvimento: a política econômica em processo. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-graduados em Economia Política. São Paulo, 2007.
7. BUTTIMER, Anne. LAR, HORIZONTES DE ALCANCE E O SENTIDO DE LUGAR. Geograficidade, v.5, n.1, 2015.
8. BRASIL, Marília Carvalho. Os fluxos migratórios na região Norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. Cadernos De Estudos Sociais. Recife: v.13, n.1, p.61-84, 1997.
9. BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.
10. BENCHIMOL, Samuel. Amazônia – Formação Social e Cultural. 3 ed, Manaus. Editora Valer, 2009.
11. CAMARGO, J. C. G.; ELESBÃO, I. O problema do método nas ciências humanas: o caso da Geografia. Fortaleza. Mercator. ano 03. n. 06, p. 07-18. 2004.
12. CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Imigração e refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

13. CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Imigração e refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.
14. CIERCO, Teresa. Esclarecendo conceitos: refugiados, asilados políticos, imigrantes ilegais. In: CIERCO, Teresa et al. Fluxos migratórios e refugiados na atualidade. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2017.
15. CLAVAL, Paul. Terra dos Homens: a Geografia. Tradução: Domitila Madureira. 1a. Ed. 2a. reimpressão, São Paulo, Contexto, 2015.
16. CLAVAL, Paul. O território na transição da pósmodernidade. GEOgraphia, ano I, n.2, p.7-26, 1999.
17. CLAVAL, Paul. A geografia e a percepção do espaço. Tradução Silvia Hiller. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.45, n.2, p.243-255, 1983.
18. CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, v.4, n.1, p.37-46, 2014.
19. COSTA, Benhur Pinos et al. (orgs.). Maneiras de ler Geografia e Cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.
20. COSTA, Pablo Rogério Rosas. A migração do povo Warao até Manaus: da rua ao abrigo e a busca por um lugar. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, p.129. 2022.
21. DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade Geográfica. Tradução Werther Holzer. 2a. Ed. São Paulo. Perspectiva. 2015.
22. DUTRA, E.. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia (Natal), v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.
23. FERREIRA, Jessika de Sousa. Do território ao lugar: Venezuelanos em Manaus e a construção topofílica com o lugar. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. p. 109. 2022.
24. GOMES, Rodrigo Dutra; VITTE, Antônio . A geografia e a teoria da complexidade: racionalidades, transmutação molecular, diferenciação de áreas e hibridismo na construção de uma nova matriz espacial. Revista Geonorte, v. 8, p.1-19, 2013
25. HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
26. HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. Revista Território. Rio de Janeiro. Julho/Dezembro, p. 67-78, 1999.

27. HOLZER, Werther. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural Humanista. GEOgraphia (UFF), v.5, n.10, p. 113-123, 2003.
28. HOLZER, Werther. Conceitos fundamentais da Geografia: LUGAR. GEOgraphia. Niterói. Universidade Federal Fluminense. v.21, n.47, 2019.
29. HOLZER, Werther. Paisagem e Lugar: um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.
30. IBGE. Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2000.
31. IBGE. Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2011.
32. IBGE. Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2022.
33. JAROCHINSKI SILVA, J. C.. Migração forçada de venezuelanos pela fronteira norte do Brasil. In: 41º Encontro Nacional da ANPOCS, 2017, Caxambu. Anais do 41º Encontro Nacional da ANPOCS, 2017. v. 1. p. 1-22.
34. JUNGER, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. Refúgio em Números (7ª Edição). Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.
35. JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; TONHATI, Tania; LIMA COSTA, Luiz Fernando. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2023.
36. LEE, Everett S. (1966), "A Theory of Migration", Demography, 3(1), 47-57.
37. MASSEY, Doreen. Space, place and gender. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
38. MARANDOLA JR. Fenomenologia do ser-situado: Crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo. Editora Unesp. 2021
39. MARANDOLA JR, Eduardo; LUGAR E LUGARIDADE. Mercator, Fortaleza, v.19 , e.19008, 2020.
40. MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
41. MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, v. 27, n. 2, p. 407-424, 2010.

42. MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. 5 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2018.
43. MOREIRA, P. G.. Imigração Venezuela-Roraima: Evolução, Impactos e Perspectivas. 2021.
44. NASCIMENTO, Taiane Flores do; COSTA, Benhur Pinós da. Fenomenologia e Geografia: teorias e reflexões. Revista Geografia, Ensino & Pesquisa, v. 20, n.3, p. 43-50, 2016.
45. NÓBREGA, Terezinha Petrócia da. Corporeidades: inspirações merleau-pontianas. Natal, 2016.
46. NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Percepção e representação gráfica: A "geograficidade" dos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus, Edua, 2014.
47. NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Lugar como a representação da existências. p. 83 a 89 in B. P.; PIRES, C. L. Z. (orgs.) Maneiras de Ler Geografia e Cultura. 1 ed. Porto Alegre, Compasso Lugar Cultura, 2013.
48. NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Geografia e a experiência do mundo. Geografia, v. 45, n. 1. 2020.
49. NOLASCO, Carlos. Migrações Internacionais: conceitos, tipologia e teorias. Oficina do CES n.º 434. Coimbra: CES, 2016.
50. OLIVEIRA, Livia de. O sentido de Lugar In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012.
51. OLIVEIRA, Márcia Maria de. Dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea. (Tese de doutorado). Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus. p.340. 2014.
52. PAULA, Jania Maria de. O mito do vazio demográfico amazônico e as tentativas para implantação de colônias de imigração. Research, Society and Development, v. 11, n. 5, 2022.
53. PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macrosociológicas, Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS, Working Papers, 2004.
54. RAVENSTEIN, Ernest George. "The Laws of Migrations", Journal of the Statistical Society of London, v.48, n.2, p.167-235, 1885.
55. RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. In: Geografia, Rio Claro, v. 4, nº 7, p. 1-25, 1979.
56. RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual

o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012.

57. RELPH, Edward. Place and Placelessness. London. Pion. 1976.
58. SILVA, Armando Corrêa. O Espaço Fora do Lugar, São Paulo: Hucitec, 1978.
59. SILVA, Sidney Antônio da; TORELLY, Marcelo. (Org.); ORTOLAN, Maria Helena. (Org.); SANTOS, Sandro Martins de Almeida. (Org.) . Diagnóstico e avaliação da migração indígena da Venezuela para Manaus, Amazonas. 1. ed. Brasília: OIM-Organização Internacional para as Migrações. v. 1. p. 36. 2018.
60. SILVA, Simone Tavares da. CRUZANDO FRONTEIRAS: um estudo sobre mobilidade humana, construção de redes e de novos territórios de imigrantes venezuelanos (as) na cidade de Manaus/Amazonas. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, p.326. 2022.
61. SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; BLANC, C. S. De imigrante a transmigrante: Teorizando a migração transnacional. Tradução de Mário A. Eufrásio; Michele Aparecida de Souza; Célia Toledo Lucena; Geraldo Ribeiro de Sá e Maria Christina Siqueira de Souza Campos. Cadernos CERU, série 2, vol. 30, n. 1, jun. p. 349-394, 2019.
62. SOUZA, Jair Leandro Chaves de. CARODI, Tailini Mendes. "INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR": A DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1985) RESSIGNIFICANDO A COLONIALIDADE. Das Amazônias, Rio Branco, v.2, n.2. p.16-22. 2019.
63. SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia e Fenomenologia: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana. In: Caminhos de Geografia. Uberlândia, v. 14, n. 46, p. 265-272, 2013.
64. SOUZA, M. D. Merleau-Ponty E Sua Influência Na Geografia Humana: Ensaio Para Uma Geografia Fenomenológica. Geografia em Ato (Online), v. 01, p. 01-12, 2015.
65. SOUZA, M. D. GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana. Caminhos de Geografia (UFU), v. 14, p. 265-272, 2013.
66. TUAN, Yi-Fu. Paisagem do medo. São Paulo. Editora UNESP. 2005.
67. TUAN, Yi-Fu. Espaço, Tempo, Lugar: Um Arcabouço Humanista. Geograficidade, v.01, n.01, 2011.
68. TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. (Trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Eduel, 2013.
69. TUAN, Yi-Fu. Cosmos & hearth: a cosmopolite's viewpoint. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

70. TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
71. VILLA, Rafael Duarte. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. Estudos Avançados, São Paulo, vol.19, n. 55, p.57-74. 2005.

SITES:

MIGRAÇÃO. In: Dicionário Etimológico. 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/> Acesso em: 20 fev. 2023.

Acessado em 27/11/2021 <https://migrationdataportal.org/>

Acessado em 27/11/2021 <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/migracoes>

Acessado em 27/11/2021 <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio>

Acessado em 05/07/2022 <https://www.r4v.info/es/node/247>

Acessado em 05/07/2022

<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/dados-consolidados1>

Acessado em 05/07/2022

<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/REF%C3%9AGIO_EM_N%C3%9AMEROS/Refu%CC%81gio_em_Nu%CC%81meros_-_27-06.pdf>